Universidade de São Paulo
Faculdade de Saúde Pública

**Jogo compulsivo e festa trance: dinheiro, performance,
mercado**

Luís Maria Chaves de Almeida e Vasconcelos

**Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Saúde Global e Sustentabilidade para
obtenção do título de Doutor em Ciências.**

**Linha de Pesquisa: Sustentabilidade e Modos de
Vida**

**Orientador: Professor Doutor Rubens de
Camargo Ferreira Adorno**

São Paulo

2019

**Jogo compulsivo e festa trance: dinheiro, performance,
mercado**

Luís Maria Chaves de Almeida e Vasconcelos

**Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Saúde Global e Sustentabilidade para
obtenção do título de Doutor em Ciências.**

**Linha de Pesquisa: Sustentabilidade e Modos de
Vida**

**Orientador: Professor Doutor Rubens de
Camargo Ferreira Adorno**

Versão original

São Paulo

2019

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo da Publicação

Ficha elaborada pelo Sistema de Geração Automática a partir de dados fornecidos pelo (a) autor(a)
Bibliotecária da FSP/USP: Maria do Carmo Alvarez - CRB-8/4359

Vasconcelos, Luís Maria Chaves de Almeida e Vasconcelos
Jogo Compulsivo e Festa Trance : Dinheiro, Performance,
Mercado / Luís Maria Chaves de Almeida e Vasconcelos
Vasconcelos; orientador Rubens de Camargo Ferreira Adorno.
-- São Paulo, 2019.
112 p.

Tese (Doutorado) -- Faculdade de Saúde Pública da
Universidade de São Paulo, 2019.

1. Jogo Compulsivo. 2. Festa Trance. 3. Dinheiro. 4.
Performance. 5. Mercado. I. Adorno, Rubens de Camargo
Ferreira Adorno, orient. II. Título.

Resumo

Vasconcelos LMCA. *Jogo Compulsivo e Festa Trance: Dinheiro, Performance, Mercado* [tese]. São Paulo: Faculdade de Saúde Pública da USP; 2019.

A tese resulta de trabalho etnográfico e reporta a duas práticas ocorridas em Portugal: a) o jogo compulsivo como doença e sua definição continuada através da participação em um grupo de autoajuda denominado Famílias Anónimas e b) a festa trance, lugar onde a dança da música eletrônica aí tocada é considerada como o ápice da participação. Apesar do contraste entre estas duas práticas, em ambos são para ser encontradas formas de construção dos lugares de ocorrência – o das reuniões dos Anónimos e o da festa – e formas de participação que se definem pela intensidade; em ambos, o dinheiro vem a representar um importante papel. A participação nos Anónimos é livre, a que corresponde à festa trance releva de um pagamento. Ainda que ambas devam a sua eficiência à repetição de uma fórmula, é feita uma discussão sobre o uso do dinheiro e a importância do mercado, especialmente na definição ambivalente do que é uma mercadoria, como são os casos de drogas como a *ganza* – aqui, o uso português deste último termo que designa a canábis apenas realça o facto de o texto resultar de trabalho etnográfico – e o LSD, vulgo *ácido*.

Palavras-chave: Portugal, jogo, dinheiro, festa, drogas.

Abstract

Vasconcelos LMCA. Jogo Compulsivo e Festa Trance: Dinheiro, Performance, Mercado [tese]. São Paulo: Faculdade de Saúde Pública da USP; 2019.

The thesis results from ethnographic work and reports two practices that occurred in Portugal: a) compulsive gambling as a disease and its continued definition through participation in a self-help group called Anonymous Families and b) the trance party, a place where electronic music dance is considered as the apex of participation. In spite of the contrast between these two practices, in both are to be found forms of construction of the places of occurrence - that of the meetings of the Anonymous and of the party - and forms of participation that are defined by intensity; in both, money comes to play an important role. Participation in the Anonymous is free, in the trance party there is a payment. Although both of them owe their efficiency to the repetition of a formula, a discussion is made about the use of money and the importance of the market, especially in the ambivalent definition of what a commodity is – as are the cases of drugs such as *ganza* – here the Portuguese use of the latter term for cannabis only highlights the fact that the text is the result of ethnographic work – and LSD –, the *acid*.

Key-words: Portugal, gambling, money, party, drugs.

Sumário

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO 1 - JOGADORES COMPULSIVOS E FAMILIARES EM GRUPOS DE ANÔNIMOS	11
Autoajuda.....	14
A doença	16
A sala.....	19
O dinheiro	22
A frequência.....	24
Dívidas	27
A Frequência prolongada.....	29
Conclusão.....	32
CAPÍTULO 2 – FESTA TRANCE, CANÁBIS E LSD.....	34
Um lugar	39
Para a festa: o público	43
Na festa	51
Do som	56
A pista	59
O ácido	63
Conclusão.....	67
CAPÍTULO 3 – DO MERCADO	69
O mercado	74
CAPÍTULO 4 - EPÍLOGO	80
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	84
Anexos – Anexo 1	91
Anexo 2 – Mobilidade.....	95
Anexo 3 – Mapas.....	99

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Fotografia de publicações dos Anônimos.....	13
Figura 2. Fotografia de pormenor de artigo do Flea Market.....	42
Figura 3. Mapa de mobilidade do público para uma festa	43
Figura 4. Fotografia de Produtor em ação de ordenamento da mobilidade do público	49
Figura 5. Fotografia de elemento decorativo	52
Figura 6. Fotografia de gerador elétrico.....	53
Figura 7. Fotografia de personagem: mulher alada.....	54
Figura 8. Fotografia de pormenor decorativo de um palco.....	61

INTRODUÇÃO

A ter em conta o perfil profissional de seu autor – com itinerário iniciado no estudo de usuários de heroína, droga opiácea considerada um dos paradigmas da dependência – este texto representa um paradoxo. É verdade que quer o jogo, quer a festa são passíveis de brotar de uma mesma categoria ampla, caracterizada pelo que se define como patilhando um carácter lúdico. O paradoxo, em certa medida e ao arrepio desta possível classificação comum, resulta do fato de o chamado jogo compulsivo e a festa trance constituírem duas práticas muito diferenciadas, para não dizer mesmo completamente contrastadas. Disso daremos aqui a devida conta. Mas ele resulta sobretudo da circunstância de trazer para um mesmo texto uma aproximação a uma atividade lícita, o jogo, passível de se constituir para aqueles que o praticam em uma dependência, ao passo que a festa trance se constitui contexto no qual o uso de drogas ilícitas aí levado a cabo vem a encontrar formas que o distanciam de qualquer prática passível de se constituir como tal.

Do ponto de vista da pesquisa, o trabalho etnográfico com os chamados jogadores compulsivos e seus familiares bem como o levado a cabo em festas trance também implica situações muito diferenciadas. Desde logo, é possível participar em festas trance e experienciar a intensidade que elas constroem e convocam. Ora isso não é possível para o jogo compulsivo, a menos, e não é esse o caso, que o pesquisador tenha dele uma experiência prévia. Assim, o trabalho de campo relativo às primeiras foi sendo levado a cabo no período compreendido entre os anos de 2007 e 2014 – mais intenso nos três

primeiros anos –, nomeadamente pela participação em trinta e duas festas, incluindo a participação em quatro festivais Boom, realizados em Portugal em cada dois anos. Com a mesma estrutura organizacional das outras festas, mas com uma muito maior dimensão em área e em número de participantes – cerca de trinta mil –, sobretudo estrangeiros, este festival é não só visto pelos participantes portugueses como paradigma do que é a festividade trance mas também como pináculo de um movimento que se desenvolve no tempo que medeia a realização entre cada uma das suas edições. O campo incluiu ainda a participação no trabalho de montagem em um destes festivais e em catorze festas de menor porte, bem como, para além de Lisboa, cidade de morada do autor destas linhas, várias estadias em duas outras cidades portuguesas – Porto e Leiria – destinadas a melhor conhecer alguns dos trancers aí residentes, alguns deles integrantes das pequenas organizações profissionais – as produtoras – que planeiam, montam e acompanham a realização destas festas. O trabalho de campo relativo ao jogo foi levado a cabo nos últimos três anos e constituído por entrevistas realizadas a jogadores durante os fins de semana – praticamente todos eles trabalham – e pela participação regular, em Lisboa, nas reuniões quinzenais de um grupo Famílias Anónimas, constituído, como o nome indica, por parentes de jogadores. Este último trabalho resulta das minhas obrigações como funcionário público no Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências, agência portuguesa encarregada de monitorar as práticas indicadas pelo seu próprio nome.

Sujeita a uma melhor caracterização, levada a cabo no Capítulo 3, a festa trance vem a ocorrer em lugares que são construídos para uma duração curta, um ou dois dias, no caso do festival Boom uma semana, enquanto o jogo de que aqui se falará é levado a cabo em máquinas, dispostas no interior de casinos. As entrevistas e a participação nas reuniões permitem conhecer as idades e as profissões das pessoas em causa, bem como outra informação considerada relevante para o conhecimento das respetivas trajetórias. A natureza intersticial da festa não. Ela junta algumas centenas ou mesmo milhares de participantes sem que seja possível ao etnógrafo, e durante o tempo a que corresponde a sua realização, caracterizar o conjunto das pessoas – a vasta maioria delas não tornará a vê-las – com as quais interage. Foi por isso levado a cabo um inquérito por questionário em oito das festas participadas, destinado a traçar o perfil sócio demográfico dos participantes. Foram para isso inquiridos 1146 pessoas, correspondentes a dez por cento dos festivaleiros presentes. Os dados a eles referentes foram tratados a partir de um

ficheiro informático, especialmente construído para esse efeito. O inquérito foi autorizado pelos produtores das festas em causa, alguns deles já amigos do pesquisador que, por sua vez, já participara durante um ano em alguns outros eventos. Os assistentes que ajudaram à aplicação desse mesmo inquérito, eles próprios participantes em festas deste tipo e estudantes de antropologia, foram instruídos para, no mínimo, passarem o dia anterior ao início da festa no lugar da sua realização e, assim, serem já conhecidos pelos membros da equipa que levou a cabo a sua montagem.

Dele fazendo parte, a inquirição foi incrustada na continuidade do trabalho etnográfico. Ainda hoje e apesar dos receios iniciais, não sei as razões pelas quais tal inquérito – muito poucas pessoas se recusaram a responder – foi de tão fácil aplicação. Calculo que isso tenha resultado da conjugação de vários fatores: os participantes já me conheciam da participação conjunta em outros eventos ou já tinham ouvido falar da existência de um “antropólogo radical” – designação que nomeia minha profissão e meu interesse pelas festas trance –, ao qual viria a ser dada a alcunha de Papai Noel – Pai Natal – em razão do casaco vermelho por mim usado nas festas participadas no outono e inverno e pelas barbas e cabelos brancos compridos então ostentados. Ou seja, e adiante se verá a sua importância, foram-me atribuídos as características e o nome de um “personagem”. Outros, principalmente os mais experientes, referiram ainda sentirem-se lisonjados pela extensão do seu interesse nas festas a uma atenção passível de ser tratada como trabalho académico. Sem prejuízo de saber da minha presença nas festas, uma boa parte, creio, participou pela simples razão de o inquérito resultar ele próprio em uma situação algo insólita. Vista de fora e situada em lugares afastados de qualquer aglomerado populacional ou mesmo de uma estrada alcatroada, a festa, depois de um percurso automóvel levado a cabo durante a noite, constitui uma emissão de luz e de som que, ainda antes de serem penetrados e habitados – adiante se verá o que isto quer dizer –, parecem irromper do escuro. A este efeito de surpresa uma das informantes chamou mesmo um momento “mágico”. Imagine-se então um cenário no qual, à entrada – sítio onde os inquiridores se colocavam – e mesmo antes de serem feitas quaisquer questões, são para ser encontradas duas ou três pessoas encasacadas, com caneta em uma das mãos e, na outra, folhas de papel iluminadas por uma lâmpada de mineiro colocada nas suas cabeças. O insólito da festa passa a integrar o insólito de um inquérito por questionário aí ocorrido e realizado.

A partir de certa altura, passei a avaliar como parte integrante do trabalho de campo as deslocações necessárias à sua continuidade. Também aí é para ser encontrada uma diferença com os jogadores, que moram na mesma zona do casino que frequentam. As deslocações por mim efetuadas seguem por isso este mesmo padrão. Ao contrário dos jogadores, no entanto, elas não incluem a visita dos casinos da região de Lisboa, por duas razões fundamentais: sendo, como são, lugares sujeitos a um apertado controlo daqueles que o frequentam, a minha presença seria imediatamente avaliada como espúria; a segunda, decorrente da primeira, devido à minha filiação institucional. Sendo uma atividade lícita, os seus dirigentes passam a integrar o conjunto dos “stakeholders”, nome dado às pessoas e instituições que o Estado neoliberal passou a integrar no grupo daqueles que são chamados a integrar e informar as suas decisões. Não seria seguramente útil à manutenção do meu trabalho qualquer conflito entretanto criado. Ao contrário do que acontece com os jogadores e como praticamente todos os presentes nas festas trance, eu tinha de me deslocar da minha morada para os lugares onde as festas se realizam. Para tanto, verifiquei que a soma das distâncias percorridas para esse fim ultrapassa os 10.000 Km, mais de dez vezes o comprimento máximo de Portugal. A este propósito, um dos produtores a residir e estudar na cidade de Lisboa mas oriundo de uma das Regiões Autónomas insulares que integram o território português, afirmou que veio a conhecer a parte continental do país de duas formas distintas: enquanto criança primeiro, através de algumas viagens planeadas por, e na companhia de, seus pais; já como universitário depois, através das deslocações decorrentes de sua participação em várias festas trance. Dito de outra maneira e para resumir, fui tomando consciência de que a mobilidade se constitui parte integrante do objeto em estudo. Os mapas que integram os anexos, desenhados com recurso ao Sistema de Informação Geográfico, são disso um testemunho. As fotografias exibidas e com exceção daquelas em que é indicada a sua autoria, foram tiradas pelo autor destas linhas.

O texto inclui mais quatro capítulos. No segundo é apresentada a atividade dos grupos de Anónimos, no terceiro é descrita e analisada a festa trance e o respetivo uso da canábis e do LSD, no quarto procede-se a uma aproximação à tríade constituída pelo dinheiro, pela adição e pelo mercado, no quinto e último capítulo estabelece-se uma aproximação comparativa entre o jogo compulsivo e a festa trance.

CAPÍTULO 1 - JOGADORES COMPULSIVOS E FAMILIARES EM GRUPOS DE ANÔNIMOS

O capítulo que aqui se apresenta resulta de um estudo realizado em torno de um conjunto de homens e mulheres que vieram a desenvolver um padrão de jogo que os próprios designam como “compulsivo”.¹ Grosso modo e nas características que a compõem, a designação vale para outras classificações como são os casos do “jogo problemático” e “jogo patológico”.

Após uma pesquisa-piloto empreendida em 2013, o trabalho de campo etnográfico, que continua, alargou-se aos anos seguintes e tem vindo a ser realizado na região da Grande Lisboa, em torno dos chamados Jogadores Anónimos (JA), grupo de autoajuda a partir do qual e tendo-o como referência em termos do seu funcionamento, são também levadas a cabo as reuniões dos designados Familiares Anónimos (FA). Como o nome indica, este último é participado essencialmente por parentes de jogadores, alguns deles participantes dos JA, mas tem uma existência completamente autónoma destes. Foi no contacto com integrantes do primeiro grupo que foram encontradas pessoas que concordaram em ser entrevistadas. A coordenadora do segundo permitiu que o autor destas linhas viesse a participar, quinzenalmente, entre as vinte e as vinte e duas horas de um dos dias úteis da semana, em dezenas das reuniões que o constituem. É aliás sobre as práticas deste último que incide a maior parte do texto que aqui se apresenta, sendo que, desta forma, jogo e jogadores passam a ser divisados a partir dos enunciados e práticas dos seus parentes. O trabalho de terreno tem incluído ainda a participação em várias das chamadas Reuniões Abertas, assembleias realizadas em datas marcadas, dirigidas a quem,

¹ Quando introduzidos, estes termos ou expressões serão apresentados entre aspas. Se necessário, o seu sentido será aclarado.

sem distinção e proveniente da “comunidade”, nelas queira participar.² Levadas a cabo durante o fim-de-semana ou ao final da tarde de um dia útil, as Reuniões Abertas são frequentadas sobretudo por membros dos dois grupos acima referidos – ou por pessoas que, sem pertencer a nenhum deles, acompanham a “recuperação” de um parente ou amigo. São encaradas como uma forma de dar conta das participações respetivas, nomeadamente dos progressos efetuados pelos jogadores desde a respetiva “abstinência”.³ Sempre presente, a possibilidade de haver entre a assistência jogadores que, não tendo aderido aos Anónimos, possam, por via desta primeira participação, ser estimulados a fazê-lo. Os organizadores certificam-se de que haja uma mesa com salgados, biscoitos e pequenos bolos. Estas assembleias incluem pelo menos uma intervenção levada a cabo por um jogador ou por um familiar e, em alguns casos, a apresentação e discussão de um tema específico ligado ao jogo. Nessa medida e para este fim, podem, como é frequente, contar com a presença de psicólogos ou psiquiatras convidados. São de incluir ainda no trabalho de campo a presença e participação em duas Convenções. Realizadas em Lisboa no ano de 2015, uma organizada pelos JA, a outra pelas FA, seguem uma organização semelhante a um congresso.⁴

Os Anónimos são um coletivo de autoajuda cuja organização e funcionamento segue um modelo inicialmente criado nos EUA por, e para, alcoólicos, posteriormente estendida ao uso de drogas e, para o que aqui nos ocupa e acima se apresenta, o que a própria “irmandade” caracteriza como jogo compulsivo.⁵ Definem-se, de resto, como sendo dirigidos a qualquer tipo de “adição”. Como o nome indica, tem como princípio fundador o estrito anonimato dos seus membros, razão pela qual e em todas as suas

² O uso do termo “comunidade” não é meramente descritivo. Ainda que a questão não seja, aqui, sujeita a escrutínio, cf. Strathern 2014a: 133-157 para uma discussão sobre o seu significado em diferentes situações sócio culturais.

³ Os Anónimos estabelecem uma diferença entre a “abstinência” e a “recuperação”. A primeira refere-se à paragem dos atos de jogo, a segunda à sua manutenção. A passagem de um estágio para o outro é suposto revelar uma mudança de atitude: a primeira decorre de uma paragem imposta pela situação na qual o jogador se terá colocado – ruturas de relações e dívidas são as mais comuns –, a segunda pela vontade do próprio em manter-se sem jogar. Uma coordenadora do JA de uma região do país resume este processo na fórmula seguinte, correspondente a um enunciado imaginário, realizado por um jogador também ele imaginário: “eu tenho de parar – eu quero parar”.

⁴ Quando falamos de trabalho de campo, seguimos Tim Ingold, que sublinha a etnografia como o estudo *com*, e não das, pessoas (2011: 238). Este trabalho integra as minhas funções no Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências, nome da agência portuguesa dedicada a dirigir e monitorar o trabalho que o nome da instituição desde logo revela.

⁵ Os Alcoólicos Anónimos são designados pelo acrónimo AA. “Irmandade” é um termo usado pelos Anónimos para referir o conjunto das pessoas que integram a organização. Quando se trata de indicar ou nomear pessoas concretas são utilizados os termos “companheira” ou “companheiro”. Para os efeitos deste texto e em termos conceituais, o uso do termo “coletivo” segue o proposto em Latour 1991.

iniciativas – e trata-se de um procedimento muito estrito – se dão a conhecer pelo nome próprio, sem o uso de qualquer apelido. Não há, por isso, reunião regular na qual não seja lida em voz alta o enunciado que se encontra escrito num cartaz, desde o início de cada encontro colocado à vista de todos: “Quem você vê aqui, o que você ouve aqui, ao sair daqui, deixe que fique aqui”.

Figura 1. Fotografia de publicações dos Anônimos

As condições mínimas para a fundação de um grupo restringem-se à existência de pessoas que se caracterizem como portadoras de uma adição particular, que se disponham à participação em reuniões regulares – que constituem a vasta maioria das iniciativas destes grupos – e que contribuam para o pagamento das despesas, nomeadamente o custo do aluguer das salas onde as reuniões se realizam e a reprodução da literatura dos Anónimos. Todos estes coletivos seguem uma orientação comumente designada por Doze Passos, concebidos como outras tantas linhas de orientação cujo efeito cumulativo se dirige a uma mais profunda recuperação dos membros.⁶ As chamadas Doze Tradições – as

⁶ A literatura dos Anónimos inclui publicações nas quais os Doze Passos são apresentados em versões mais ou menos desenvolvidas e, até, comentadas. Para uma versão comum, que é usada nas mesmas reuniões das FA nas quais o trabalho de campo é realizado, v. Jog-Anon s.d.: 7-9. Trazida deste país e copiada à

contribuições em dinheiro são realizadas “de acordo com o espírito” da sétima (Jog-Anon, s.d.: 6) –, por sua vez, referem-se às linhas de orientação relativas à organização e funcionamento dos grupos (Fróis 2009: 35).⁷

Autoajuda

Ser um coletivo de autoajuda significa que os recursos, nomeadamente simbólicos, mobilizados para a intervenção em jogadores compulsivos ou respetivos familiares são-no por pessoas que, por um período mais ou menos prolongado de tempo, têm elas próprias uma experiência de reiteração no jogo ou, como se verá, uma proximidade doméstica com algum jogador. Num texto já clássico sobre os Alcoólicos Anónimos, Paul Antze estabelece uma analogia entre a ação dos grupos que os constituem (2003: 151-152) e os que Victor Turner, a propósito dos Ndembu da Zâmbia, chama “cultos de aflição” (1957). Independentemente das afeções específicas que motivam a adesão a estes grupos, o autor releva o facto de “os rituais necessários ao cobro da aflição serem mais que estritamente curativos”: por via da sua participação, os aflitos são também iniciados no coletivo especializado pela sua recuperação (2003: 151). É a própria experiência do sofrimento que produz os especialistas que, depois, serão chamados a intervir sobre aqueles que se lhes seguem como padecentes.⁸ Tal como nos Anónimos que, de resto, reafirmam que só um jogador pode compreender totalmente outro jogador.⁹

medida das necessidades, a literatura dos FA da cidade de Lisboa apresenta-se escrita em português do Brasil. Para uma etnografia dos Alcoólicos Anónimos na periferia da cidade de São Paulo, v. Campos 2010.

⁷ Trata-se de um conjunto de princípios de fácil aplicação e monitorização. Tais características permitem que o funcionamento de cada grupo possa, mesmo por relação a outro “objeto” – bebidas alcoólicas, produtos psicoativos, jogo, sexo, tabaco –, ser mimetizado por outro que lhe seja antecedente (Fróis 2009: 36). Foi aliás o acontecido com o primeiro grupo de FA da região de Lisboa, cuja primeira reunião, realizada em 31 de Maio de 2011, foi promovida pela mãe de um jogador, até aí e por falta de um dirigido à sua situação específicas, participante de um grupo de familiares de utilizadores de drogas.

⁸ Para uma aproximação ao conceito de experiência, nomeadamente sobre o que nela é feito resultar de algo que irrompe no, e com consequências para além do, quotidiano, Cf. Turner e Bruner 1986. A propósito dos participantes num ritual de aflição dos mesmos Ndembu, Turner explicita o alcance do conceito, explicando que “*é a totalidade da pessoa* e não apenas a “mente” Ndembu *que é existencialmente envolvida* nas questões” implicadas nesse ritual (1969: 43. Sublinhado nosso).

⁹ O sofrimento não é referido pelos Anónimos como uma instância abstrata. Quando instados a explicar uma situação concreta na qual esse sofrimento se exprime, jogadores e familiares tendem a referir como particularmente exemplificativo o momento após uma sessão de jogo, na qual, especialmente quando perde, o jogador se sente profundamente culpado pelas ainda maiores dificuldades que tal perda vem a acarretar para si próprio e, eventualmente, para os que define como lhe estando próximos. As perdas são aqui entendidas como resultando de um processo cumulativo; algumas dessas dificuldades serão, no que segue, objeto de análise.

Não admira que as intervenções nos encontros daqueles que afirmam o jogo como condição partilhada sejam realizadas de forma a induzir naqueles a quem elas se destinam a experiência do que os participantes designam como “identificação”. A este propósito, Catarina Fróis esclarece:

“A ‘identificação’ [...] é expressa de duas formas: por um lado, uma pessoa ‘identifica-se’ com quem relata a sua experiência, uma vez que reconhece as mesmas atitudes e comportamentos que ouve descrever ao outro (id, *ibid.*: 82).

A reunião constitui o momento e o palco principal da ação dos Anónimos, sendo a “partilha” o instrumento fundamental de participação em qualquer destes encontros. O termo designa cada intervenção aí levada a cabo – sempre realizada na primeira pessoa – e é encarada como uma espécie de dádiva através da qual, e em benefício de todos os outros, que ouvem em silêncio, cada um exprime em voz alta a sua própria experiência. Realizadas no seguimento de outras imediatamente subsequentes, a maior parte delas, nos termos do seu emissor e nos pormenores que são específicos à sua própria vida, reitera a prática daqueles que vieram a motivar tais intervenções, os mesmos a quem essas partilhas se dirigem (Fróis 2009: 78-81 e Antunes de Campos 2010: 105-106). A plausibilidade das atitudes a adotar no futuro pelos participantes, sobretudo os mais recentes, assenta na similitude encontrada por todos nos pormenores individuais relativos ao jogo levados a cabo no passado. A sua eficácia é desde logo aferida pela prática daqueles cuja presença é mais antiga. Por essa razão e no plano das reuniões, as partilhas constituem o principal veículo no processo de identificação. E Catarina Fróis aduz a segunda forma através da qual a “identificação” se expressa:

Por outro lado, a ‘identificação’ relaciona-se com o assumir de uma condição específica: alguém que sofre de uma doença” (id., *ibid.*: 82)

Como abaixo se verá, é igualmente em processo que a doença como causação do jogo vai sendo adotada. Falamos de doença no sentido de uma designação escolhida pelos Anónimos eles próprios. Trata-se, por isso, de um conjunto de enunciados e práticas que

lhes são mais ou menos específicas.¹⁰ Ou, dito de outra maneira e para usar a designação proposta por Kleinman, psiquiatra, referimo-nos à doença como *illness* (1988, 1997).¹¹

A doença

Em conversa levada a cabo na rua após uma reunião dos FA, um homem, nela participante pela primeira vez e pai de um jogador, refere que tinha “aprendido” que o seu filho tinha uma “doença”. Assim anunciada, a asserção não dá conta do conjunto de partilhas através das quais aquela conclusão se lhe vem a tornar operatória. Após uma intervenção imediatamente subsequente à narrativa criada pelo homem em causa – “cansado” e “já sem saber o que fazer”, agregara episódios nos quais os continuados atos de jogo do filho se cruzavam com os seus empenhados esforços para que ele os evitasse –, outras intervenções se seguem. Na primeira é enunciada de forma clara a ideia de que a pessoa em causa estava doente e que, estando-o e sofrendo por isso, deveria desde logo ser responsabilizada pela sua abstinência e recuperação, não culpabilizada por um estado que não resultava de uma escolha sua. As que se seguem, agora por relação aos seus próprios parentes, relatam episódios comparáveis aos referidos pelo recém-chegado. O tom com que estas intervenções são feitas – por oposição à voz embargada do homem em causa, tratam-se agora de memórias emotivas, mas contadas em fala firme – encontra um paralelo no modo como ele vem afirmar a importância do que tinha aprendido.

¹⁰ Os Anónimos – foram o primeiro coletivo a fazê-lo – classificam o alcoolismo como doença desde pelo menos os anos trinta do século passado. Na verdade, tratou-se de um processo histórico cujo desenvolvimento veio a tornar disponível tal classificação (cf. Brandt 1997: 56-57). Como se viu, ela foi feita emigrar para outras adições, nomeadamente o jogo. De um ponto de vista geral, este processo tem mais de duzentos anos; Conrad e Schneider caracterizam-no como um movimento de concepções e práticas que evoluíram “do mau comportamento para a enfermidade” (1992). Como abaixo se verá e a ter em atenção o trabalho etnográfico, tal movimento vale igualmente para a dimensão da sincronia. Ou, dito de outra maneira, também os jogadores e seus familiares têm de aprender a conceber o jogo como uma doença.

¹¹ Enquanto conceito, a *illness* remete para a experiência e consequente compreensão que alguém faz da sua própria afetação ou doença. Distingue-se do termo *disease*, que remete para a identificação, classificação e mensuração médica de uma desordem, processo de central importância para a realização do diagnóstico e prescrição do respetivo tratamento. A distinção entre estes dois conceitos é fundamental a fim de que, entre outros aspetos e para o que aqui nos ocupa, sejam evitadas confusões como a verificada em Ferentzy e Turner 2013, que encaram as práticas de uma e outra como concorrentes. No caso português, são os próprios Anónimos – Jogadores ou Familiares – que consideram a sua ação como complementar a outras intervenções, não se coibindo, como já anotado, de convidar psicoterapeutas por si conhecidos, e recomendados, para, enquanto psicólogos ou psiquiatras, intervirem ativamente nas suas iniciativas. Trata-se, aliás e em alguns casos, de uma recomendação mútua. Sobre o pluralismo terapêutico e o trânsito entre os diferentes “sectores de assistência à saúde”, nomeadamente o que envolve aquele que integra os grupos de autoajuda, v. Helman 2003.

A afirmação de que o jogo é uma doença é objeto de repetição, notadamente quando alguém está presente na reunião pela primeira vez. Tal repetição repercute-se nos membros mais antigos. Se, para uns, se trata de uma descoberta, para os outros trata-se de uma forma de, mais uma vez, tornar explícita essa proposição. O facto de ser referido – e repetido – como “doença de sentimentos e emoções” parece, num primeiro momento, não desfavorecer uma abordagem na qual as narrativas contadas sobre as práticas dos jogadores os apresentem como seres passíveis de uma condenação moral. De facto, não são raras as situações em que as partilhas levadas a cabo mesmo por familiares que aderiram ao programa há mais tempo dão conta de posições que parecem justificar o ressentimento dirigido aos jogadores assim colocados em evidência. Ora não são também raras as partilhas – muitas vezes feitas exatamente pelas mesmas pessoas – através das quais o tom que dá conta de procedimentos apresentados como moralmente injustificáveis se transforma, em alguns casos com grande ambivalência, na afirmação da doença como origem de tais práticas.¹²

Isto não significa que essas enunciações abandonem a dimensão moral que é sempre trazida no seu bojo. Na sua variedade, os comportamentos passam a ser atributo de jogadores, agora tidos como uma entidade abstrata. A Joana que perde numa noite o salário do mês ou o Mário que, reiteradamente, veio a prolongar o seu jogo através da contração acumulada de uma dívida passam a ser testemunhos de uma categoria genérica – “os jogadores” ou, simplesmente, “eles” – na qual são detectadas as “falhas de carácter” que, nunca deixando de ser moralmente relevantes, se transformam em características que decorrem de uma condição patológica partilhada.¹³ Ou seja, a ténue fronteira que vem a separar as pessoas-morais-que-jogam dos jogadores-enquanto-doentes é continuamente afirmada por todos, recém-chegados ou não.

¹² A verificação desta ambivalência permite dar uma maior densidade ao conceito de experiência estabelecendo para tanto uma analogia entre o registado em algumas reuniões dos Anónimos e as conclusões de que Turner dá também conta sobre o desdobramento do já mencionado ritual de aflição: “Tal como são encontrados no *Isoma* [nome do ritual de aflição em causa], os símbolos e as relações estabelecidas entre eles não constituem apenas um conjunto de classificações cognitivas para ordenar o universo Ndembu. *Elas constituem [...] um conjunto de dispositivos evocativos que despertam, canalizam e domesticam emoções poderosas como são a raiva, o medo, o afeto e a tristeza.*” (Turner 1969: 43. Sublinhado nosso).

É através desta aproximação que Turner caracteriza os rituais de passagem como correspondendo a uma *performance*. Este último termo é o nome de um conceito que caracteriza uma situação que é constitutiva para as pessoas *através e durante* a sua execução, levada a cabo pelas pessoas elas próprias.

¹³ Todos os nomes aqui referidos correspondem a pseudónimos.

Para os jogadores eles próprios, a nova condição também passa a ter efeitos retroativos. São recorrentes as histórias nas quais é dada nota de uma particular situação na juventude ou num período anterior à fase compulsiva na qual vieram a encontrar-se, e em que terá emergido um comportamento, agora encarado como premonitório. Quer dizer, como o primeiro evento interpretado a contraciclo com a forma como, hoje e resultado da nova tipificação – a doença –, a pessoa se avalia a si própria: uma estranha intensidade emocional de desagrado face à perda de um jogo concreto no qual nem sequer haveria um ganho, de dinheiro ou outro, ou outro comportamento, agora constituinte de ato de jogo ocorrido em outra situação também ela concreta. A este respeito, uma das mulheres entrevistadas faz ressaltar a inadequação daquele seu desagrado, sobretudo porque tendo ocorrido no processo do que deveria ser um prazenteiro jogo de cartas com familiares próximos; uma outra dá pormenores sobre a sua primeira visita a um casino, levada a cabo na companhia de familiares, no estrangeiro, e na qual, após uma série inicial de ganhos, terá sido aconselhada pelo cunhado a abandonar a sala das *slot machines*, guardando dessa forma a quantia entretanto ganha.¹⁴ Ao contrário do que agora acha razoável – na altura, diz, não terá dado ao episódio grande relevância –, só saiu do lugar após ter jogado, e perdido, todo o dinheiro entretanto na sua posse. Trata-se, portanto, da revelação de uma “predisposição [...] que existe como conceito post facto: uma imperfeição ou uma potencialidade cuja assinatura é legível apenas em retrospecto” (Saris 2013: 275).

Se a revelação da existência de uma doença é passível de atribuir um outro sentido ao desejo do jogador, fazendo emigrar a causa do jogo para fora da sua própria vontade, a verdade é que a revelação de tal enfermidade como sendo para toda a vida – e é assim que os Anónimos a definem, projetando-a como não tendo cura –, é passível de trazer outras consequências. Uma das participantes habituais no grupo das FA diz que, se esta concepção, a ela transmitida na primeira reunião em que esteve presente, a libertou daquilo que definiu como o “grande peso da culpa” que sentia face ao filho, a verdade, complementa, é que também ficou “angustiada” por saber que teria de lidar com tal situação durante o resto da sua vida. Ou seja, a ambivalência pode estar presente mesmo quando Gregory Bateson, com argúcia, explica como a aproximação deste coletivo de

¹⁴ A designação *slot machines* é usada nos EUA para referir a generalidade das máquinas onde diversos tipos de jogos podem ser levados a cabo. Ainda que haja outras designações, usadas noutros países e geralmente referentes, cada um deles, a um tipo específico de jogo, o nome, e por isso o empregamos aqui, é também o mais usado internacionalmente (Dickerson 1996: 154, 164). O termo mais usado pelos próprios jogadores durante o trabalho de campo foi a palavra “máquinas”.

autoajuda permite encarar de outra maneira a culpa presente nos jogadores e respectivos familiares e, assim, naquilo que isso releva diretamente de uma ordem moral, neutralizar os seus efeitos, mobilizando agora para a ação do cotidiano a totalidade dos recursos terapêuticos presentes nas relações entre uns e outros (1971).¹⁵

Na sua etnografia sobre os Anónimos, Catarina Fróis explica como aquilo que definem como doença constitui um estado que é “aceite axiomáticamente” e que “procuram até não tomar parte nessa discussão, negando expressamente [...] a sua validade” (id., *ibid.*: 138). Sendo assim, ela não se configure como resultado que a torne imediatamente operatória. Constitui uma aprendizagem que, ao nível das reuniões, decorre das suas aplicação e enunciação continuadas na prática das partilhas.

O alívio exprimido pelo pai do jogador acima referido apenas permite concluir que a aprendizagem da nova categoria o mobilizou para a participação em um processo com determinadas características. Ou, dito de outra maneira, a revelação da doença constitui o momento que lhe tornou possível dar início a uma mudança de perspectiva. Bem conscientes disso, alguns dos presentes foram enfáticos na forma como, ainda na sala da reunião, se lhe dirigem: “volte que isto resulta!”. À falta de um recém-chegado, os participantes repetem para si próprios este mesmo apelo, enunciando-o em uníssono.

A sala

Ian Hacking debate os efeitos decorrentes de processos de classificação, para o caso levados a cabo em crianças (1999: 100-124). A propósito da denominada hiperatividade, e à semelhança dos Anónimos com o conceito de doença, o autor mostra como, uma vez realizada e sem prejuízo do efeito que, no momento, possa ter sobre quem é objeto de tal classificação, ela passa a ter uma história, imbricada na “matriz mais ampla de instituições

¹⁵ Os pais dos jogadores falam da maneira como o jogo é vivido por eles como resultado de eventual falha na educação dada aos filhos. É-lhes logo indicada a causa do jogo como sendo exterior à sua ação, razão pela qual não vale a pena recriminarem-se. Por outro lado, o fato de o jogo compulsivo ser definido como uma doença para a vida – ou seja, tornando possível a sua paragem mas não a sua cura – permite precisamente que o esforço na abstinência seja levado a cabo sem nunca esquecer que, latente, o desejo de jogar pode ressurgir a qualquer o momento. Mais: a doença não permite que se jogue de forma controlada; voltar a jogar é sempre vir a jogar compulsivamente. Sobre esta característica e sobre a decorrente necessidade de se manter sempre abstinente – ainda a propósito do alcoolismo, por relação ao qual, como se viu, esta abordagem foi inicialmente criada –, Gilles Deleuze, fazendo apelo à análise do pensador já referido, sintetiza: “Bateson mostrou como o ‘não bebo mais’ faz rigorosamente parte do alcoólatra, pois é a prova efetiva de que agora ele pode voltar a beber” (2016b: 160-161).

e práticas que [a] englobam” (id., ibid.: 103). A este propósito, e por relação aos EUA, relembra:

“[H]ouve um tempo em que crianças descritas como hiperativas eram colocadas em salas de aula [...] nas quais os estímulos eram minimizados, a fim de que [...] não tivessem ocasião para atividade em excesso. As carteiras eram afastadas umas das outras. As paredes não tinham decoração. As janelas tinham cortinas. A professora usava um vestido preto liso, sem ornamentos. As paredes eram desenhadas a fim de refletirem um mínimo de ruído” (id., ibid.: 103).

Tendo em conta as grandes diferenças entre adultos e crianças, familiares ou não de jogadores, com práticas bem diferenciadas passíveis das apreciações as mais diversas, bem como as ocasiões em que tal possa vir a ocorrer, a discussão apenas pretende chamar a atenção para a importância que a dimensão situacional tem para o desdobramento de tais processos e para o que neles, e em muito grande medida, releva de uma componente performativa. A ter em conta esta aproximação, vale a pena referir que o termo “reunião” é usado pelos integrantes dos Anónimos especialmente quando, dirigindo-se a potenciais participantes, alguém leva a cabo uma convocatória específica. Quando se trata de referir a sua ação em termos genéricos, estes, nomeadamente em conversas informais, referem-se às “salas” nas quais a sua atividade é realizada.

As reuniões regulares do grupo das FA realizam-se à noite. À medida que vão chegando ao local e após saudação a quem se encontra na portaria do edifício, os participantes cumprimentam-se e, eventualmente, dividem-se por conversas levadas a cabo numa espécie de átrio interior no qual existe um pequeno bar, à frente do qual se dispõem as respetivas mesas e cadeiras. Frequentemente, as conversas estendem a sua duração pelos corredores e pelos elevadores da instituição à qual a sala é alugada e para onde, através deles e na hora marcada – as vinte horas, como se viu –, todos se dirigem. Trata-se de uma divisão que, durante o dia, integra o piso no qual funciona uma escola de ensino básico. Até que seja dado o início formal ao encontro, a porta mantém-se aberta. Às carteiras aí existentes os presentes dão uma nova arrumação: quais módulos, são movidas para o centro da sala. Juntas, passam a formar uma mesa retangular à volta da qual, e deslocadas para esse fim, são colocadas as cadeiras onde os participantes virão a sentar-se. Retiradas de um contentor de plástico translúcido, desde a reunião precedente deixado arrumado no cimo do armário da sala, as publicações dos FA são colocadas lado a lado – com os vários exemplares de cada título acumulados numa pequena pilha – e

dispostas no centro da mesa. A desenvoltura manifestada por certos participantes na prossecução sucessiva destas tarefas denuncia a sua familiaridade com a participação repetida em reuniões, sempre precedidas pela transformação da sala. Os sons produzidos – carteiras e cadeiras arrastadas, de mistura com as vozes dos presentes entregues às várias tarefas – cessam. A porta é fechada e todos se sentam.

No momento e rapidamente acordada entre os presentes, a coordenação dos trabalhos é atribuída a um dos participantes, geral mas não exclusivamente um dos mais assíduos, que designa – ou, caso ela se ofereça, aceita – a pessoa que irá dar início à reunião. Trata-se de alguém cuja frequência terá de ser apenas a necessária ao conhecimento dos passos que seguem. Ela traz para diante de si um exemplar de uma das publicações dispostas na mesa – as “Orientações Gerais” –, abre-o na página correspondente e, em voz alta, dá início à leitura de um texto de duas páginas, a “Abertura da Reunião”. Através de outros exemplares retirados da mesma pilha, os presentes acompanham-na em silêncio, até ao momento em que todos declamam em uníssono a “Oração da Serenidade”.¹⁶ A leitura em silêncio só voltará a ser interrompida quando, adiante e a pedido da leitora ou leitor designado, o participante sentado imediatamente à sua esquerda anuncia o primeiro nome. Noutra uníssono, é saudado por todos. Seguindo sempre a esquerda de quem, na sua vez, faz este anúncio, a operação é repetida tantas vezes quantas as pessoas presentes.¹⁷ Completada a roda, o texto remanescente volta a ser lido no modo inicial. Nalguns casos, a leitura estende-se a um dos Doze Passos, aquele com o ordinal correspondente ao número do mês no qual a reunião ocorre.

¹⁶ “Concedei-me Senhor, SERENIDADE para aceitar as coisas que não posso modificar; CORAGEM para modificar as que posso; e SABEDORIA para distinguir umas das outras. Seguimos a grafia da publicação acima referida, disponível, como se disse, nas reuniões dos FA (Jog-Anon, s.d.: 4). O momento do uníssono é indicado no texto, onde a oração surge destacada. A vasta maioria dos participantes acaba por declamá-la de cor. Apesar da presença dos termos “Oração” e “Senhor”, os Anónimos repetem a qualquer recém-chegado que o seu programa não é “religioso”. Esse facto faz parte dos procedimentos relativos à abertura de todas as reuniões regulares sendo, para tanto, inscrito no texto que as introduz (Jog-Anon, s.d.: 5). Aqui, o segundo termo é suposto referir-se a um “Poder Superior” que pode ser definido “da forma como cada um o entende” (id., ibid.: 7). Para os que afirmam não ter religião, sugere-se frequentemente que tal poder possa ser encarado como correspondendo à “força do grupo”. Desta forma, o programa é referido como sendo “espiritual”. Algumas das participantes das FA – sem prejuízo de proporem a outros membros aquela força – declaram-se católicas e que, por isso e para elas, esse Poder Superior refere a divindade transcendente do cristianismo. O tema é objeto de discussão por Catarina Fróis (2009: 111-133).

¹⁷ A título de exemplo: uma participante apresenta-se – “eu sou a Joana” – e todos respondem: “olá Joana”. Assim o queira, quem se apresenta pode aduzir ao anúncio do nome a designação do parentesco com um jogador: “eu sou a Joana, mulher de um jogador”. Quando a primeira pessoa que se apresenta aduz o parentesco com um jogador, as outras tendem também a fazê-lo.

Virados para o centro da mesa, os participantes encontram-se em posição de ver e ser vistos pelos demais. Atentos, todos ouvirão em silêncio aquele que fala. Doravante, cada intervenção será feita seguindo a ordem de quem manifesta vontade para falar, sendo que o coordenador pode também sugerir e até mesmo estimular a intercessão de algum dos presentes. Em qualquer dos casos, não só não é permitida a interrupção de quem se encontra no uso da palavra como não será autorizado qualquer diálogo.

Às vinte e duas horas é dado início ao processo do fecho da reunião. Para tanto, é principiada a leitura de outro texto também integrado nas “Orientações Gerais”.¹⁸ Em simultâneo, por iniciativa do “tesoureiro” e sem uma ordem pré-estabelecida, é feito rodar pelos participantes um pequeno saco opaco no qual é recolhido o dinheiro que corresponde às “contribuições” dos presentes.¹⁹ Com uma nova declamação em uníssono da “Oração da Serenidade”, a reunião chega formalmente ao seu termo. A ele se segue o apelo dirigido à participação em futuras reuniões.

A partir deste momento, são realizados no sentido inverso os procedimentos levados a cabo antes do início formal da reunião: todos se levantam, entregando-se de imediato à arrumação da sala de acordo com a disposição inicial, após o que é percorrido o caminho que leva ao exterior do edifício. Na rua, e sem prejuízo da ocorrência de algumas trocas de impressões levadas a cabo no passeio fronteiro ao edifício, os participantes tendem a dirigir-se aos transportes que os levarão aos lugares de morada.

O dinheiro

Em qualquer dos casos referenciados no trabalho de campo, quando se fala de jogo, fala-se de jogo a dinheiro. Assim anunciada, esta última designação – o dinheiro – constitui uma categoria muito genérica. No plano etnográfico, e como domínio empírico no qual a categoria parece exprimir-se em pleno, é comum ver emergir as diferenças a serem encontradas, por exemplo, nos usos diários referentes ao numerário, nas práticas observadas a propósito dos diferentes tipos de cartões electrónicos ou nos exercícios de numeração relacionados com contas bancárias. No entanto, manipular notas e moedas não é a mesma coisa que manipular um cartão electrónico, da mesma forma que a contagem de numerário levada a cabo numa loja e dirigida a um ato de compra não remete para a

¹⁸ “Encerramento da Reunião” (Jog-Anon, s.d.: 6).

¹⁹ “Os que vierem pela primeira vez não contribuem” (Jog-Anon, s.d.: 6).

mesma temporalidade associada às contagens que, por exemplo, têm por centro as avaliações sucessivas efetuadas durante um período de tempo, e relativas ao dinheiro disponível em conta bancária.

Todas estas instâncias são passíveis de ser abarcadas pela categoria ‘dinheiro’ e, no entanto, enquanto parte de operações discretas, sugerem temporalidades e posturas corporais bem diferenciadas. Do ponto de vantagem fornecido por esta multiplicidade, o dinheiro vem, assim e nas palavras de Marshall Sahlins, a constituir “um conceito totalmente elusivo” (2002: 30).

Para o que aqui se apresenta, bastará referir que a vida dos jogadores a que ele se refere, como a de boa parte de quaisquer outras pessoas, se desenrola também na circulação por todas aquelas modalidades. A constatação da presença destas formas refere-se apenas a um primeiro registro. Deverá ainda, sobretudo e para o que aqui nos ocupa, ser tido em conta o que dele releva como objeto de experiência. Para este efeito, convoca-se a reflexão de Walter Benjamin sobre o que designa como “distração” (2008 [1936]), ou seja, e na revisitação realizada por Michael Taussig, “o tipo de visão periférica esvoaçante e escassamente consciente”, resultado da “vida moderna”, do que nela se cruzam a cidade e respetivas mobilidades, o tipo de organização económica e a tecnologia (1991: 148). A reprodução mecânica e a profusão de imagens daí decorrentes tornou-as omnipresentes e fugazes e, nessa medida, impossíveis de ser contempladas. Assim, e a propósito agora da relação entre as coisas e as imagens delas oferecidas pela fugaz e omnipresente publicidade – que se dirige a destinatários a mais das vezes colocados em situações nas quais, face a ela, se encontram escassamente conscientes –, Taussig aduz: “É o dinheiro, cujo poder reside no facto *de operar sobre nós visceralmente*, que nos impele para estas coisas” (id., *ibid.*: 151. Ênfase nossa). Estamos portanto a referir uma instância, proprioceptiva até (id. *ibid.*: 149), que opera bem para além da sua existência enquanto símbolo de valor.²⁰

Na verdade, os Anónimos evitam nomear quantias concretas, sejam elas relativas a ganhos, como são os salários, ou a qualquer tipo de gastos. Explicam que isso se dirige à necessidade de manter uma igualdade estrita entre os seus membros, não sendo por essa via denunciadas as respetivas situações ou proveniências sociais. Muito raramente se

²⁰ Para uma discussão sobre as questões relativas ao valor, v. Graeber 2001. Sobre as várias formas do dinheiro, no que delas decorre também do exercício de diferentes capacidades e poderes, v. a muito útil reflexão levada a cabo em Deleuze 2016a: 15-16.

ouve falar de verbas específicas nas reuniões.²¹ Tal não quer dizer, como se verá adiante, que o dinheiro não esteja bem imbricado – afinal ele opera visceralmente – na vida e nos corpos dos jogadores e seus familiares.²² Todos os implicados têm plena consciência deste facto. A este propósito, veja-se o acontecido depois da participação em uma reunião das FA, momento em que o autor deste ensaio traz para a discussão com a mulher de um jogador o conteúdo de uma partilha que ele realizara durante aquele encontro. Tratava-se, precisamente, da referência à percepção da publicidade, estimulada pelo texto de Walter Benjamin acima referido e introduzida na discussão nos termos propostos por este autor. Não foi difícil à mulher que participava na conversa, e respondendo a uma pergunta sobre o que estaria implícito nesse tipo de imagens, afirmar prontamente: “o dinheiro!”. Para o que aqui nos ocupa, a compreensão da sua ação é aquela que, repete-se, resulta do que nos seus usos convoca o conceito de experiência.

A frequência

Caracterizando um padrão de participação nas “práticas ritualizadas” (Fainzang 1996: 97-108) das Associações de Doze passos, e a propósito de uma das mulheres que entrevistou, Catarina Fróis refere, para os casos que coloca em evidência, a presença do que chama uma “frequência prolongada” (id., *ibid.*: 89). Trata-se do padrão que resulta de um processo através do qual as presenças nas reuniões resultam da fixação de um conjunto de pessoas que, em certos casos durante anos, e mesmo após a recuperação do parente jogador, reitera a sua participação. A elas se juntam outras que, circulando, marcam a participação respetiva com uma presença muito esporádica. A organização mundial a que a Associação das Famílias Anónimas pertence projeta-se como sendo dirigida a familiares e amigos de jogadores compulsivos. É de notar, por isso, a presença de pessoas que reclamam ter com um jogador particular uma relação de amizade, e que explicitam a vontade de ajudar o amigo em causa a dar um termo ao seu envolvimento com a reiteração no jogo. Trata-se, no entanto, de uma presença esporádica,

²¹ Se alguém referir uma verba concreta, como pode ser o caso de um recém-aderente, essa pessoa é deixada falar sem interrupção. No entanto, essa quantia nunca voltará, dentro ou fora de uma reunião, a ser referida por qualquer outro membro. É com uma participação continuada que todos vão aprendendo a praticar aquele evitamento.

²² Explorando a direção apontada pelo discernimento de Benjamin e Taussig, entendemos o corpo naquilo que ele remete para a dimensão dos “*afetos* [...]”, das *afeções* ou encontros de que ele é capaz [...], suas potências e disposições” (Viveiros de Castro 2015: 66. Sublinhado do autor). Ainda que por relação a uma problemática completamente distinta, releva-se o que na asserção de Viveiros de Castro remete para a dimensão relacional. As afeções podem, assim, ser equacionadas como “as capacidades que o corpo tem para afetar e ser afetado por outros corpos” (Viveiros de Castro 2004: 6).

correspondendo, na maioria dos casos, a uma prospecção sobre os recursos terapêuticos disponíveis, a que o amigo em causa poderá eventualmente recorrer.

Este padrão de participação estende-se também a familiares, sendo que a efemeridade de algumas participações constitui uma preocupação para os que protagonizam uma frequência mais prolongada. Estes argumentam que o programa dos Anónimos, expresso nos “Doze Passos da Recuperação” (Jog-Anon s.d.: 7), é concebido como uma intervenção de longo prazo – para a vida, dizem –, que não se compadece com a busca de soluções rápidas, na sua opinião procuradas pela maioria.

Como resultado do processo que resulta da dinâmica entre permanência e circulação, o que vem a ocorrer é que o conjunto dos participantes mais assíduos é constituído por mulheres, maioritariamente casadas com, ou mães de jogadores em recuperação, também eles, e na sua maioria, integrados nas atividades dos JA. Trata-se, portanto, de relações constituídas e avaliadas a partir de uma situação em que a reiteração no jogo coincide ou coincidiu com um período mais ou menos longo de coabitação. Casos há em que a presença nas reuniões cessa assim que a relação que motivara a participação sofre uma alteração profunda. Tal é a situação de uma mulher que frequenta um conjunto de reuniões a pedido do sogro. Também presente, este complementa a comparência de ambos com a do filho nos JA, que iniciara a abstinência após um itinerário de vários anos como jogador. Tinha como objetivo manifesto e complementar “salvar o casamento” do filho. Consumada a ruptura – e dado termo à coabitação –, a mulher em causa, que até aí participara em todos os encontros, abandona a frequência das reuniões. As domesticidades e o recorte de género que lhes está associado vêm a produzir e regular a participação mais ou menos prolongada nos grupos de FA.

Veja-se agora a situação de um homem e da sua mulher, pais de um rapaz – o João – que encontrara o seu primeiro trabalho numa loja de uma conhecida cadeia de supermercados. Com opinião forte sobre a necessidade de fazer poupanças e instando o filho a fazê-las, os progenitores, através do controlo da sua conta bancária, verificam que este não as realizava. E descobrem que empregava uma boa parte do salário em jogo *online*. A sua participação no grupo pretende alcançar dois objetivos: primeiro e uma vez que o rapaz se recusa a aceitar que é jogador compulsivo, que alguém do grupo dos FA os ajudasse, presencialmente, a confrontar o filho com o tipo de jogo que levava a cabo; segundo, que este participasse nas reuniões dos JA. Não conseguindo o que queria em relação ao primeiro ponto e num primeiro momento, o casal deixou de frequentar as

reuniões. A situação é interessante por duas razões. Em primeiro lugar, a atitude destes pais enquadra-se no, e reforça o, tropo explicitamente referido pelos participantes mais assíduos quando da presença de recém-chegados nas reuniões: o “amor firme”. A par da enunciação e aprendizagem do jogo como doença, trata-se do primeiro operador simbólico dirigido à mudança da relação com o jogador. A categoria implica desde logo a aceitação da impotência face ao desejo de jogar do parente – o primeiro dos Doze Passos –, postulando que este apenas pode mudar por iniciativa própria. Deste modo, a atenção já não se orienta para a pessoa que joga – é precisamente o imbricamento com as suas necessidades que deve ser objeto de ruptura – mas para o etograma que constitui a interação com ele.²³ A firmeza destes pais contrasta com a maioria dos recém-chegados, razão pela qual, sem mais, se torna difícil compreender a razão pela qual deixam de marcar a sua presença nas reuniões.²⁴

É outro o operador simbólico – bater no fundo do poço – que o explica e, simultaneamente, convoca a segunda ordem de razões. Deixar de participar na mobilização dos recursos necessários à prática do jogo tem como objetivo manifesto o isolamento do jogador com as respetivas dificuldades, especialmente as que decorrem da angariação de mais dinheiro. Escute-se António a propósito do seu itinerário: “isto começa devagar e atinge dimensões desproporcionadas.” Segmento de uma partilha realizada no contexto de uma Reunião Aberta, a frase dá conta de um processo que, na sua opinião, veio a desembocar numa situação que o próprio considera desesperada. Explica que vivia com os pais e que “tinha uma boa vida”: “trabalhava numa grande empresa e ganhava bem”. Depois de um período de anos nos quais o jogo é levado a cabo principalmente com a aplicação dos recursos proporcionados pelo salário e pelos ganhos obtidos no próprio jogo, fala de “criar créditos” como uma outra “fase”. A certa altura, resume,

“Já não conseguia créditos. A prestação [referente ao serviço da dívida entretanto contraída] já era mais alta que o ordenado. [...] Tinha de pedir dinheiro emprestado à minha mãe [...] A minha irmã também emprestou e joguei com o

²³ É esta rutura que constitui a prática do amor-firme. Ou seja, do que se trata é da capacidade para contrariar o jogador naquilo que são as práticas que resultam das suas necessidades, principalmente as que se dirigem à continuação do jogo. Os membros das FA têm plena consciência de que tal rutura constitui um processo, pelo que propõem a um recém-chegado que ele vá contrariando o “seu adicto” apenas naquilo que sabe estar em condições de poder cumprir. Trata-se de uma prática de pequenos passos nos quais é exercitada uma capacidade crescente para contrariar as pretensões do jogador.

²⁴ Viriam a fazê-lo num grupo a operar numa outra zona, agora nos arredores de Lisboa.

subsídio de Natal. Em dezembro tinha cinquenta euros no bolso. E como era para ir trabalhar, para comer? Bato no fundo.”

A expressão “bater no fundo do poço”, ou simplesmente “bater no fundo”, designa a altura em que o jogador se encontra colocado na situação em que se torna muito difícil projetar a sua existência enquanto jogador para além de determinado momento. Ao contrário de António, que pediu ajuda, João continua a insistir que tem controlo sobre a forma como joga. Recusa-se a aceitar que bateu no fundo. Sem esse reconhecimento, e independentemente do facto de não participarem em situações nas quais, e como pretendiam os seus pais, são chamados a reforçar uma ação externa dos outros membros da irmandade, os Anónimos duvidam que a paragem seja possível. Não por acaso, a “teimosia” relatada pelo pai foi imediatamente interpretada como o melhor índice de que ainda não batera no fundo, ou seja, que não estavam reunidas as condições para que fosse dado o início à abstinência.

Dívidas

No que o conceito remete para a dimensão temporal, o termo ‘dívida’ deve ser usado no plural. Referimo-nos em concreto a itinerários de jogo nos quais, como é o caso de António, é apresentada uma dívida contraída à mãe e irmã, por contraste com as assumidas a instituições financeiras. A primeira remete para a inserção numa ordem que pré existe o momento em que tal dívida é contraída – daí assumir com frequência a linguagem da dádiva –, sendo que a segunda se enquadra na “ideologia utilitária do ator individual e do livre arbítrio” (Guyer 2012: 492). Por relação à obrigação dos respetivos pagamentos, a referência serve para colocar em evidência a presença de diferentes temporalidades: na primeira, estribada numa reciprocidade que configura uma “dívida existencial” (Graeber 2011: 57), do que se trata é de uma “temporalidade indeterminada” (Guyer 2012: 495), sendo que, na segunda, enquadrada pelo conceito de mutualidade, se está perante uma temporalidade que remete diretamente para o calendário (id., ibid.: 499-500). A narrativa de António explicita uma sucessão na qual se encontra a diferença entre uma e a outra e as circunstâncias em que, sobrepostas e imbricadas, elas se lhe apresentam com efeito cumulativo. Apesar de manterem uma autonomia que se exprime em situações nas quais surgem como relativamente irreduzíveis, as temporalidades e as socialidades em

presença integram aqui a complexidade das circunstâncias em que António bateu no fundo.²⁵

Sem prejuízo da análise do imbricamento e concatenação das dívidas colocadas em presença, o dinheiro e os seus usos colocam um desafio analítico tanto mais interessante quanto jogadores e familiares caracterizam o desenvolvimento dos itinerários de jogo como correspondendo a um processo no qual, dizem, se “perde a noção do valor do dinheiro”. O que quer isto dizer? Ou, ainda melhor – e projetando-o como não se reduzindo à expressão de valor –, o que é que, e em simultâneo, o enunciado oculta? Estas perguntas tornam-se, e por duas razões, ainda mais pertinentes quando, por um lado, se verifica como, na prática do chamado jogo compulsivo, os seus usos tendem a ocupar uma parte considerável da atenção a que corresponde o quotidiano dos jogadores, sendo que, por outro, a tal presença e no decorrer da pesquisa etnográfica, vem a corresponder, aquém ou além da referência a quantias específicas, um evidente embaraço em explicitar alguns pormenores sobre esse domínio.

O dinheiro e a sua circulação também podem ser analisados no âmbito mais vasto das “ordens transacionais” das quais ele faz parte (Parry e Bloch 1989). E uma das características que diferencia estas ordens remete precisamente para o curto e o longo prazo, quer dizer, para as diferentes escalas temporais nas quais as transações vêm a ocorrer: a circulação tende a ser objeto de uma avaliação particularmente negativa sempre que as perdas do curto prazo são avaliadas como comprometendo as transações que ocorrem como resultado de uma ordem que é suposto persistir no longo prazo (id., ibid.). Desta forma, é corrente ouvir que a perda de dinheiro num ato isolado, e assim considerado lúdico, apenas constitui uma forma de diversão, tornando-se perigosa quando, e agora sobre os processos de reiteração no jogo, as perdas – e até os ganhos – comprometem a mais longo prazo a viabilidade do que, por exemplo, é considerada uma boa ordem doméstica.²⁶ Se os usos do dinheiro forem pensados como pontos de articulação entre ordens transacionais de curto e longo prazo, então e implicitamente, é

²⁵ Para uma discussão às práticas do quotidiano que colocam em relação temporalidades diversas, v. Munn 1992 e Gell 1996. Para uma aplicação desta abordagem a um comportamento aditivo, para o caso o uso de heroína, v. Vasconcelos 2003: 89-131.

²⁶ Quando levado a cabo com o objetivo de ganhar dinheiro, o jogo teria vindo a ser regulado por uma economia moral bem caracterizada em Panasitti e Schüll 1994. Esta situação foi objeto de mudanças. É esse, aliás, o argumento destes autores. Acompanhando transformações ocorridas no panorama económico global a partir dos anos oitenta do século passado, nomeadamente na redefinição da legitimidade de atividades até aí sujeitas a forte sanção moral, aquela economia tem vindo a estar sujeita a transformações muito relevantes.

isso mesmo que está em causa numa poupança, como a exigida pelos pais do João. Aqui como noutros casos, e por isso encarada em si mesma como virtude, uma quantidade é passível de se constituir numa qualidade (Maurer 2006: 24-25). De facto, o processo a que correspondem muitos usos do dinheiro remete para uma dimensão existencial, bem presente na atividade dos Anónimos.²⁷

A Frequência prolongada

É impossível falar de dinheiro sem nomear as relações que impregnam os seus usos (Strathern 2014b: 296-298). António não consegue dar conta das dificuldades encontradas na fase de jogo anterior à abstinência sem referir os empréstimos contraídos à mãe e à irmã. Por sua vez, e por relação a João, são os pais que revelam ao grupo as práticas do filho respetivo. É aliás esta condição, a de pais, que legitima a sua presença num grupo de familiares anónimos.

Rosa é casada com um jogador e a sua participação de anos nas reuniões das FA inicia-se durante o itinerário de jogo do marido. Pela sua parte, é corrosiva quando diz ter aprendido a reagir negativamente ao termo ‘jogo’, mesmo quando a palavra, enquanto homonímia, se refere a um conjunto de objetos, como seja o caso de um jogo de naperons ou outro de lençóis. Detesta a palavra, pura e simplesmente. Nos pormenores sobre a vida doméstica levada a cabo durante “a fase ativa de jogo” daquele familiar, nomeadamente no que aos usos do dinheiro diz respeito e em registo extensível a todos os outros depoimentos, dá conta de um padrão de coabitação bem caracterizado pelo que Bhargava Singh designa por “intimidade agonística” (2014: 171).²⁸

Na verdade, Rosa continua a detestar a palavra, mesmo depois de o marido ter abandonado a prática do jogo e ter aderido aos JA. Mais, numa reunião realizada não

²⁷ Esta dimensão existencial é adquirida. Não se pretende atribuir ao dinheiro uma ontologia que ele não tem.

²⁸ O conceito reporta à violência que vem a eclodir numa região da Índia como resultado das “hierarquias de casta e tribo [que] estão presentes e, *simultaneamente*, são profundamente contestadas” (id., *ibid.*: 171. Sublinhado nosso). Salvaguardando as óbvias diferenças, nomeadamente no que à escala diz respeito – trata-se aqui de dinâmicas domésticas e não conflitos que ocorrem a um nível regional –, afirmamos a pertinência do conceito para a análise do que aqui nos ocupa. E fazemo-lo por duas razões. A primeira porque em ambos os registos se constata “a copresença de modos de conflito e coabitação”. A segunda, já de ordem teórica, porque nos apresenta a vantagem de induzir um exercício analítico “sem predisposição para uma negação da oposição ou para uma afirmação comunitária” (id., *ibid.*: 171). Trata-se, por isso, de evitar que tal predisposição se constitua em obstáculo heurístico. Para o que aqui nos ocupa, tornamos o significado da coabitação extensível também aos casos que se referem aos jogadores e aos grupos domésticos respetivos.

muito tempo após a “paragem” do cônjuge faz uma afirmação na qual, explicitamente e em jeito de balanço, lamenta não ter encontrado no casamento a “proteção” que dele esperava. É logo secundada por outra participante que avalia o próprio matrimónio exatamente nos mesmos termos. Tal como a generalidade dos participantes, estas posturas mantêm alguns dos traços que haviam marcado a presença no grupo durante a fase ativa de jogo dos familiares. Dito de outra forma, num quadro que resulta do que é definido como “um estado físico imanente, um estado que não tem outro destino a não ser se perpetuar indefinidamente” (Côrtes 2012: 72), do que se trata é de encontrar uma aproximação que dê conta de situações nas quais a mudança – afinal os maridos de Rosa e da mulher que a secundou deixaram mesmo de jogar! – coexiste com expectativas relativamente inalteradas face à maneira como o devir é apresentado. Trata-se, portanto, de apreciar esta tensão enquanto terreno a partir do qual surgem “potencialidades ambivalentes” (Singh 2014: 166).

De uma forma geral, qualquer situação nova na vida dos jogadores abstinentes ou em recuperação é passível de ser avaliada como potencialmente perigosa. Veja-se a partilha de Maria, reformada e morando sozinha, agora que o sobrinho – o jogador em questão —, que ela educou “como filho”, se encontra a trabalhar no estrangeiro. A partilha vem a ocorrer depois de um período de ausências nas reuniões e é efetivada no momento em que o seu familiar se encontra em Portugal, de férias. Referindo-se às prendas dadas por este homem aos seus próprios sobrinhos, a participante reproduz agora o que já lhe dissera pessoalmente: “não é preciso dar prendas de oitenta euros; basta dar um dinheirinho – vinte euros – para que a coisa possa ser feita”. Ainda que a poupança como virtude moral não esteja arredada da preocupação que origina o comentário, o que esta mulher afirma recear é que o padrão a que se refere este tipo concreto e bem situado de gastos possa induzir uma situação na qual o sobrinho volte a jogar. Trata-se de uma partilha na qual é estabelecida uma relação entre a situação que lhe causa esta preocupação mais recente e um conjunto de atitudes deste seu familiar, reportadas a um passado concomitante à fase ativa de jogo. Assim, o episódio vem a atribuir um sentido a outras ocorrências, que a narrativa se encarrega de explicitar: a mulher em causa vem a procurar na garagem algumas peças de roupa aí guardadas pelo familiar – “roupas caras, de marca” –, na sequência do pedido que, do estrangeiro, este lhe fizera para que esse vestuário fosse doado. No momento e na mesma divisão encontra uns recibos há já um tempo guardados pelo sobrinho, correspondentes aos pagamentos realizados a instituições

de crédito às quais contraíra os empréstimos necessários à reiteração do jogo. A estória encarrega-se de estabelecer uma relação entre o preço putativo do vestuário, o conjunto dos pagamentos então levados a cabo e, agora, o valor das prendas. A narrativa constitui-se assim numa metonímia que trata as diferentes situações como uma espécie de signos contíguos à prática do jogo. Esta contiguidade entre as diferentes condutas, “por mais díspares e distantes que sejam”, vem, por sua vez, a fornecer a “espécie de fundo unitário que as explica” (Côrtes 2012: 74). E é este processo que remete qualquer situação nova para um tipo de latência na qual a recaída se torna sempre possível. A intervenção de outra participante mostra como tal disparidade de condutas assim tornadas contíguas é suscetível de ser integrada num novo exercício de síntese: “eles – os jogadores, ou melhor, o que neles é expressão de uma doença – são mesmo assim, megalómanos e fantasistas”.

As situações de perigo potencial estendem-se à avaliação que decorre de qualquer mudança operada no seu quadro relacional. Através de uma partilha levada a efeito em uma reunião posterior, Maria comenta o facto de o sobrinho, no país em que trabalha, ter encontrado uma nova namorada. Sabendo que planeiam ambos umas férias em Portugal, fica inquieta por não saber se deve ou não falar-lhe “no problema do jogo”. Sabendo-se tímida e lacónica – participa em muitas reuniões sem nada dizer –, estende a inquietude à antevisão de uma situação na qual terá de interagir com alguém que não conhece. Sobre isso afirma não saber o que dizer numa conversa que eventualmente se venha a prolongar para além do tema do jogo. O que tal formulação tem de revelador é que ela já não se dirige à explicitação de como o jogo influiu na situação relativa à coabitação com ele. Através da referência a uma pessoa que não conhece e à maneira como, apreensiva, especula sobre como será a interação com ela, do que agora se trata é de algo bem diferente. Trata-se de tornar a memória discursiva do jogo com um dos elementos instituintes da imaginação de uma relação ainda por vir.

Mais de um ano passado sobre as reuniões nas quais Maria partilhou esta apreensão, o sobrinho e a namorada vieram passar as férias a Portugal. A experiência deste período faz com que estime a companheira do seu familiar como sendo uma pessoa encantadora, que considere terem as férias corrido muito bem e que, por isso, as avalie como tendo correspondido a um bom período para todos os envolvidos. Esta avaliação é recebida pelas integrantes do grupo de FA com uma grande alegria. Quer as preocupações explicitadas por esta mulher, quer a forma como depois se refere ao período das férias e, ainda, o modo como o grupo agrega e aprecia tal alusão, demonstram que o processo a

que corresponde a participação nos Anónimos não corresponde a uma experiência que integre uma ação e uma avaliação que se desenvolvem num “regime paranoico” de signos (Deleuze 2016a: 18-19). Para melhor compreender o período de frequência prolongada a que se refere esta secção deverá ser tido mais uma vez em conta aquilo que os FA esperam da participação no grupo. No início, a principal motivação está ainda centrada na ação do parente que motivou a adesão. Na verdade, e mesmo tendo em conta as mudanças operadas na vida do jogador, no que nesta se relaciona com uma trajetória entre a abstinência e a recuperação, a atenção dada pelo parente à, e a tensão criada pela, possibilidade de uma recaída mantêm-se, sobretudo nas situações por ele consideradas particularmente perigosas. Ou seja, e para voltar à formulação de Singh, o “*agon* e as intimidades podem atravessar diferentes *intensidades*” deixando sempre “em aberto a possibilidade de um futuro partilhado e contestado” (2014: 171. Sublinhado do autor). Concomitante às transformações eventualmente operadas nos jogadores, o que vai passando a estar também em causa é a adesão à parte do programa que coloca a atenção nas necessidades das próprias participantes. Face à presença do jogo na vida dos respetivos parentes – experienciada como constituindo um alerta permanente no parente-que-joga –, a participação nas FA, recentrando o objeto desta atenção, pode ser caracterizada, e ao contrário do que vinha acontecendo até aí, como passível de promover uma mudança na qual a ameaça de recaída não evita a emergência do que Biehl e Locke denominam “a paixão pelo possível” (2010: 319).

Conclusão

Ainda que com aproximações diferentes e perseguindo argumentos bem diversos, quer Gerda Reith (1999: 136-138), quer Natasha Shüll (2012: 1-2) abordam a repetição como uma das principais características do jogo. Para esta última, tal repetição constitui mesmo uma estrutura que melhor explica a prática do chamado jogo patológico: face às contingências dos respetivos itinerários, o estado a que cada jogadora ou jogador vêm a ter acesso através da execução repetida do jogo corresponde à única situação experienciada como certa e absolutamente previsível.

Independentemente do que possa motivar o início daquelas trajetórias, ele ou ela não vêm a jogar para ganhar dinheiro. Jogam para continuar a jogar (id. *ibid.*: 1-2). Havendo dinheiro para tal e para cada situação em que jogam, o fluxo proporcionado pela operação da máquina é, indiferente a ganhos ou perdas, mantido durante a maior

quantidade de tempo possível. Há uma certa isomorfia entre aquela prática e a levada a cabo pelos Jogadores Anónimos em Lisboa. Assim, aqueles que pretendem dar início à abstinência são aconselhados a participar no maior número possível de reuniões. Tal desígnio – a participação continuada nas reuniões é encarada como prevenção e, para o caso, substituição de atos de jogo – pode ser atingido através da circulação entre os diferentes grupos existentes no conjunto da área urbana daquela cidade.

Natasha Schüll fez trabalho de campo etnográfico em Las Vegas, tendo como objeto as práticas de jogo entre os residentes desta cidade. Trata-se de um exercício de conciliação de escalas que articula uma análise em que, por um lado, se seguem e concatenam itinerários de jogadores, se pesquisa a arquitetura dos casinos e a sua frequência para jogar em *slot machines*, e, por outro, se aludem as práticas como as dos Anónimos enquanto coletivo de autoajuda, e as relativas a alguns procedimentos dos tratamentos com carácter formal e explicitamente terapêutico (2012, 2013). A autora menciona ainda aqueles jogadores que comparam o estado induzido por certos medicamentos ao estado conseguido pela sua participação no jogo ou, até, aqueles que os utilizam como meio para potenciar tal participação (id. *ibid.*: 65-66). A integração dos elementos em análise permite fazer apelo ao depoimento de uma mulher entrevistada pela autora, e no qual aquela afirma que a cidade também “é campo de treino para a recuperação [*recovery*] dos problemas do jogo” (id. 2013: 62). Seguindo este tipo de residentes, vemos como a abundância das diferentes práticas terapêuticas é equiparável à onipresença do “jogo de conveniência” (id. *ibid.*: 62), também ele dirigido aos muitos moradores de Las Vegas que, reiteradamente, jogam em máquinas espalhadas por bombas de gasolina, supermercados, e, até, farmácias. Nos termos da mesma autora, algumas destas pessoas circulam pelo que ela caracteriza como sendo duas “indústrias” (id. *ibid.*: 65), a do jogo e a das terapias.²⁹

²⁹ Referindo-se não especificamente ao jogo reiterado mas às várias ‘adições’ nos EUA ou, mais concretamente, ao tratamento forçado de jovens que o autor não considera dependentes, Bruce Alexander refere mesmo a existência de “agências que empregaram formas brutais de ‘terapia’” (Alexander 2011: 42).

CAPÍTULO 2 – FESTA TRANCE, CANÁBIS E LSD

O capítulo que aqui se inicia constitui seguimento de um minicurso levado a cabo no âmbito do VI Congresso Internacional da ABRAMD, realizado entre os dias sete e dez de novembro de 2017, em Belo Horizonte. Dedicado à pesquisa etnográfica da maconha, do *ecstasy* e do LSD, a sessão teve como suporte empírico um determinado tipo de festas de música eletrônica realizadas em Portugal desde o final dos anos oitenta do século passado, as Festas *Trance*. Genericamente designados como raves, estes eventos têm em comum o facto de terem ocorrido pela primeira vez em instalações industriais urbanas abandonadas ou, como é o caso daquelas de que este texto se ocupa, em lugares preferencialmente afastados de quaisquer núcleos populacionais, como são o caso de certas propriedades rurais, de parques de campismo e estruturas semelhantes subutilizados durante o inverno ou, até – essas as mais apreciadas – em bosques e florestas.

A designação das festas segue o nome da música eletrônica aí tocada, o *Trance*. No plano estritamente musical, o número de bpm – acrónimo da expressão *beats per minute* – é o elemento rítmico que, produzido pela ação conjunta do baixo e do *kick* da bateria distingue os diferentes estilos de música eletrônica como são o Techno, o House, o Drum & Bass, o Electro ou o Minimal. O Trance encontra a sua primeira marca distintiva no intervalo entre as cento e vinte e cento e quarenta bpm, sendo que a definição de cada subtipo – Psicodélico, Progressivo, Full On ou Dark – é para ser encontrada nas vinte batidas daquele intervalo. Quando dançado – e as festas destinam-se à prática da dança –, e acompanhando as dinâmicas da pista, o número de bpm pode, em certos momentos, ser progressivamente aumentado pelo DJ – também designado como “artista”

–, bem acima do limite máximo daquele intervalo.³⁰ Os instrumentos que produzem e medem estas batidas, como de resto e na maioria dos casos todos os outros eventos sonoros que lhe são apostos, são o computador, os sintetizadores e outros dispositivos eletrônicos. Os cultores deste tipo de música distinguem com facilidade as diferenças acima indicadas.

Existem vários tipos de festas. Trata-se, de facto, de uma rede complexa que se articula a partir de pequenos “eventos” realizados até no interior de habitações de algumas pessoas, geralmente as mais novas, ou, em um desenvolvimento que exige já um maior grau de organização, na região dos respetivos locais de residência, nomeadamente em pequenos bosques. Entre os participantes mais velhos nas festas trance, e sem que lhe sejam apostos quaisquer qualificativos, a expressão “a floresta” designa, a localização das primeiras festas realizadas em Portugal com entradas pagas. Resultantes já de um processo relativamente complexo de produção, elas ocorreram em uma propriedade agrícola no centro sul de Portugal, atraindo participantes vindos de vários pontos do país. Desde então, os anos noventa do século passado, os locais arborizados tornaram-se uma das marcas deste tipo de eventos. Esta memória estende-se aos vários grupos de amigos com uma expressão local, que, na maior parte dos casos, desenrolam a sua atividade em torno de um ou outro pretendente a DJ, normalmente chamado a “tocar” ou a “pôr som” nas festas organizadas pelo grupo do qual faz parte. No extremo sul do país, no Algarve, onde raramente ocorrem festas com mais de meio milhar de participantes, é este o modelo de organização.³¹ Tal não quer dizer que, em alguns casos, tais festas, nomeadamente as realizadas em discotecas, não possam ser pagas. São-no por vezes. O que interessa

³⁰ A música é “posta” por um DJ – um Disc Jockey –, ou seja, a pessoa que “mistura” música proveniente de várias faixas – as “malhas” – gravadas em CD, assim construindo, no momento, uma música nova e irrepetível. O DJ será considerado tanto mais hábil quanto maior o número de faixas misturadas e quanto maior a capacidade para, através da música tocada em crescendo durante o respetivo “set” – nome dado à sua atuação – e através da própria postura corporal, interagir com os dançarinos. Para uma excelente elucidação da “mistura” e ação do DJ, v. Bezerra 2002. A música misturada havia sido composta por um ou vários “produtores”, nome usado para referir os compositores dos temas dispostos em CDs. Alguns DJs são também produtores. Ambos designados como “artistas”, herdaram um “ethos romântico” (Wilf 2010: 564) que associa a criatividade, a autonomia e a auto realização individual. Como se verá já adiante, ‘produtor’ e ‘produção’ podem referir-se ainda a outro tipo de pessoas e tarefas.

³¹ Ao contrário das festas de maior porte e como abaixo se verá, trata-se aqui de eventos organizados por um grupo de pessoas que tem a propriedade do sistema de som e de um gerador de energia elétrica que tornam possível a realização das festas sem necessidade de recurso a outras organizações para além do grupo ele próprio. Trata-se de um tipo de coletivo que melhor se aproxima do caracterizado por Graham St John e outros a propósito da cidade australiana de Melbourne (2001).

ressaltar é que se está a falar de eventos realizados em escalas diferentes e, por isso, com impactos diferenciados. Ou seja, os participantes das festas constituem uma rede que se alarga a partir das residências onde o trance é ouvido e das pequenas festas realizadas perto de muitos lugares de morada dos seus ouvintes e dançantes. As de maior porte devem ser encaradas como acontecimentos que integram as, e retroagem nas, características dessa mesma rede.

Este movimento atinge o seu auge na realização de grandes festivais, dos quais se destaca, de dois em dois anos e em Portugal, a realização do Boom, com a participação de dezenas de milhares de participantes, muitos deles vindos de todo o mundo. Muitos daqueles que, como é o caso de alguns pretendentes a DJ, aparecem como figuras relativamente centrais a um nível local determinado, podem, aqui, aparecer como trabalhadores da produção do festival – um deles vi-o integrando uma equipa que realizava trabalho da limpeza –, enquadrados, neste caso, pelos membros da mais antiga, conhecida e prestigiada produtora do país. Entre estes dois extremos, existem níveis intermédios: festas com entrada paga e produzidas para um número máximo esperado de mil e quinhentas a três mil pessoas, e um mínimo de quinhentas a mil. O principal objeto da descrição e análise presente neste ensaio refere-se a estas festas.

Ainda que possam ocorrer em locais fechados, como é o caso de clubes, os locais tidos por ideais para a realização deste tipo de festas é o que todos os participantes denominam por “natureza”. Ou seja, lugares mais ou menos afastados de núcleos populacionais e onde, preferencialmente e para além da presença de árvores, haja lugar à presença de um rio ou de um lago, mesmo artificial. Ainda que tais requisitos não sejam indispensáveis, a existirem, é suposto mimarem as praias de Goa, Estado da União Indiana onde, e como adiante se explicará, as festas trance vieram a realizar-se pela primeira vez.

Independentemente do lugar de ocorrência, e ainda que o seu “*design* organizacional” (Handelman 1998: xi e seguintes) resulte sempre da reprodução dos mesmos elementos constituintes – no mínimo, um local destinado à dança, um outro ao descanso e um bar, todos eles profusamente decorados –, a festa é encarada por todos os participantes como um evento irrepetível. Em alguns casos, é-lhe mesmo atribuído um nome. Quando falamos de música, de dança e de decoração, referimos categorias usadas pelos participantes eles próprios. Quando escolhemos o conceito “*design* organizacional”, como adiante se dará melhor conta e seguindo de perto a proposta de Dan Handelman,

remetemos o significado do primeiro termo para o que nele resulta do imbricamento de um desenho e de uma intenção. Os primeiros agentes da transformação a que ficará sujeito o lugar onde a festa se realizará são os “produtores”. Integrando pequenas organizações mais ou menos conhecidas pelos participantes, são eles que planeiam, promovem e dirigem o trabalho de montagem de cada evento, levada a cabo durante mais ou menos uma semana.³² Durante a sua realização, são ainda eles que coordenam as ações necessárias a que tudo decorra sem incidentes. Enquanto organizações mais ou menos firmadas – muitas delas têm uma existência que se resume à produção de uma ou duas festas –, a maior parte destas “produtoras” evoluem a partir de um grupo de amigos oriundos de uma mesma cidade que começaram, enquanto simples festivaleiros, por participar em um certo número de festas realizadas no passado (Vasconcelos 2008). São ainda eles que solicitam o deferimento das autorizações impostas pela lei – licença do município para o toque de música para além da meia-noite e para a venda de bebidas alcoólicas –, para que estas festas tenham, como acontece com a maioria, uma realização perfeitamente legal.³³

As festas trance ocorrem em lugares onde se usam drogas. Sem prejuízo de haver quem a utilize apenas nestes eventos, o uso da maconha vem a acontecer como prolongamento de uma utilização que acompanha a vasta maioria dos participantes, dentro e fora do recinto da festa. Neste sentido, ela é objeto de um processo de “normalização” (South 1999: 5). Ganza” e “chamon” são os termos mais comumente usados para referir os preparados da canábis existentes em Portugal: o “haxe”, o “pólen” e a “erva”. O termo ‘haxe’ resulta da contração da palavra haxixe, preparado feito a partir da resina da planta. Como o nome indica, o ‘pólen’ é feito a partir das flores e é o mais apreciado pelos usuários mais experientes. Apresenta-se embrulhado numa espécie de

³² O trabalho de produção para o festival Boom, que ocorre durante uma semana do mês de agosto, e devido à área que ocupa e à grande quantidade de participantes, é iniciado no mês de janeiro. Mais de sete meses de montagem, portanto.

³³ A questão relativa ao lugar de morada dos produtores torna-se relevante já que estes consideram a sua região como o raio onde podem ser encontrados lugares para realização de festas. Esta atitude tende a que seja por relação a esta região que os produtores melhor conhecem as autarquias locais em cujo território é ou não permitida a realização destes eventos, que saibam quem possa alugar as estruturas necessárias à realização de uma festa. Ou seja, os produtores detêm saberes que estão ligados ao território em que atuam.

Assim, e de maneira informal, cada produtora tem um território que lhe é mais ou menos adstrito, sendo considerado de mau tom montar uma festa em um lugar que integre o território de outra produtora. No caso das festas maiores, que exigem um maior esforço de produção, não é raro duas produtoras unirem os respetivos esforços. Tal união é vista como uma aliança que favorece o aumento do raio de ação da produtora que é chamada a agir fora do seu território.

pequenas cápsulas ovais da dimensão de uma bolota, nome dado em Portugal ao fruto do carvalho, do sobreiro e da azinheira, árvores bastante comuns neste país. Essa a razão pela qual o ‘pólen’ é também referido pelo vocábulo ‘bolota’. A ‘erva’ designa as folhas da planta, cortadas e secas.³⁴

O chamado *ecstasy* é referido como a droga mais utilizada nas raves nas quais um dos tipos de música eletrônica é tocado e dançado, o techno. Na verdade, não é nova esta situação na qual uma droga específica é associada a um tipo de música e de dança (Shapiro 1999). A “droga emblemática” do trance é o LSD (Almeida Vasconcelos 2006: 72). Designamos como emblemático um psicoativo que, para além da sua ingestão, é objeto de um grande investimento retórico. É nessa medida que o LSD é nomeado por todos, mesmo aqueles que nunca o ingeriram. Interessante ainda o fato de que aqueles que o ingerem não desenvolverem nenhuma tematização específica sobre alguns daqueles efeitos; eles são remetidos para enunciados nos quais se tende a usar uma adjetivação abundante sobre a qualidade da transformação operada pelo “ácido” – designação mais corrente para o LSD –, mas nos quais nada se diz sobre as características de tal transformação. Essa a razão pela qual todos os principiantes que ouvem as conversas nas quais o ácido é falado nada sabem sobre o que acontecerá após a primeira toma.³⁵ Ao

³⁴ Os usuários mais experientes sabem dos períodos correspondentes ao ciclo agrícola da planta e à feitura daqueles preparados, uma boa parte deles provenientes de Marrocos. Sabem até da proveniência das plantas em causa: uma vez ouvi um DJ estrangeiro a perguntar se era possível arranjar “paquistanesa”. Sabendo ele que, muito provavelmente, a erva viria de Marrocos, o homem em causa referia-se à origem da planta e não do país onde ela é cultivada. São muitos os nomes através dos quais estes preparados são designados: “bagulho”, “banza”, “beque”, “besugo”, “broca”, “charro”, “chinha”, “djamba”, “ganja”, “liamba”, “maconha”, “marijuana”, “pia”, “verdinha”. Sobre estas designações, muitas delas de uso ainda corrente durante o trabalho de campo, v. Calado 2006: 4.

³⁵ Estabelecemos em outro lugar uma diferença entre substância e produto (Almeida Vasconcelos 2003: 20-21). No primeiro termo está presente a componente química, nomeadamente a respetiva designação científica; ao segundo – que, como designação, recupera os termos criados pelos utilizadores de drogas –, são associados itinerários de uso, nomeadamente no que estes se relacionam com os lugares, a mobilidade, os objetos, a forma e a qualidade das interações relacionadas com a toma de drogas. A título de exemplo, veja-se o caso da designação “MDMA”, acrónimo do nome de uma *substância*, o MetilenoDioxiMetAnfetamina. É frequente presumir-se que esta designação tem o seu exato correlato no termo *ecstasy*, um dos nomes através do qual os utilizadores designam um *produto* que é mais frequentemente vendido sob a forma de comprimido. Tal presunção é errada: muito do *ecstasy* não contém, pura e simplesmente, nenhum MDMA. Frequentemente contém uma outra metanfetamina, ou seja, outra substância. Curioso é o facto de alguns dos utilizadores conhecerem esta disjunção. Exatamente por causa disso, e para terem a certeza da droga que estão a tomar, é frequente, e quando está disponível, usarem o MDMA sob a forma de cristais, parecidos, na forma como se apresentam, com a cocaína. Neste caso, e ao contrário da ingestão do comprimido, a droga é inalada. Frequentemente também o facto de tal uso ser utilizado como forma de distinção, quer dizer, como parte de um discurso através do qual aqueles que usam o “MD” – elisão usada para referir os cristais –, se contrastam com os outros utilizadores, derogatoriamente considerados menos experientes. O mesmo se poderá dizer sobre o LSD. Quando aqui falamos desta droga falamos de um produto, não de uma substância.

contrário do chamon, cuja preparação é feita à vista de todos, e cuja fumaça é dada a ver – e cheirar – por todos os que estão na proximidade de quem o usa, o ácido, em virtude da forma como circula, adiante descrita, bem como sua toma nunca são vistos para além do conjunto de pessoas que o ingerem.

O que todos experienciam – usuários ou não do LSD – são os outros componentes materiais da festa. O argumento que aqui se defende é o de que existe uma relação entre a especificidade destes componentes e os efeitos concretos de cada toma de LSD. Prosseguimos, por isso, um tipo de descrição etnográfica muito atenta à especificidade dos elementos constituintes de determinadas festas, que é como quem diz, aos pormenores específicos daquilo que as compõe. Como se tornará patente no final deste ensaio são estes pormenores que virão a tornar possível uma melhor compreensão do uso do ácido.³⁶

Um lugar

Em Março de 2006, desloquei-me a um local que integra uma propriedade agrícola situada a pouco mais de cinquenta quilómetros da cidade de Lisboa, capital de Portugal. Aí e uma semana depois iria realizar-se uma festa. A deslocação destinava-se a acompanhar os produtores do evento que iam efectuar uma avaliação das condições do terreno e das necessidades referentes ao trabalho de produção e de montagem daí decorrentes. A viagem, que prolongou uma série de reuniões de planeamento, efetuadas à noite na casa de um deles, situada numa cidade que compõe a chamada Grande Lisboa, foi encarada por todos com alguma expectativa. Na medida em que, como eu, algumas das pessoas não tinham automóvel, a deslocação, feita de dia, obrigou à sua distribuição pelos veículos disponíveis. No meu caso, a carona para o local foi acordada com Rui, homem com idade perto dos quarenta anos, amigo de um dos produtores que já conhecera num dos encontros onde se discutiram alguns pormenores relativos à produção da festa programada. Parte do grupo reuniu-se em um restaurante de uma povoação situada a cerca de dez quilómetros da propriedade em causa.

Transcrevo agora uma parte do diário de campo dedicada a alguns pormenores relativos à deslocação para, e à descrição do, lugar em causa.

³⁶ Exatamente porque droga emblemática – e não por ser o único utilizado –, o LSD será o produto aqui objeto de análise mais aprofundada. Serão feitas algumas notas sobre o uso da ganza. Os utilizadores mais experimentados consideram ambas como “psicodélicos”, com efeitos que integram em um mesmo contínuo.

Depois do almoço, e percorrida uma distância de alguns quilómetros de Estrada Nacional, tomamos a via secundária na berma da qual se encontra uma das entradas da propriedade agrícola que procuramos. Passado o portão, rolamos agora numa estrada de terra batida que integra a propriedade em causa. À nossa esquerda, uma casa. Desaparecida do campo de visão e guinando à direita, serpenteamos por entre uma floresta de sobreiros. Em sequência, e já no fim daquele maciço de árvores, revela-se um espaço aberto, atravessado pela reta da estrada que continuamos a percorrer. À direita, a estrada é bordejada pela margem de uma charca; à esquerda e numa linha que acompanha a via, por uma vedação de arame. No limite da lagoa e da vedação, barrando a estrada e ligando a margem da primeira ao limite da segunda, um portão. Ultrapassado, temos acesso a um campo com cerca de dois hectares – já ouvira falar dele como pastagem –, um quadrilátero também delimitado em parte do seu perímetro por uma cerca de arame. É aqui que a festa irá ocorrer, sendo também aqui que é dado termo à marcha do automóvel.

Fazendo a pé os últimos cinquenta metros, reunimo-nos ao João e ao Mário [pseudónimos de dois produtores] e a outro homem que não conhecia. Depois dos cumprimentos, rápidos e formais, e pelo conteúdo da conversa, iniciada antes da nossa chegada, percebi que se tratava de alguém ligado a uma empresa de segurança. Com exceção da centena e meia de metros correspondentes a uma parte da lagoa, o lugar é delimitado do resto da propriedade por quatro cercas de arame.

Avaliadas as necessidades de segurança – como sempre, uma das primeiras preocupações consiste em não permitir que alguém venha a entrar sem pagar bilhete –, discute-se a melhor localização do dance floor, do chill out, do bar e de outras lojas. E de dois geradores. A montagem de todos estes componentes será levada a cabo numa clareira – cerca de um hectare – que não ocupa a totalidade do quadrilátero [área arrendada aos proprietários da quinta]. Ela é definida por parte das cercas, pela linha de árvores correspondente ao limite da floresta de sobreiros e, em plano situado dois metros abaixo, pela charca.

A deslocação dá conta de como são antecipadas as localizações de vários componentes da festa: o “dance floor” integra a “pista”, nome do espaço destinado à dança. Sem ele, a festa não é sequer pensável. Sem prejuízo de poderem fazê-lo em outras localizações que integram o lugar onde o evento decorre, os participantes têm no “chill out” o único lugar previamente montado e destinado ao seu descanso. O chão é coberto por uma alcatifa, frequentemente recolhida como salvado de exposições realizadas em edifícios pertencentes a associações empresariais de comércio ou indústria, existentes em algumas cidades do território português. Essa alcatifa é cortada na medida da dimensão do chão do chill out e sobre ela são espalhadas almofadas coloridas. Tendencialmente, tudo na festa é colorido. As pessoas sentam-se no chão – geralmente conversando – ou, também

sobre ele, se deitam e dormem. No chill out é feito tocar um “som” – o *ambient* – que, nos termos de um homem que participa na montagem destas estruturas, é “uma música que não convida logo à dança” e, por isso, considerada adequada ao descanso dos participantes.³⁷ A dimensão, montagem, decoração e acompanhamento das atividades do chill out durante o tempo em que a festa decorre pode ser contratada a produtores especializados. Sem chill out, o sucesso do evento seria muito gravemente comprometido. A música no dance floor e no chill out é “tocada” por DJs.

O “bar” é destinado à venda de alimentos e bebidas, nomeadamente água e cerveja. Pode haver lugar a uma “*chai shop*” que venda sucos naturais e comida vegetariana ou outro tipo de restaurante, como aquela loja montado em uma tenda ou resultado da fixação de uma roulote ou outra de viatura destinada também à venda de alimentação.³⁸ Finalmente, o “*flea market*” constituído, pelo menos, por uma loja. A presença de Rui na acima referida sessão de planeamento destinou-se a saber alguns pormenores sobre o flea market, onde viria a instalar uma pequena loja desmontável – tudo na festa é desmontável –, destinada à venda de artigos como cintos, sandálias e bolsas de feitios variados, feitos em couro e pele. Nestes lugares podem ser vendidos outros artigos tão diversos como são peças de roupa, panos decorativos – em uma destas lojas vi e comprei um pano amarelo sobre o qual se dispunham caracteres devanágari vermelhos –, caixas de lata com representações de divindades hindus (Figura 2), pulseiras, colares e até isqueiros. Alguns destes artefatos apresentam representações coloridas de folhas de ganza.

³⁷ Para uma excelente análise da música *ambient*, v. Perdergast 2003.

³⁸ Geralmente, a exploração do bar é feita pelos produtores que organizam a festa em causa. A cerveja é a única bebida alcoólica disponível.

Figura 2. Fotografia de pormenor de artigo do Flea Market

A disposição daquelas estruturas é organizada de acordo com um padrão que, tendo em conta as características topográficas do terreno em causa, sugere e define, delimitando-o, o lugar onde a festa ocorrerá. Para além desta disposição e da exploração de possibilidades prévias de delimitação sugeridas pelo terreno – uma espécie de parede constituída por um denso canavial pode ser disso exemplo –, há lugar à colocação de elementos decorativos que, num primeiro momento, ajudam, a partir de seu interior, a tornar ainda mais definido o lugar da festa. A policromia destes elementos, aos quais se juntam a delimitação dos espaços referentes ao dance floor e do chill out, a decoração exterior do bar e das lojas fornecem ao lugar construído um ambiente feérico.

Armada e decorada a tenda de circo para nela ser instalado o dance floor; montadas as tendas destinadas ao chill out, ao bar, à chai shop e ao flea market; retirados os veículos e algumas tendas de campismo dos produtores, usadas para dormir durante os dias da montagem; tornados operacionais os geradores destinados à produção de energia elétrica; recebidos e colocados os banheiros portáteis a ser usados por todos durante a duração do evento; definido o lugar da entrada e aqueles a que corresponde a disposição dos seguranças, a festa está preparada para que lhe seja dado o seu início. Para os produtores, trata-se de receber as pessoas que eles designam como “público”.

Para a festa: o público

No mapa da figura 3, o território português inclui elementos referentes ao lugar de morada dos participantes, representados através de círculos laranja, e a localização da festa, representada por um pequeno círculo verde. Ligando uns e a outra um conjunto de segmentos de reta que representam as deslocações realizadas pelos festejantes.³⁹

Figura 3. Mapa de mobilidade do público para uma festa

³⁹ A designação “festa 2” corresponde à segunda de um conjunto de oito festas onde foi levado a cabo um pequeno inquérito por questionário. Aqui, os dados do inquérito destinam-se a dar conta da deslocação para a festa. O mapa foi realizado com recurso ao Sistema de Informação Geográfico. Tendo em atenção os 176 participantes residentes no território português inquiridos na festa aqui colocada em análise – e correspondentes a 10% dos participantes –, faz-se notar que 38% deles declara deslocar-se em viatura própria, 56% declara tê-lo feito na viatura de um amigo enquanto 5,1% afirma ter usado um transporte público. A distância máxima percorrida por participantes residentes no território português é 420 Km. Três dos inquiridos vêm do estrangeiro: um da Áustria, três de Espanha. Entre todos eles, a idade mínima registada é 17 anos, a máxima 37. A maioria dos participantes desta como aliás das outras festas é, com pequenas variações, maioritariamente constituída por adultos jovens (v. Anexo 1 - idade).

A representação das deslocações é, no entanto, passível de esvaziar a caracterização da mobilidade que indicia se a sua análise se restringir àquilo que nelas releva de uma necessidade estritamente funcional, associada à viagem para o lugar da festa. É que “a mobilidade” não é um “fenómeno autoevidente” (Salazar 2018: 154). Para os efeitos da análise que aqui continuamos, seguimos a mobilidade com a aproximação que resulta da proposta efetuada por Peter Adey: trata-se de “uma relação vivida [...] uma orientação para si mesmo, para outros e para o mundo [...] uma forma de referir pessoas, objetos, coisas e lugares” (2010: xvii).

Antes mesmo de ser dado o início às deslocações, os participantes têm à sua disposição um “flyer”, geralmente desenhado em computador por alguém conhecido dos produtores e, eventualmente, por eles mandado imprimir. Previamente disposto na internet – no sítio da produtora em causa –, é, impresso, distribuído desde logo por lojas e bares da cidade onde moram os produtores da festa em causa. Havendo quem o faça – normalmente amigos aí residentes –, são também distribuídos em lugares similares, situados em outros espaços urbanos do país. É colocado também nos balcões das lojas de festas montadas por outras produtoras, eventos cuja realização antecede a anunciada no volante em causa. Antes de mais, as fotografias, desenhos e comentários que tais flyers colocam em relevo atestam o lugar da festa como sendo “natural”. Mesmo que o evento venha a realizar-se num parque de campismo, a referência a um lago, uma gruta ou um rio eventualmente próximos ou, até, a uma fase da lua, são disso um bom exemplo (Almeida Vasconcelos 2008: 93-94). Mas também fornecem a “rota” para a viagem, sugerindo e atualizando uma historicamente disponível representação do país: assumem que o território nacional se divide em duas grandes zonas, norte e sul, e que o participante se desloca a partir de uma delas. O principal ponto de referência é, por isso, a A1, nome da autoestrada que liga Porto e Lisboa – as maiores cidades localizadas naquelas duas zonas –, sendo a partir dela que se vai indicando o resto das vias a percorrer. De notar que a maioria dos participantes percorre de automóvel todo o sistema de estradas – municipais, nacionais ou autoestradas –, isto para além das de terra batida ou areia que, como se viu e no final dos trajetos, dão acesso a, e percorrem as, propriedades públicas ou privadas onde a maioria destes eventos se realiza.

Mesmo da parte de participantes experimentados, são recorrentes as narrativas sobre as dificuldades encontradas na viagem para os lugares onde certos eventos vieram

a ocorrer. Tendo em conta que a maioria se desloca em carros propriedade de um amigo é ainda para ter em conta a arrumação no interior do automóvel que, não sendo aleatória, se repercute nas práticas verificadas durante a viagem. No caso raro do uso de viaturas alugadas, são ainda relevantes as práticas relacionadas com a angariação de dinheiro para o respetivo aluguel. Em qualquer dos casos, existe um contínuo no qual relações de amizade, vizinhança e, até, parentesco se imbricam com o planeamento da viagem e com as práticas e vicissitudes relativas à sua prossecução.

A este propósito, Joana é um exemplo que ilustra a forma como as festas e os padrões de mobilidade a elas associada evoluíram em Portugal. Participa em algumas das chamadas festas *techno*, então realizadas, sobretudo, em armazéns e instalações fabris abandonadas, não atribuindo, no entanto e em retrospectiva, a tais participações nem um carácter sistemático, nem a importância que hoje atribui ao trance.⁴⁰ Diz que é ele que muda a sua vida, na medida em que foi na participação continuada nestas festas que veio a iniciar uma forma de vida que a leva pela segunda vez a Goa, cidade da Índia onde, com trinta e cinco anos e graduada em Comunicação Social, vem a trabalhar como professora de língua portuguesa. Anos antes começara a ir a festas dirigindo ela própria o automóvel que a transportava. Até aí, a participação depende das caronas dadas pelos poucos conhecidos que, na sua zona de residência, uma cidade do norte do país, têm acesso a um automóvel e que, tendo-o, têm também acesso aos meios para suportar os custos das respetivas deslocações. Refere, a este propósito, a importância de um amigo, cozinheiro de profissão. Entre estudantes como ela e por via de um salário, este preenche dois indispensáveis quesitos: propriedade direta de um automóvel e recursos disponíveis para a sua manutenção e movimento.

Ter carro próprio não garante, no entanto, acesso às deslocações implicadas na participação de uma festa. Esse, mais uma vez, o caso de Joana. Filha e irmã de motoristas profissionais, é portadora de carta de condução e autorização para dirigir o carro da mãe desde os dezoito anos. Não tinha, no entanto, ao contrário do seu amigo cozinheiro, meios autónomos para financiar a respetiva mobilidade muito para além dos limites da cidade onde então residia. Ora é exatamente nesta situação que, pela primeira vez e com vinte anos, se dá início ao processo através do qual as viagens referentes à ida e volta das festas

⁴⁰ Já referido acima, o Techno é o nome de um género de música eletrónica, surgido nos EUA. Tendo também este último como base, o trance viria a ser criado mais tarde em Goa, nome de um Estado da União Indiana. Estes factos serão enquadrados adiante, quando da análise de algumas características da música eletrónica.

passam a ocorrer em um outro veículo por si dirigido: um amigo negocia com a respetiva progenitora o empréstimo do carro a ela pertencente, a ser dirigido não por ele, mas por Joana. Foi o sucesso desta negociação que outorgou a esta jovem mulher a “grande responsabilidade” – palavras suas – de conduzir o automóvel que não o da própria mãe e a garantir que o expediente viesse a repetir-se em outras ocasiões. De qualquer forma e por relação ao carro, a disjunção entre propriedade, condução e pagamento das despesas tem repercussão na forma como os viajantes se dispõem no interior da viatura: a condutora a quem foi outorgada a responsabilidade sobre o veículo e o filho da proprietária na parte da frente, os restantes amigos na parte de trás. Se projetarmos esta arrumação no que Daniel Miller refere como “experiência da mobilidade” (2001: 10) somos obrigados a concluir que ela não é igual para todos. Sem deixar de ter em conta a presença dos amigos, a experiência de Joana deve ser também remetida para a atenção a dar à estrada e todos os elementos que a constituem. Trata-se de experiências que, desde logo e apenas em um primeiro momento, radicam em diferentes “sequências visuais” (Cresswell 2011: 574. *Apud* Lynch 1981: 274). A ter em conta tais diferenças, seguimos Steven Feld quando, a propósito dos Kaluli da Nova Guiné, explica como esta dimensão é complexificada pela ação do movimento, que recorre a uma diferente “interação cinestésica dos sentidos tátil, sónico e visual” (1996: 94). O autor se refere à locomoção a pé pela floresta. Salvaguardadas as respetivas diferenças, a análise pode ser estendida à situação que decorre daquela mobilidade em um automóvel: os viajantes começam por estar sentados, ouvem música e falam, dirigindo eventualmente sua atenção para muitos pormenores que constituem a deslocação.

Um destes pormenores é o que decorre da preparação dos charros que, à vez, cada um prepara, enrola, fuma e põe a circular entre os companheiros. Na realidade, a viagem integra aqui outra forma de partilha. No que à ganza diz respeito, ela exprime-se na forma como, e numa medida que já fora encontrada entre os produtores no processo de montagem da festa, todos vêm a fumar aquela que é transportada e preparada por cada um. Caso não o faça numa paragem na marcha do automóvel – para usar um banheiro, beber um café ou, simplesmente, descansar –, a da condutora será objeto de preparação por parte de um dos amigos transportados, geralmente o que se senta a seu lado. Salvo indicação do contrário dada por quem enrola a sua própria ganza em “mortalhas” ou a dispõe em cigarros previamente esvaziados, tal partilha tende a seguir um padrão: os primeiros “bafos” são levados a cabo por quem enrola a canábis trazida por si. Depois ela

é feita circular por cada um dos presentes, dando tantas voltas quanto a dimensão do beque feito e a vontade de quem o preparou. Tendencial mas não exclusivamente, este será também o último a fumar. Todos os movimentos – extensão dos braços e a torção do torso de quem dá e de quem recebe – são feitos sem que seja trocada qualquer palavra, exceto as que decorrem da conversa, começada antes de ser dado início ao processo do fumo. Presenciei uma outra situação ocorrida durante a montagem de uma festa, no qual a ganza foi preparada por um produtor que, no momento, dirigia o trabalho de montagem de um elemento decorativo. A ganza foi posta a circular em um círculo de pessoas em pé, constituído por aquelas que haviam participado na jornada correspondente à edificação daquela estrutura decorativa. O homem que primeiro recebeu, colocado imediatamente à esquerda do produtor em causa e depois de dar umas fumaças, fez, como todos os outros fariam depois, circular a ganza pela sua própria esquerda. Deu uma pequena corrida, recolocando-se imediatamente à direita do mesmo produtor. Todos riram com esta brincadeira na qual se simulava uma postura tendente a fumar duas vezes em uma mesma rodada. Em outra ocasião e também durante a montagem de uma outra festa, foi deixado cair sobre a cabeça de um dos presentes – que amparava um andaime no qual outros homens trabalhavam – um alicate destes montadores. O acidente fez com que aquele gritasse – chegou a ferir a cabeça –, ao que uma das mulheres presentes, que trabalhava em outra tarefa, correu na sua direção, estendendo-lhe, qual solidariedade paliativa, a pia que fumava.

Em outra ocasião, desta vez na casa de um produtor e DJ, situada no Porto, um dos presentes enrolou uma chinha com todo o cuidado, numa apresentação que acompanhava a perfeição formal de um cigarro produzido industrialmente, estendeu-a – os presentes estavam de pé –, apagada e com seu isqueiro, a um amigo que se disponibilizara a trazer alguns flyers da festa então em preparação para Lisboa e a distribuí-los por alguns barzinhos existentes nesta cidade. Em outra ocasião, e no início de uma festa realizada no litoral norte de Portugal, um dos participantes, após cumprimento feito através de um abraço, dá a um outro – ambos eram provenientes da mesma região de residência, a chamada Grande Lisboa – uma pequena “banana”, com ganza proveniente de uma planta de canábis cultivada em seu quintal.⁴¹ Realçada pelo

⁴¹ O termo “banana” designa um objeto com dimensões variadas e que resulta do acondicionamento de uma determinada quantidade de erva. Esta é enrolada em uma ou várias folhas de milho, verdes – assim evitando que a ganza seque em um período mais curto de tempo –, sendo a forma do cilindro correspondente mantida pela atadura de um cordel. Para o caso, tratou-se de um cordel branco que atava um cilindro com vinte centímetros de altura e dois de diâmetro.

homem que ofereceu, a origem do cultivo mais reforça o fato de a canábis também ser passível de se constituir em dádiva. Numa variante da oferta, o bagulho é ainda passível de se transformar em um indutor de comunicação. Em uma outra festa realizada no norte do país, um DJ israelita espera ser chamado para o seu set, encostado à parede do clube onde o evento se realiza. Era óbvio que não conhecia ninguém. Estendendo o braço, oferece-me o beque que havia começado a fumar uns momentos antes: a partilha é suposto tornar mais fácil o início de uma conversa. Pode até ser utilizada como um marcador da alegria de um reencontro: durante a montagem de uma edição do Boom, dois amigos cruzam-se durante a realização de uma tarefa. Após o abraço – a prática mais frequente de cumprimento –, um deles afirma a necessidade de marcar o momento, sentando-se. Instando o interlocutor a fazê-lo também, enrola um besugo para ser fumado em conjunto.

A corporalidade do carro só pode ser replicada fora dele se houverem localizações que permitem que os fumantes se possam sentar. Razão pela qual, na montagem e na performance da festa, a posição mais comum de quem prepara uma broca seja a de uma postura na qual a pessoa em causa se mantém de pé, com a ganza na palma de uma das mãos, virada para cima. A outra mão movimenta-se sobre a palma onde a ganza está colocada, acondicionando-a e preparando-a para ser enrolada em uma mortalha. Menos comum o uso de um cigarro de produção industrial, esvaziado de tabaco. Neste caso, este mesmo tabaco voltará a ser acomodado no cigarro, depois de nele ser misturado o haxe ou o pólen. Nestas como em todas as outras situações relacionadas com as festas, e a ter em conta quer a reprodução das corporalidades envolvidas, quer o conhecimento dos códigos de etiqueta que acompanham a circulação, a preparação e as respetivas formas de fumo, o uso do chamon está completamente normalizado (South 1999). Sem prejuízo de haver lugar a um uso diferenciado – alguém que o faça sozinho ou, quando acompanhado, não o partilhe com os interlocutores presentes –, a ganza, no que torna ainda mais evidente aquela normalização, segue aqui uma utilização marcadamente convivial (Ingold e Toussirt 1998).

Na situação da viagem empreendida por Joana, e porque sentado, um dos seus companheiros prepara a ganza na metade de uma entrecasca de coco fixada entre as suas pernas fechadas. O contínuo de situações nas quais a maconha é fumada é, como acima se descreve e no que decorre da sua normalização, parte integrante da deslocação para a festa.

Já no fim da viagem, a atenção dos motoristas e dos outros ocupantes das viaturas é alinhada na região onde a festa fora montada. As indicações que levarão ao “spot” onde o evento vem a decorrer, ou seja, a direção a seguir, passam a ser indicadas pela produtora responsável pelo evento em causa através da colocação de pequenas setas vermelhas em papel refletor – a maioria das deslocações é feita à noite –, coladas em placas ou sinais de trânsito (figura 4), em paredes de edifícios, em cercas de propriedades rurais ou mesmo em pequenas estruturas – uma tábua, espetada no solo e encimada por um garrafão de plástico vazio ou presa no arame farpado de uma propriedade rural são disso exemplo – especificamente colocadas para esse fim.⁴²

Figura 4. Fotografia de Produtor em ação de ordenamento da mobilidade do público

Assim, se os participantes começam por partilhar as indicações comuns a qualquer automobilista, a partir de certa altura o itinerário só se torna manifesto à atenção daqueles que para lá se deslocam. Nos seus efeitos, esta aproximação pode abranger e simultaneamente alargar a mobilidade do participante vindo da Áustria, de avião. A este

⁴² A figura 2 dá conta de uma ação levada a cabo em uma parte de estrada que integra um nó imediatamente após a saída de uma autoestrada, a A1. Também através de uma seta, tem representadas a direção de três Estradas Nacionais, a 252, a 114 e a 118, e outros tantos agregados urbanos, por elas servidas. A placa situa-se a cerca de 15 Km do lugar da festa.

propósito e incluindo a forma como, também através de setas, a mobilidade é regulada em ruas, estradas e, até, em aeroportos (Cresswell 2006: 219-258), não é difícil imaginar que a seta colorida colocada pelo produtor seja a última de um conjunto que se vai alargando à medida que esse viajante sai do seu lugar de morada. Em qualquer dos casos, os meios de orientação relativos a esta última etapa fazem com que qualquer desatenção tenha como corolário que os viajantes se percam. Quando tal acontece, é frequente que a viatura em que se viaja volte para trás, na busca de uma qualquer seta disposta em um suporte dos já indicados. Em certas circunstâncias e em cúmulo, através do som emitido à distância pelo dance floor da festa, é possível aquilatar a posição do spot e assim dar melhor continuidade à viagem na sua direção. Este som tem, aqui e desde logo, o valor de uma “orientação localizacional” (Feld op. cit.: 98). Na Austrália, estas festas são até designadas pelo termo *doof*, onomatopaica que remete para o som que resulta da ação conjunta do baixo e do *kick* da bateria, evento sonoro que, à distância do lugar onde a festa ocorre, primeiramente se torna audível (St. John 2004: 10). Desconhecida a sua localização específica, a festa exige um tipo de mobilidade que utiliza meios de deslocação do cotidiano mas que, sobretudo na parte final do percurso, passa a ter-se a si própria como referência.

Casos há em que é difícil discernir um limite claro entre a estrada e o lugar da festa. Ao contrário dos eventos mais comuns, a entrada no festival Boom é feita durante todo um dia, antes de ser dado o início à música no dance floor, já mais próximo da hora do por do sol. As dezenas de milhares de participantes, a maior parte deles a entrar nesse primeiro dia, fazem com que a organização destine aquele período à entrada dos festivaleiros, que, ao contrário das outras festas, podem trazer para dentro do perímetro do festival os seus automóveis e carrinhas, a serem arrumados em zonas previamente dedicadas a esse fim. Desde o dia anterior começa a formar-se uma fila de viaturas, esperando a abertura da porta. A espera faz com que muitos dos participantes se sentem, até em cadeiras de praia armadas para tal, que prolonguem assim as dinâmicas relacionais trazidas da viagem, que caminhem na estrada fazendo percursos nos quais se visitam amigos ou conhecidos e que oiçam – e, agora, façam também ouvir – a música tocada na aparelhagem sonora do próprio veículo. A estrada vem a transformar-se assim em uma espécie de rua da festa. Intersticial porque com a duração de apenas um dia.

Tais áreas são passíveis de se prolongar para dentro do perímetro do festival. Aqui, configuram uma espécie de zona na qual, e com algumas viaturas agora parqueadas de

forma a delimitar e fechar um quadrilátero de espaço deixado livre – com acesso pedonal levado a cabo nos corredores existentes entre as viaturas parqueadas –, chegam a configurar um tipo de pátios nos quais se desenvolvem socialidades que passam pela partilha de comida aí cozinhada, de água fresca – estamos no verão –, energia elétrica e, mais uma vez, música eletrônica. Alguns deles contam, para isso, com a presença de pequenos geradores previamente trazidos naqueles veículos, que providenciam a eletricidade necessária a esses fins. Nos casos em que alguém traz uma pequena mesa de mistura, um DJ não profissional pode levar a cabo um “set” informal, havendo mesmo quem, aí, venha a dançar.⁴³ A “experiência de estacionamento” (Miller 2001: 27) – no seguimento do que já acontecera à entrada, e, antes, na marcha dos automóveis – vem a transformar-se aqui em uma espécie de praceta de um bairro. Estas relações de vizinhança, e as pracetas onde vêm a ocorrer, têm a duração de uma semana. Nessa medida, são também intersticiais.

Entre estas duas experiências de estacionamento, o pagamento da entrada na festa, após o qual é enrolada no pulso de cada participante uma pulseira de papel colorido. Ainda que dirigido a uma função, certificar um pagamento, tal pulseira colorida corresponde também ao primeiro elemento decorativo, apenso pela organização do evento em cada um dos participantes. Não é raro que alguns deles venham a manter tal pulseira no pulso vários dias para além do término da festa. Desta forma, após o retorno e já em outros locais e regiões do país, nomeadamente os de morada, e para além da mnemónica que a pulseira constitui para si próprios, os intervenientes vêm a reconhecer nos amigos e em certos transeuntes uma participação comum nas festas trance.

Na festa

Até mesmo antes de começar, a festa constitui-se em uma espécie de apelo à transformação. Desde logo a que decorre de uma “economia visual” do lugar onde ocorre (Saldanha 2007: 121). Quer dizer, do ponto de vantagem dos participantes e por via da disposição dos elementos que o compõem, o lugar da festa vem a variar entre uma

⁴³ Nas festas que aqui são objeto de análise, cada set tem a duração de duas horas. Para uma festa que tenha a duração de dezasseis horas, os produtores têm de contratar oito DJs, portugueses ou não. Cada DJ tem um nome artístico. Os temas musicais – as “malhas – fixados em CDs ou outros suportes digitais diz-se que são “produzidos” por alguém que também apresenta um nome artístico. Os DJs misturam no momento da performance malhas produzidas por outros. Ambos são designados como artistas.

exposição mínima – correspondente ao período da noite – e a uma exposição máxima, correspondente ao período do dia. (id. Ibid.: 120-121).

Figura 5. Fotografia de elemento decorativo
Foto de Valter Vinagre.

A maioria das festas – neste caso diz-se serem de “um dia” – tem o seu início à meia-noite de sábado e o seu final próximo do pôr-do-sol de domingo, decorrendo, por isso, num intervalo que varia entre as dezassete e as vinte horas, consoante seja Inverno ou Verão.⁴⁴ A aferição do tempo define-se também por relação à festa ela própria. A este nível trata-se de uma temporalidade que, em uma existência também intersticial, se relaciona com as características específicas do evento que a articula (Almeida Vasconcelos 2008: 104). Ininterrupto, ele não pode decorrer sem a presença de pelo

⁴⁴ Mais raramente, e no caso de haver um feriado encostado ao fim-de-semana, a festa ocorre durante dois dias. Quando realizadas em espaço fechado, como é o caso das discotecas e clubes, a festa segue o horário habitual destes estabelecimentos. Para duas excelentes análises de clubes e das festas aí ocorridas, v. Malbon 1999 e Jackson 2004.

menos um gerador de energia elétrica, alugado e disposto de forma – escondido, por exemplo, por uma rede rachel que envolve o espaço onde se encontra – a não ser visto pelos membros do público (Figura 6). Os cabos que distribuem a energia pelas várias estruturas são tornados invisíveis pelo enterramento em sulcos previamente abertos na terra durante a fase de montagem. Este enterramento ajuda a fornecer a impressão de que a festa surgiu de, e se desenrola em um lugar completamente auto sustentando.⁴⁵

Figura 6. Fotografia de gerador elétrico

À noite, a clareira que alarga ou estreita consoante a quantidade e proximidade relativa dos elementos que a delimitam, ou seja, a área a partir da qual os participantes inscrevem os itinerários que dão acesso a cada um dos elementos constituintes tidos como estruturas autónomas, é, em toda a sua extensão, pouco visível. São as luzes provenientes de cada uma destas estruturas que, projetando-se em parte dessa clareira, vão servindo de referência à mobilidade das pessoas. Total ou parcialmente e após o nascer do sol, a nova “experiência de luz” (Ingold 2011: 74 e seguintes, *maxime* 136-139) é passível de não só

⁴⁵ A este propósito, vale a pena referir um informante a morar em uma cidade situada a algumas dezenas de quilómetros da capital, Lisboa, que pediu ao autor destas linhas que o assessorasse na produção de uma festa. Já garantira os elementos decorativos necessários, para o caso parte da decoração de uma festa realizada na Alemanha, sendo que projetava mobilizar amigo para que este custeasse outras despesas de produção, nomeadamente a contratação e deslocação de um DJ vindo do estrangeiro. O spot da festa não o preocupava de todo. Sua surpresa face à complexidade e ao custo das tarefas que o esperavam era admirável, tanto mais que se tratava de alguém que já participara em alguns eventos com as características daquele que pretendia agora organizar (Almeida Vasconcelos 2008: 96).

tornar o lugar aberto ao olhar dos participantes, como tornar possível que estes se vejam uns aos outros. Os seus corpos – nomeadamente em uma marcha agora realizada na segurança de um caminho que é dado à visão de quem o leva a cabo e no escrutínio de quem, eventual e simultaneamente, é olhado pelos demais –, denotam, em cúmulo e na diferença da participação noturna, outra vinculação ao lugar.

As “personagens”, essas, são mesmo para ser olhadas:

Figura 7. Fotografia de personagem: mulher alada
Foto de Valter Vinagre.

Na forma como se apresentam, cada uma delas resulta da iniciativa da, ou do, participante que a concebe e monta. A título de exemplo, uma jovem mulher alada (figura 7). A pessoa em causa enverga um biquini de tecido nas cores branco e rosa. Olhada de trás são patentes nas suas costas, e delas se prolongando acima dos ombros, duas asas trianguladas, armadas em tecido sintético. A superfície de cada uma delas é bordejada por tiras rosa que se prolongam em três espirais, estendidas para uma parte central em rosa claro. Tal personagem é passível de incluir o limite máximo de um contínuo que outras podem assumir, já que se espera que, como limite mínimo, todos usem uma roupa que integre e interaja com as cores da decoração.

Outro elemento decorativo: no ar, no caminho que conduz ao dance floor, pendurado em duas árvores que integram a floresta que bordeja a passagem e alguns metros acima dos participantes, a representação de um dragão com cerca de cinco metros de comprimento. Disposto paralelamente ao solo, apresenta um ventre escameado em tiras transversais das quais ressalta a cor vermelha. Da cabeça conoidal à ponta da cauda triangular, uma sucessão de escamas em um agregado tecidual, espalhado em uma variação cromática entre o azul e o verde claro. Levantada nas costas, uma linha de escamas dorsais triangulares em laranja. Realizada no norte do país, a festa onde este dragão é ostentado fora organizada por uma das mais prestigiadas produtoras, com sede na cidade do Porto. Espetacular nos efeitos causados, em grande parte resultado da sua posição, forma e policromia dos elementos que o constituem, e acompanhado pelas cores da roupa daqueles que se movimentam debaixo, o artefato tridimensional em causa deve ser avaliado na relação que estabelece com todos os outros elementos e pessoas que vêm a constituir a festa.

Pode até ser colocado em uma relação com outro personagem que se deu a conhecer no dance floor da primeira festa participada pelo autor deste ensaio: para além de uma haste de incenso na boca, um corpete usado como segurança na prática do motocross, que lhe cobria o tronco, as costas e os ombros, e de umas joelheiras de plástico, o homem em causa dançava tendo atado ao pescoço um pano retangular, policromado também, de comprimento superior a um metro e meio e que, flutuando como resultado da ação do dançarino, ostentava uma representação do que ele próprio – o pano fora trazido da Índia – designou como “símbolo do yoga, deusa da dança”, Shiva. Mesmo depois de questionado sobre aquela designação, pouco mais tinha a dizer sobre o assunto. O dance floor em causa, montado numa tenda de circo, tinha penduradas sobre ele e todos os outros dançarinos quatro estruturas correspondentes a sólidos com várias formas e volumes, cada uma delas pintada em uma cor primária: vermelho, amarelo e verde. Ainda que aquele pano remeta para a origem do trance – já adiante esclarecida – e seja passível até de constituir referência à proclamada espiritualidade dos seus primeiros DJs – e isso, sim, e exatamente nestes termos, era sabido pelo dançarino –, o que está em causa aqui é a presença de um personagem que se constrói por referência ao exotismo decorrente da ostentação de um elemento proveniente de uma diferente tradição cultural.⁴⁶ Mas, para o

⁴⁶ Para uma aproximação a um elemento relativo à construção da espiritualidade de Goa Gil, norte-americano que escolheu aquela designação como nome de DJ, consultar McAtter 2002. Aquele ainda tem residência em Goa e é considerado o primeiro DJ de trance. O texto é dedicado a um público

caso e principalmente, de uma também diferente tradição iconográfica. Isso se poderia dizer também sobre os já referidos panos coloridos com caracteres devanagari neles estampados: no plano da performance da festa, ou mesmo fora dela, não conheci quem se interessasse pelo seu significado. Aqui, a escrita é também decoração. Dito de outra maneira e para resumir, o processo correspondente à interação das partes montadas com a sequência das diferentes experiências de luz e com a participação das formas assumidas pelos intervenientes vem a revelar um lugar decorado em processo de contínua transformação.

Do som

Numa conversa ocorrida em uma festa, e na qual se discutiam as suas partes mais importantes, um dos presentes interrompe um dos seus interlocutores para lhe perguntar se ele já tinha dançado. E aduz que só dançando se percebe o que a festa é. A dança é considerada por todos como *apex* da participação, sendo nessa medida que o dance floor é considerado como o componente mais importante do evento. Isto não significa que ele se constitua por oposição à festa tida no seu conjunto. Raramente é montado no centro de uma área cuja organização depende em grande medida de uma topografia que lhe é prévia. Esta variabilidade relativa faz com que o processo de incorporação do lugar seja iniciado quando da entrada no recinto, situação após a qual a maioria dos festivaleiros circula pelo conjunto das estruturas montadas, assim começando a criar e integrar os itinerários pedonais percorridos durante as horas de duração da festa. A importância do dance floor decorre desde logo do facto de ser o emissor de um som que se sobrepõe a todos os outros ouvidos no recinto: o do chill out ou os produzidos pelas atividades dos participantes, cujas conversas, tendo-o sempre como fundo, podem ser escutadas perto das pessoas que nelas participam.

Montada nos elementos que a compõem, a festa é iniciada quando é dado o início ao som do dance floor. Da mesma forma, e mesmo quando os participantes prolongam a sua presença no lugar algum tempo para além do momento em que o último DJ em atuação deixe de “pôr o som” – ou seja, que a música acabe –, todos consideram que a

euroamericano e, nessa medida e para além das práticas religiosas hindus, exprime muito mais o que tal público espera e valoriza na “espiritualidade” daquele DJ do que alguns elementos do hinduísmo que são apresentados como instituintes da sua identidade. Para uma análise crítica e mordaz de todo este processo, incluindo o das festas realizadas naquele território indiano, v. Saldanha 2004 e 2007.

festa chegou ao fim quando ela deixa de ser tocada. Quando se procede à avaliação de eventos específicos, e sem prejuízo de uma avaliação das características do chill out, não é preciso nomear o dance floor para se saber que é da música aí difundida que se está a falar. É a sua centralidade enquanto ponto de produção de som, no que nele se imbrica a decoração própria e os momentos em que lhe são dados o seu início e fim que, em muito grande medida, indicia e qualifica a temporalidade da festa.

Esta aproximação às temporalidades de cada evento deve ser estendida a uma análise que tenha agora em conta a evolução da música trance e a forma como tal evolução se vai repercutindo no decorrer do evento ele próprio. Trata-se de integrar em uma aproximação à música eletrônica alguns dos aspectos processuais que compõem a dimensão sincrónica que também lhe corresponde. Logo na introdução de um livro a ela dedicado e a propósito de um dos seus estilos específicos, o seu autor, Simon Reynolds, em uma asserção que pode ser alargada a este ou a qualquer outro estilo musical, explica como tal género “evolui de forma incremental, semana a semana” (1998: xvii). Trata-se de um som que ocorre em um processo que lhe impõe uma permanente transformação.⁴⁷ Quando do início do trabalho de campo, as referências à música tocada nas festas era, implicitamente, um conjunto de alusões ao chamado “Goa Trance”, também chamado “psytrance”. São estes os nomes do som criado por “freaks” residentes desde os anos setenta do século passado em Goa, nome de um Estado da União Indiana.⁴⁸ Na maior parte oriundos dos EUA e da Europa, eles trouxeram para a música entretanto criada “eventos sonoros” designados como psicodélicos, presentes em certos géneros de rock, música até aí tida como da sua preferência. O termo psytrance resulta da aglutinação de duas palavras inglesas que compõem a expressão “psychedelic trance”. A primeira festa realizada em Portugal, no final do século passado, foi organizada por iniciativa de um adulto jovem português, então estudante de engenharia de som e filho de uma mulher com a mesma nacionalidade que, após o divórcio e adotando o estilo de vida freak, veio, com o filho, a morar durante anos naquele território indiano. Amplamente conhecidos pelos outros produtores, aquele homem e alguns dos seus amigos vieram a constituir o

⁴⁷ Devo ao Pedro Félix, etnomusicólogo, esta explicação sobre as diferentes dinâmicas a que se referem a música erudita – esta sim distribuída por tipos mais ou menos estáveis – e a popular. Devo-lhe igualmente o potencial descritivo da expressão “eventos sonoros”.

⁴⁸ O termo “freak” é o vocábulo usado pelos próprios desde os anos sessenta do século passado, nos EUA. Corresponde a uma palavra de maior difusão – hippies –, considerada por eles como derogatória, usada pela primeira vez por aqueles que, nomeadamente na imprensa do mesmo país, nomeavam os primeiros (Stevens 1988: xiii). O uso do vocábulo persiste em Portugal, precisamente entre aqueles que foram a, ou viveram em, Goa.

primeiro contingente de DJs do Goa Trance e a integrar a primeira produtora de festas nas quais se tocava música com o mesmo nome.⁴⁹ É aliás em uma fidelidade a este som que as primeiras festas vieram a realizar-se. Tal fidelidade tem, no entanto, uma muito curta duração. Sem instâncias de poder sobre o gosto, o psytrance rapidamente se viu objeto de várias transformações, posteriormente catalogadas, entre outros, com os nomes Progressivo, Full On ou Dark.⁵⁰ Nenhuma delas tem uma existência perfeitamente autonomizada. Com exceção do número das batidas por minuto – que continuam a ser contadas no momento posterior à sua criação –, e em que, durante pouco tempo, ela subsiste com outras das suas marcas distintivas, sempre vai ocorrendo entre todas uma permanente troca de elementos e eventos sonoros. Os produtores nunca conseguem, por isso, conhecer de antemão, e porque também elas resultado de uma contínua mudança, as preferências musicais das pessoas que constituem o público das festas que organizam. Inicialmente encarados como uma espécie de evolução moralmente negativa do Goa Trance, aquelas mudanças vieram, por isso, a ordenar a música tocada no dance floor através da sua integração em duas categorias prévias, já aludidas como princípios organizadores da festa tida como um todo: a noite e o dia. “Som noturno” e “som diurno” são as classificações usadas por todos os festivaleiros. No primeiro, e para além de uma maior presença de eventos sonoros, a ocorrência, desde logo, de um maior número de batidas por minuto; no segundo, e por isso considerado “mais leve”, uma menor contagem desses dois elementos. Assim e tendencialmente, sem prejuízo da presença do Goa, se ouve e se dança trance Progressivo durante o dia, e Full On e Dark durante a noite. Há até lugar à produção de sons adequados às passagens entre a noite e o dia, ou seja, ao período durante o qual decorrem o nascer e o pôr-do-sol.

No que o som se revela como parte integrante daquilo que os constitui, até alguns dos marcadores temporais da festa estão sujeitos a um processo de contínua mudança. E o que vale para o som, vale para os outros componentes da pista.

⁴⁹ “Foi aí que vimos que havia lá fora gente como nós”. Afirmado por um trancer a propósito da primeira edição do festival Boom à qual acorreram milhares de estrangeiros, o enunciado dá conta da forma como o trance era encarado por muitos dos seus cultores em Portugal: importado de Goa, o som e as primeiras festas onde ele se dançava apenas constituíram a génese de um movimento tido como exclusivamente português.

⁵⁰ Para “produzir” música eletrônica basta ter um computador. Todos os elementos tecnológicos da qual depende para a respetiva produção, como é o caso do som de instrumentos musicais – de que a bateria, o baixo e o sintetizador são exemplos –, bem como da medida da sua duração, podem ser mimetizados pelo computador ele próprio.

A pista

Independentemente da topografia do local onde as festas são realizadas e das diferentes dimensões dos elementos que as compõem, o dance floor é sempre montado em um terreno plano. Tal não equivale a dizer que cada um deles, como de resto qualquer dos outros componentes, seja igual a todos os que o antecederam. A primeira diferença é para ser observada consoante ele se realize numa estação em que o tempo atmosférico ameaça a possibilidade de chuva, ou, no verão ou próximo dele, numa altura em que deixe de o fazer. No primeiro caso, ele é montado numa tenda de circo alugada, cuja dimensão deverá ter em conta o número de pessoas que se espera venham a constituir o público. As paredes da tenda podem ser decoradas com motivos tão variados quanto o talento dos respetivos decoradores. Como se viu, o espaço acima da cabeça dos dançantes é também passível de ser ocupado com elementos decorativos. No caso da festa montada na propriedade descrita no início deste texto, os dançarinos viriam a ter suspensas sobre si um agregado de estruturas tridimensionais tubulares em licra, de comprimentos variados. Cada uma delas apresenta-se esticada a espaços a partir do seu interior através de espirais com argolas de metal de diâmetro variado. Ao diminuir, progressivamente e de cima para baixo, o diâmetro das argolas, as estruturas tubulares vão, quais estalactites, adquirindo as formas conoidais que apresentam. Todo o conjunto, que interage com as cores do material, lona, com que a tenda é construída, é pintado por fora numa variação cromática entre o branco e o cinzento, o castanho claro e o laranja.

O efeito pretendido com as representações coloridas das estalactites é o de sugerir a transformação do dance floor em uma espécie de gruta ou caverna. A este tipo de efeitos, e no período da noite, é sempre aduzida a aposição de luzes emitindo em ultravioletas, as chamadas “luzes negras”. Em alguns casos pode ainda haver lugar à emissão de raios laser. A experiência de luz que proporciona pode ser modificada pela presença do VJing disponibilizado pela montagem de ecrãs nos quais são projetadas imagens em movimento, parcialmente sobrepostas. Quando compostas por elementos figurativos, tais imagens vêm a formar blocos que se repetem em loop, encadeados em uma rápida sucessão. Nos poucos casos em que a emissão em raios laser e o vjing coexistem, eles não coexistem no dance floor. Um deles será montado em outra localização.

Especialmente contratada para o efeito e previamente informada sobre a dimensão da tenda, a decoradora daquele agregado decorativo, de nacionalidade britânica, deslocara-se para o lugar vinda da sua cidade de residência. Apenso a um conjunto de

panos pretos, apostos entre si e pendurados ao teto da tenda durante a montagem, o elemento decorativo foi transportado desmontado na sua “carrinha” desde a cidade inglesa de Manchester, situada a cerca de dois mil e quinhentos quilómetros de distância. Não tendo sido a primeira vez que participara no desenho e montagem dos elementos decorativos de uma festa em Portugal, e tendo numa das precedentes conhecido um homem que demonstrara facilidade em subir a, e circular pela parte de fora de uma tenda de circo de maior dimensão, a mulher em causa solicita aos produtores que estes o cooptassem como ajudante neste seu trabalho. Contatado para esse efeito, o homem em causa desloca-se da cidade do Porto, situada a norte, a cerca de trezentos quilómetros.

Num outro caso, agora no de uma festa realizada em pleno verão em uma floresta de pinheiros no centro do país, e como resultado do trabalho do decorador português contratado para o efeito, o dance floor veio a apresentar-se delimitado por várias colunas dispostas de forma semicircular em intervalos regulares de cerca de dois metros. Tais colunas parecem brotar do chão, já que cada uma delas resulta de uma armação cónica, tornada possível pela disposição de barras de aço usadas na armação de concreto, mas agora cravadas na terra até uma altura de cerca de dois metros, e à volta dos quais, de cima abaixo, foram enroladas tiras de película transparente, habitualmente usada na cozinha para acondicionar os alimentos. Agora, e com recurso ao uso de latas pulverizadoras de tinta, a película, para além do uso do vermelho e laranja na maior parte da superfície disponível, é ainda pintada com alguns motivos coloridos não figurativos. No interior de cada uma destas colunas, assente no chão, voltado para cima e com luz filtrada por aquelas cores e motivos, um projetor mantido aceso durante toda a noite. Destacando-se na escuridão, assim se sugere uma lavareda colorida – muito apreciada, mesmo por quem, ao longo de vários anos, tenha vindo a participar com alguma recorrência em festas deste tipo. Estas soluções, que aliam sempre uma função de demarcação e uma intenção decorativa, não se destinam a delimitar uma área intransponível – no caso das colunas, a entrada e saída da pista é feita pelos espaços livres existentes entre elas –, antes a sugerir a existência de um lugar plano e delimitado, mas com passagem aberta para além dos seus limites. Para o caso, o semicírculo das labaredas, enquadrando-o, é fechado à circulação dos participantes pelo “palco” onde os artistas atuam. Na medida em que quase todos virão a dançar de pé virados para eles, é na conjugação desta postura com o resto das estruturas existentes, que, sem necessidade de um esforço de orientação por parte de quem a ela se dirige, a pista vai sendo ocupada pelo

conjunto dos dançarinos.⁵¹ Erigido de forma a garantir que estes possam ter o DJ sempre visível, a dimensão do palco, também ele decorado, depende, em área e altura, da extensão do espaço destinado à dança. Alguns metros à esquerda e direita da mesa do DJ, geralmente assentes no chão e em uma disposição estereofónica, pelo menos duas pilhas de colunas que lhe fornecem o som.⁵²

Figura 8. Fotografia de pormenor decorativo de um palco
Foto de Valter Vinagre

A dança nas festas trance desenvolve-se a partir das diferenças no movimento das partes superior e inferior dos corpos dos dançarinos. Nesta última, é patente a deslocação oscilante entre os conjuntos de cada perna e pé que, partindo da, e voltando à, mesma zona de sustentação no chão, vão, à vez, sendo movidos em uma cadência, articulada com a sucessão das batidas da música tocada. Na parte anterior, e relacionando-se agora com a textura da música (Keil 2005: 96), observam-se os braços ondulantes que se movem por

⁵¹ Para aceder à pista, e nos casos em que a festa já tenha tido seu início há algumas horas, torna-se necessário passar por entre os homens e mulheres que, dispostos em pé no limite das zonas que lhe dão acesso, observam os dançarinos e a atuação dos DJs. A atividade do dance floor também pode constituir-se em espetáculo, mesmo para aqueles que nunca venham a dançar.

⁵² Para uma boa descrição e caracterização das tecnologias de som presentes na pista da festa trance, v. Elliot 2006.

relação à miríade dos sons que parecem ter uma origem diversa, os chamados “sons quiméricos” (Fales 2002: 69. *Apud* Bregman 1994) – aparentando os dançantes, especialmente as mulheres, querer tocar-lhes –, e que, por instantes, pairam sobre, ou deslocam-se no, espaço do dance floor.⁵³ Quando tais sons se prolongam por uns segundos, os antebraços e as mãos abertas parecem cortá-los, movendo-se ritmicamente para cima e para baixo. A cabeça dos dançantes mantém-se levantada, e o torso, para além das inclinações laterais que resultam do movimento das pernas e pés, tende a permanecer ereto. Este o “padrão básico de movimento” (Jennings 1985: 53) da dança nas festas.

O som da pista não é homogéneo. No que ela se relaciona com a qualidade das características que a sua composição disponibiliza, há “um potencial específico de movimento” (Dewsbury 2011: 60) passível de se desenvolver a partir daquele padrão. Na parte da frente, ou seja, mais próximo do palco onde atua o DJ, o som debitado pelas colunas é mais alto, sendo possível aos dançarinos sentir com maior intensidade o efeito conjugado da vibração do chão e do próprio corpo. Aqui e por isso, há até quem prefira dançar descalço. Em tom de brincadeira, uma participante afirma que lhe basta ficar de pé, sem se mexer, e apenas “curtir” os movimentos que tal trepidação provoca no seu e nos outros corpos. Nesta localização específica há lugar a uma maior intensidade colocada na sincronização entre os movimentos dos dançantes e os executados pelo DJ, bem como na intensidade com que as pernas e pés dos primeiros são projetados para o chão. No meio da pista, os gestos são feitos decorrer da colocação específica de alguns dos eventos sonoros – já chamados quiméricos – que, aí, integram e constituem o som. Os dançarinos mais experimentados, que conhecem estas variações, procuram a frente ou o centro da pista para neles terem acesso à diferente “experiência de som” (Ingold 2011: 128 e seguintes, *maxime* 136-139) que lhes está associada. Mais uma vez e para além da tendência para uma menor intensidade colocada na ação da parte posterior do corpo, tais variações potenciam, sobretudo na ação dos braços, os movimentos ondulantes que lhes são feitos corresponder.

⁵³ Para uma excelente descrição da música transe, ensaiada aqui nas suas componentes mais simples, v. Pladott 2002. A organização dos elementos considerados mais relevantes para a descrição da dança devem muito a recomendações feitas pela Maria José Fazenda, a quem também agradeço as conversas para que se disponibilizou.

O ácido

Luís tomou ácido por duas vezes, sempre a partir de uma solução líquida e cristalina. Em qualquer dos casos o LSD foi-lhe oferecido pelo mesmo homem.⁵⁴ Podia ter recusado mas não o fez. Afirmar ter encontrado nessas ocasiões o que utilizadores mais experimentados lhe haviam explicado ser a situação ideal para a toma: o LSD deveria ser-lhe fornecido por alguém da sua confiança e tomado de preferência com um grupo de amigos. Se algo corresse mal, um e outros estariam lá para ajudar. Trata-se, por isso, de duas tomas coletivas, levadas a cabo em duas festas privadas, ou seja, não pagas e realizadas em lugares propriedade de um participante, correspondendo as presenças a pessoas convidadas.

O convite para a primeira festa fora feito através de um telefonema, tendo-lhe sido dito que estaria presente a “nata do trance”. A festa realizar-se-ia numa pequena propriedade situada a cerca de cento e setenta quilómetros de Lisboa, cidade de morada de Luís, e nela estariam presentes – essa a nata do trance – aqueles que tinham formado o primeiro contingente de participantes em festas deste tipo. Viriam a estar presentes não mais que cinquenta pessoas.

O informante desloca-se de ônibus para a cidade mais próxima do lugar do evento. Durante a viagem reconhece e, em inglês, fala com um DJ russo e com a namorada portuguesa. Já os vira em uma edição do festival Boom, realizado no ano anterior, onde ele tocara durante a noite como conhecido DJ de Dark. A fim de percorrer os últimos quilómetros até ao local, combinam o fretamento conjunto de um táxi, não sem antes terem parado num pequeno mercado a fim de comprar a comida a ser levada para festa: sucos, pão, queijo e batatas fritas. Nada de bebidas alcoólicas. Chegados ao lugar no final daquele dia de verão, depois de deixados no interior da habitação a comida levada e cumprimentados os presentes, participam na montagem das colunas de som e da mesa de mistura – trazidas também de Lisboa pelo respetivo proprietário, produtor especializado na montagem de chill outs. Atrás da mesa, um pano colorido, aberto e, por isso, bem visível da pequena clareira – o dance floor – existente no centro de um também pequeno bosque de pinheiros. Trazidos e dispostos por outros participantes, alguns fios de lã ou plástico fluorescente enrolados nos galhos de algumas árvores, sugerindo a existência de teias de aranha coloridas. Em frente da casa que integra a propriedade, também do lado

⁵⁴ Luís é o pseudónimo do participante que aceitou falar sobre a sua experiência com o ácido.

de fora, o chill out constituído por algumas almofadas coloridas espalhadas em uma lona aberta sobre a terra.

Às dez horas da noite, já depois de ser dado o início à música, tocada por alguns dos presentes – um deles, como se viu, DJ profissional –, o promotor da festa traz para perto do dance floor um jarro de suco, onde o LSD fora previamente diluído. O “ponche” – nome dado à mistura – foi dado a beber num pequeno copo de vidro, geralmente utilizado na toma de bebidas alcoólicas destiladas, como é o caso das aguardentes vínicas. Desta forma, a quantidade de ácido a tomar – um ou dois pequenos copos – foi medida em função de se tratar ou não de um utilizador experimentado. Em qualquer dos casos, as gotas haviam sido contadas a partir de um pequeno frasco plástico, doseador de medicamentos. Foi dado a Luís um copo de suco.

Em alguns dos seus pormenores, a segunda toma acompanha a primeira. Trata-se aqui de outra propriedade, agora a cem quilómetros da capital, e de diferente meio de transporte: uma carona previamente acertada. No lugar da festa – ocorrida menos de um ano passado sobre a anterior – a anotar uma outra diferença: o chill out é armado em uma divisão da casa, tendo os festivaleiros autorização para a ocupar. À mesma hora, também no exterior, uma distribuição de LSD pelos convidados: a partir de um doseador é deixada uma “gota” de ácido na parte de cima da mão de quem toma, imediatamente acima da junção do polegar e do indicador. O LSD é ingerido depois de a gota ser ingerida.

Decorrida cerca de meia hora sobre a toma, os primeiros efeitos: sem perceber exatamente o teor das conversas levadas a cabo nos grupos de pessoas espalhadas pelo lugar da festa, Luís afirma ouvir uma espécie de sons murmurados, provenientes de cada um desses grupos. Dirige-se ao dance floor e verifica o resultado da presença de uma mulher vestida de banco: alvíssima, Luis assusta-se pois o riso desta ocorre em uma face distorcida na qual os dentes, alvíssimos também, assumem uma grande dimensão.⁵⁵ Sai do dance floor e dá conta de um outro fenómeno: a grande quantidade de eventos sonoros interage com as cores da decoração provocando uma enorme quantidade de eventos perceptivos. Os sons parecem surgir das cores e estas prolongam-se em outros sons, em uma cornucópia em permanente movimento. Mesmo fechando os olhos, os bastonetes da

⁵⁵ O adjetivo verbal “distorcida” corresponde a uma necessidade estritamente descritiva. Não pretendemos esgrimir qualquer argumento de ordem psiquiátrica, nomeadamente o que reporta à discussão das diferenças entre a alucinação e a ilusão ou distorção. Seja como for, fica claro que o episódio relatado por Luís se reporta à presença real de um estímulo, a saber, a presença de uma mulher sorridente na pista de dança.

retina pulsam ao som da música e dos eventos sonoros que a compõem. Passado um tempo vai para dentro da casa e nota que cada estímulo sensorial – um som, da música ou de uma conversa, ou uma cor – lhe provocam uma grande hilaridade, sendo o seu corpo percorrido pelas ondas de um prazer que equipara a um orgasmo. O mundo é, agora e todo ele, uma experiência de sensualidade!

Ao todo, a trip durou sete horas. Não só nunca esteve parado, como não existe na percepção induzida pelo ácido nenhum momento em que não esteja a acontecer algo que nunca lhe fora dado experimentar. Quer dizer, a percepção é transformada, ou seja, tornada resultado da ação conjunta da intenção presente nos materiais e dos efeitos da droga. Desta forma, ela é conduzida do seu trabalho quotidiano de “*passividade em atividade*” (Husserl 1973: 108. Itálico do autor) àquilo que se poderia designar como uma ‘atividade em atividade’. Glosando a expressão de Edmund Husserl, o que se pretende colocar em evidência é que a ação conjunta da decoração, da música e do LSD desconstrói a aparente passividade do sujeito no trabalho da percepção do quotidiano, transformando-a em algo que deixa de parecer eminentemente passivo: a percepção já não se constrói na interação do corpo com outros elementos do dia-a-dia, mas pelo imbricamento do corpo com os materiais, com a ação das mobilidades que o integram e compõem e, ainda, com o efeito das drogas.⁵⁶ Dito de outra maneira e para resumir, a festa corresponde ao processo de construção de uma “ordem sensorial” (Howes 2006: 68 e seguintes) de características específicas, com existência limitada ao lugar e tempo do evento. Após aquelas sete horas. Luís deita-se em um sofá existente no interior da casa e dorme quatro horas. Quando acorda, a música acabara e ainda que com muito menor intensidade, continua sensível a alguns estímulos. No fim da manhã combina uma carona e volta a Lisboa.

⁵⁶ Para alguns participantes, este estado pode ser atingido sem o recurso às drogas, havendo mesmo quem defenda, e pratique, que elas não devem ser usadas (cf. Takahashi 2004). Embora uma parte significativa dos participantes as use, não se presume, por isso, que todos o façam ou, fazendo-o, o façam exatamente da mesma maneira. Para uma aproximação aos primeiros, o conceito ‘droga emblemática’ ajuda a melhor compreender as dinâmicas e as diferenças encontradas na utilização, não sendo esta empírica e conceptualmente reduzida a uma caricatura. Para todos os efeitos, para além do LSD, da ganza e dos chamados cogumelos mágicos, são para recensar a presença de produtos psicoativos como o ecstasy e outras metanfetaminas – nomeadas *pastilhas e MD* –, da cocaína e, ainda, de substâncias sintéticas sem análogos na natureza, como é o caso da quetamina. Isto, claro está, para além da cerveja. Não existem bebidas espirituosas à venda. Ao nível das classificações feitas pelos trancers, a droga emblemática tem uma espécie de efeito centrípeto, agrupando em seu torno os outros psicoativos, numa escala de avaliação que vai das psicadélicas a cada uma das outras. É por essa razão – e este é um elemento específico ao movimento trance – que não existem bebidas espirituosas: de uma forma geral e porque associada à prática da violência, a ingestão de álcool é avaliada negativamente. É ainda de referir a presença, eventualmente fugaz, de psicoativos resultantes do rápido e contínuo desenvolvimento dos chamados *research chemicals*.

Os efeitos da segunda toma são semelhantes aos da primeira. Ao contrário do que acontecera na outra festa, em que todos os presentes eram experimentados, vê uma mulher declarando medo por não ter controlo sobre a sua percepção. Está a ter a primeira experiência com ácido. A atender à sua curta experiência, Luís sabe que tudo se move sem que ela, por sua vontade, possa dar-lhe um fim. De facto, a velocidade com que os eventos perceptivos ocorrem, bem como a sua origem, quer dizer, a forma como parecem decorrer uns dos outros, podem configurar uma experiência assustadora, na medida em que se desenrola fora do controlo de quem a experiencia. Podem, por isso, constituir o que os utilizadores de LSD denominam uma “bad trip”. A mitigá-la, a presença regular do homem que havia distribuído o LSD, passando entre os presentes, certificando-se de que tudo estava correndo bem. E, com voz calma e pausada, tranquilizando a mulher que permanecia assustada: que não se preocupasse, uma vez que aquilo por que estava a passar não constituía uma situação permanente. Desapareceria em algumas horas. Ou seja, que não tinha enlouquecido.⁵⁷ Explicaria mais tarde que o objetivo da toma do ácido consiste precisamente em que aquele ou aquela que o fazem se tornem espectadores da sua própria transformação. Ora isto só será conseguido se mesmo durante a trip não se perder a noção de que o que lhe é dado experienciar ocorre em uma quantidade de tempo limitada, que não corresponde à estabilidade das formas e sons que constituem a percepção do quotidiano. Dito de outra maneira, a muito intensa experiência do ácido é – tal como a festa na qual ocorre – intersticial.

Mas a experiência do LSD também é intersticial *com* a festa. As luzes negras e o VJing, a policromia e as formas das asas trianguladas, das espirais, das cabeças conoidais e caudas triangulares, dos panos, das estalactites, das labaredas, bem como a presença dos sons, nomeadamente os quiméricos, fornecem um potencial de transformação inesperado: a cada toma de LSD corresponde uma experiência totalmente diferente de todas as outras. É neste sentido que se encara a trip como o que Gilles Deleuze denomina “agenciamento”: “aquilo que faz com que elementos bastante heterogêneos *fiquem juntos* – um som, uma

⁵⁷ Esta preocupação é generalizada aos participantes mais experientes. Alguns deles – no Algarve dão pelo nome de “arcanjos” –, e quando achado necessário, levam a cabo ações – uma conversa na qual se partilha um cigarro ou uma piada são disso exemplo – tendentes a melhor enquadrar na festa aqueles que nela participam pela primeira vez. Isto para além da assistência específica quando da ocorrência de uma bad trip. No caso do Boom, esta preocupação levou à criação de uma estrutura – o designado KosmiCare – especificamente dirigida à assistência a pessoas em “crise psicadélica” (Nielsen 2008). Os seus trabalhadores são preferencialmente recrutados entre homens e mulheres que tenham eles próprios experiência no uso de LSD. O KosmiCare presta igualmente assistência a todos aqueles que solicitem ajuda devido a uma má experiência com qualquer droga ou, simplesmente, que procurem um lugar para descansar.

cor, um gesto, uma posição etc. [...] é um problema de “consistência” [...] Como as coisas ganham consistência? Pode haver, entre coisas muito diferentes, uma continuidade intensiva” (2016: 187. Sublinhado do autor). Adiante, a propósito da ganza e da cocaína, voltaremos a explorar o potencial heurístico do conceito.

Conclusão

Para se produzir como lugar intersticial – quer dizer, com as formas e práticas que o caracterizam e a existir em uma limitada extensão de espaço e durante um limitado período de tempo – a festa trance tem de mobilizar para aquela localização específica um conjunto de elementos edificados. Tem ainda de tornar possível a existência de outro componente material, um som, e, por fim, assegurar as condições necessárias à presença das, e assistência às, pessoas que, dançando, nela participam.

Não é a presença destes elementos – edificado, som, pessoas e dança – que configuram a festa trance como uma realização extraordinária. Ela torna-se extraordinária para os que nela participam na medida em que induz uma transformação que resulta da concatenação cumulativa de diferentes tipos mobilidade: a mobilidade dos produtores e dos materiais e tecnologias por eles recrutados; a mobilidade dos participantes para um lugar relativamente distante dos locais de morada; a dança, ocorrida à escala do corpo e considerada como ápice da participação, e, finalmente, a toma de um psicoativo cujos efeitos – imbricados com uma nova “ordem sensorial” que a festa constrói e disponibiliza – são também nomeados como um tipo específico de mobilidade: uma trip. Ou seja, uma viagem.⁵⁸

Não se trata de uma realização extraordinária na medida em que vem a corresponder a uma socialidade que os participantes vêm a conhecer e incorporar durante a sua vida. Basta, para tanto, evocar as festas de aniversário que, também elas, desenvolvem uma ordem sensorial que não corresponde à do quotidiano. E fala-se aqui de ordem no que o termo remete para uma relação de poder: na casa onde uma festa de aniversário de uma criança ocorre é permitida aos seus participantes, também crianças, uma reversão na qual o som está sujeito a variações não permitidas durante o resto dos

⁵⁸ Foi por relação à mescalina – nome dado à versão sintetizada do alcaloide psicoativo existente no peyote – que, em 1954 e em “As Portas da Percepção”, Aldous Huxley vem a definir os seus efeitos como uma viagem. Nada mais, nada menos que uma viagem aos antípodas da mente, metaforicamente – e sendo Huxley inglês – situados na Austrália.

dias do ano. Para o caso português – e assim se quisesse aumentar a escala da análise –, o mesmo acontece com outras festas populares nas quais a intensidade da música também ocupa um espaço público, no resto do ano palco de outras presenças e itinerários. Ou seja, no qual é construída uma diferente relação entre forma e função.⁵⁹ Isto, claro está, em cúmulo com o uso de um psicoativo – as bebidas alcoólicas – cuja ingestão e efeitos, estão, também para o resto do ano, sujeitos a códigos que não incluem necessariamente tomas realizadas no espaço público.

Como acontece com estas festas – onde nem todos tomam bebidas alcoólicas ou nem todos as tomam em todas as suas formas e nas mesmas quantidades –, o ácido não é tomado por todos os participantes. Isso não implica que haja quem participe e quem não participe na festa. Há lugar, isso sim, a diferentes tipos de participação e, sobretudo, a participações nas quais o lugar se apresenta seguro para todos. Se o LSD induz mais um patamar de uma transformação que é proposta pela totalidade da festa, quase todos os participantes sabem o que fazer caso haja lugar a uma bad trip: trazer a pessoa em causa para uma localização onde a estimulação sensorial seja menor, falar com ela em uma voz calma e firme e manter-se presente até que ela própria se sinta calma e segura. Todos são, por isso, transformados. Uns pelo LSD, quase todos pelo desenvolvimento e prática de uma relação de ajuda.

⁵⁹ No caso das festas trance, a relação entre forma e função é reatada com o retorno do lugar à sua configuração inicial. Para além da desmontagem de todos os elementos edificados, a alguns dos trabalhadores é atribuída a tarefa de apanhar do chão as bitucas para aí remetidas durante a realização do evento. Ou seja, a volta à forma inicial – a “natureza” – é também ela objeto de uma preocupação especial.

CAPÍTULO 3 – DO MERCADO

Em uma festa realizada nos dias que incluíram uma passagem de ano, vi-me, e como de costume, com a necessidade de dormir três ou quatro horas. Neste caso as dificuldades com a falta de sono eram potenciadas pelo facto de o feriado correspondente ao primeiro dia do ano ocorrer em uma segunda-feira: neste como em outros feriados, a festa prolonga a sua duração por mais um dia, entre a tarde de sábado e o por do sol do dia folgado.⁶⁰ Não aguentaria quarenta e oito horas sem dormir. A festa fora montada em um parque aquático situado na costa norte do país, com atividade própria durante a época balnear, que inclui o período correspondente aos três meses do verão. Deixado vago durante todo o inverno, o lugar havia sido alugado durante oito dias, tantos quantos os dedicados à montagem dos seus componentes e os referentes à ocorrência da festa propriamente dita.

O dia estava chuvoso e frio, situação agravada pela proximidade do mar, separado do recinto por uma duna de areia. Como sempre acontece no inverno, o chill out fora montado em uma tenda de circo, fechada. Apesar deste abrigo, o frio noturno – então, já me habituara a fazê-lo com o som – não deixou que aí conseguisse dormir. Dei uma volta, pensando em como fazê-lo. Fora do recinto, antes ainda da porta de entrada e dela afastada uma boa dezena de metros, reconheci, parqueada, a viatura propriedade de um dos

⁶⁰ O raciocínio é o mesmo para as situações em que o feriado ocorre a uma sexta-feira. Neste caso, a festa inicia-se um dia antes, para terminar a um domingo.

produtores, precisamente aquele que, em um pequeno quiosque, usado para o mesmo fim quando funcionando como parque aquático, acompanhava a operação correspondente à cobrança dos bilhetes de entrada. Passadas que eram algumas horas sobre o início do evento, este trabalho já tinha encontrado o seu pico. Como já havia feito uns meses antes em uma outra festa, também realizada no inverno – no verão o chill out configura a situação mais confortável para esse fim –, repeti à pessoa em causa o pedido – então concedido – para que me deixasse descansar umas horas no interior do seu automóvel. Confesso que me desagradou a rápida e ríspida negativa a este meu pedido, tanto mais que se tratava de um dos produtores que já conhecia há mais tempo e de quem me considerava amigo. Sem que o tivesse dito, só mais tarde entendi a razão da recusa: bem à vista do quiosque, o carro constituía o local onde era guardado o dinheiro coligido na cobrança das entradas.⁶¹ Sendo o local onde o numerário é guardado – e não há lugar ao uso de cartões magnéticos bancários –, o carro constitui-se em, e reproduzindo a lógica de um cofre com acesso limitado a um número reduzido de pessoas. Como seria de esperar, eu não fazia parte desse rol.

Se a partir de um *locus* no qual é operada uma análise mais ampla, e desde logo porque com participação do público dependente do pagamento de uma entrada, a festa pode ser classificada como mercadoria. Para além deste pagamento inicial, a circulação de dinheiro correspondente à compra de outros produtos, nomeadamente alimentares, é para ser observada no interior do recinto e durante a ocorrência de cada uma dessas festas. O bar é explorado pelos produtores que negociam com as marcas presentes no mercado o custo dos principais produtos aí revendidos, principalmente água e cerveja. Os proprietários das outras lojas têm de negociar com os produtores a fim de poderem operar durante a realização do evento. Essa a razão pela qual, e ainda antes da abertura do lugar à entrada do público, assisti a uma discussão entre um dos produtores e o proprietário de um bar que funciona a partir de uma carrinha transformada para tal. Coproprietário de um restaurante situado em uma cidade do norte do país – enquanto negócio, aquele é um prolongamento deste –, este último manifestava a sua indignação pela presença de outra estrutura ambulante também dedicada à venda de comidas e bebidas. Em razão do diferendo – tinha-lhe sido prometido que, sem concorrência, aí iria operar em exclusividade –, abandonou o lugar. Para o caso do festival Boom, a venda exige um

⁶¹ A festa teve mais de dois mil e quinhentos participantes que pagaram um bilhete com o custo de vinte e cinco Euros. Trata-se, portanto de uma receita de mais de sessenta mil Euros.

ainda maior esforço de organização. Realizado em uma área de mais de uma dezena de hectares e com pelo menos dois ou três restaurantes ou bares diretamente explorados, ou entregues à exploração, durante uma semana, pela respetiva produtora, o problema consiste em fazer o transporte do numerário para uma construção – para além de uma casa pré existente na propriedade alugada, vi, em outro ano, essa função ser levada a cabo em um contentor – no qual o dinheiro é contado e, posteriormente, a fim de aí ser depositado, transportado para um agência bancária existente a pelo menos uma dezena de quilómetros do lugar do festival. Dentro e fora do local, esse numerário – e imagino que se tratem de muitos milhares de euros – é transportado por um conjunto de pessoas que, trabalhando por turnos e durante as vinte e quatro horas do dia, são pagas pelo serviço prestado. No contentor acima aludido – trata-se de um escritório móvel com porta e janelas e mobilado com mesas e computadores, dirigido pela namorada de um produtor, graduada em contabilidade –, as notas são contadas em pequenas máquinas que, até aí, apenas vira em operação em caixas de bancos. Na forma de numerário circulante fora do recinto do evento, e depois transportado para fora, o processo que compõe tais circulações é, em parte, objeto do trabalho de profissionais.

Observada daquele *locus* mais amplo, a festa oferece-se aos seus participantes como espetáculo. O dinheiro que nela circula não. Isto para além dos momentos correspondentes a pagamentos concretos, tidos como atos discretos. Em termos de uma avaliação geral, os produtores afirmam que antes de obter lucros, o importante é que cada evento se pague a si mesmo sem que a organização em causa veja comprometida a possibilidade de vir a produzir no futuro uma outra festa. Ou seja, que não sejam acumuladas perdas. Na verdade, acompanhamos a preparação de uma festa em que o número de participantes com bilhete pago ficou muito aquém do número necessário à acumulação da quantia correspondente às despesas de produção (Festa 3 - Anexos). Um dos produtores teve mesmo de vender o seu carro para acudir ao pagamento dos gastos realizados.

Com exceção dos casos em que a ganza ou o LSD são oferecidos, e são-no algumas vezes como já se viu, eles são-no por pessoas que tiveram de os comprar no mercado de drogas.⁶² Com trinta e um anos, Marisa enumera as oito viagens que, durante

⁶² Quando em forma de líquido, e como se viu, o LSD pode ser partilhado: as gotas são misturadas com água numa garrafa que circula por um grupo de amigos. Trata-se de uma variante diferente da já descrita, em que o ácido foi misturado com suco, com as quantidades distribuídas sujeitas a medida. No caso da garrafa de litro e meio, a água com o ácido misturado são bebidos pelo gargalo. Esta forma de ingestão é

um período de cerca de dois anos, fez a Marrocos para comprar chamon. Tais deslocções e as situações que viveu fazem-na mesmo intitular-se como “guerreira”.⁶³ O “contato” arranjara-o quando da primeira deslocção aquele país, integrando o grupo de amigas e amigos da mulher que os instara a acompanhá-la em uma estadia na qual ela seria apresentada à família do noivo, de nacionalidade marroquina. Um dos amigos do nubente – o contato – dedica-se ao cultivo e venda de canábis. Marisa explica que há duas maneiras de adquirir ganza naquele país. À “consignação” – quer dizer, ela é paga quando da viagem seguinte, para comprar mais – ou a pronto. É frequente que quem se desloca leve dinheiro avançado por alguém. Quem “investe” tem a droga mais barata – três euros e cinquenta cêntimos euros a grama do pólen. As bolotas, cada uma com cerca de cinco gramas, são adquiridas a um euro por grama e podem ser vendidas em Portugal a cinco euros. Elas – nunca mais de cem, ou seja, cerca de quinhentos gramas –, depois de enroladas em uma película transparente geralmente usada para acondicionar comida em geladeiras e a fim de serem atravessadas as fronteiras em presença, são engolidas e mantidas no interior do corpo do ou da viajante até à sua chegada a Portugal, onde são defecadas.⁶⁴ Razão pela qual, aliás e mesmo depois de lavadas em água, as bolotas que chegam ao país por esta via terem, para quem as compra, um cheiro a fezes secas, adquirido após essa defecação.⁶⁵ Ganhando dois euros e meio em cada grama, quem transporta nunca ganhará mais de mil duzentos e cinquenta euros em cada viagem. Menos, se o preço do ônibus e outros custos da deslocção forem descontados a esta quantia. O “investidor”, esse, pode ganhar setecentos e cinquenta euros. Como forma de comparação e para o período considerado, o salário mínimo em Portugal rondava os quinhentos e setenta euros mensais.

até objeto de brincadeiras nas quais se afirma que o ato de beber água em uma festa pode estar sujeito a surpresas. A ganza é sempre posta a circular em um grupo de amigos. Vi até um caso em que o beque foi solicitado por alguém fora do grupo em que circulava. A mulher que o segurava fez um compasso de espera, o suficiente para ter percebido que se tratava de uma situação estranha. Ainda assim, passou o charro a quem o havia solicitado.

⁶³ São várias as mulheres que se intitulam ou são classificadas como guerreiras. Ouvi dois homens aplicarem o termo a uma amiga de ambos, agora porque esta, quando dança em uma festa, ocupa com os seus movimentos uma área maior que a generalidade das outras e outros dançarinos. Foi-me pedido que não dissesse à pessoa em causa quem a nomeara através do substantivo. Nem todas as mulheres, e ao contrário de Marisa, consideram a aplicação do termo um elogio.

⁶⁴ Este método tornaria mais difícil o transporte da ganza na forma de haxixe. Este último é adquirido em barras – os “sabonetes” – com dimensões que as tornam impossíveis de serem ingeridas. A erva, essa, raramente é sujeita a prensagem. A relação peso-volume não torna atrativo o seu transporte através deste método.

⁶⁵ Após uma das viagens e além do uso de água corrente, Marisa diz ter usado também um perfume a fim de ocultar o cheiro das bolotas. O seu odor embrenhou algumas das bolotas, facto que, lamenta, a terá feito perder algum dinheiro.

Sem prejuízo do argumento que aqui perseguimos, e retomaremos adiante, é útil abrir uma breve discussão sobre as concepções que rodeiam a droga e que projetam a sua toma, mesmo quando procurada e consentida, como uma espécie de arremetida ao corpo de quem o faz. A este propósito, convém recordar que a ganza é objeto de um complexo processo de incorporação que não pode ser redutível à sua toma. Ainda a propósito do mercado de drogas, vale a pena referir Antónia que, juntamente com o namorado, em uma cidade do norte do país, e para além do apartamento em que moravam, alugavam um outro para servir de estufa a uma cultura de canábis destinada à venda. Antónia abandonou esta prática – trabalha agora como cozinheira – por não querer estar sujeita ao perigo de ser presa pela polícia. É aliás, e em grande medida, este perigo que faz com que José marque uma hora a cada cliente que lhe compra drogas em seu apartamento, situado numa cidade que integra a zona norte da chamada Grande Lisboa. As transações são levadas a cabo na sala da habitação, após cada uma das visitas-cliente ter estado pelo menos meia hora à conversa, sentado. Esta configuração da venda destina-se a evitar os ajuntamentos junto à porta do apartamento ou do prédio e, assim, não ser chamada a atenção dos vizinhos, aumentando desta forma o risco de presença da polícia. Aqui, o uso da ganza não pode ser separado de uma relação de relativa proximidade a que se associa a corporalidade bem específica aquando do momento da compra-conversa: estar sentado. No caso de Marisa, quem lhe adquire a droga, e a par de uma agencialidade passível de atribuir a um cheiro uma diferente “consistência” (Deleuze 2016: 187), a construção de uma geografia simbólica que atribui a um país como Marrocos uma centralidade que ele não tem na discussão política e mediática europeia sobre o estado das relações internacionais. Seria possível, aliás, estender tal avaliação a outras escalas, nomeadamente a dimensão sensorial que é parte de lugares mais específicos, aqueles em que uma droga é vendida e, em algumas circunstâncias, tomada. Recordar-se, a este propósito, e agora para a cidade de Lisboa, o depoimento de um homem que afirma ter defecado duas vezes quando, após a aplicação de um “esquema” para conseguir dinheiro, e sem saber se a atingiria quando do início do “estratagema”, alcançou finalmente a soma necessária à compra de alguma heroína (Almeida Vasconcelos 2003: 79). A este propósito afirma: “aquela coisa de um gajo receber o dinheiro e passar a ressaca não é só o contato, é o filme todo que a gente faz: do ir comprar, do ir buscar, de dar” (id. *ibid.*: 79).⁶⁶ Com

⁶⁶ Gajo: pessoa do sexo masculino; Ressaca: nome dado pelos usuários de heroína ao que a literatura médica, para o caso dos opiáceos, refere como “síndrome de abstinência”; Dar: designação da toma, para

o uso do termo “contato”, o homem em causa refere a dimensão táctil através da qual o numerário é experienciado quando colocado na sua mão. Não foi aliás o único a referir que isso fazia com que a ressaca passasse a ser considerada bem mais suportável (id. *ibid.*: 79). A mesma pessoa refere a necessidade de um cuidado especial, agora que pretende manter a paragem que entretanto veio a dar ao seu uso de drogas, desenvolvido durante vários anos: o cheiro do lixo, diz, faz lembrar o gosto que lhe vinha à boca quando usava cocaína (id. *ibid.*: 84). Ora é essa memória sinestésica que espoleta a vontade de usar e que induz a modalidade de ação que integra – ou melhor e para este caso, reintegra – a deslocação para o bairro onde vivera e trabalhara na venda das mesmas drogas que então usava (id. *ibid.*: 117-130). Vale mesmo a pena revisitar Deleuze: “Como as coisas ganham consistência? Pode haver, entre coisas muito diferentes, uma continuidade intensiva” (2016: 187). Se voltarmos à ganza e, agora e em cúmulo – e para além da escatologia eventualmente presente na sua circulação –, ao desdobramento do seu odor aquando do momento em que é fumada, somos levados a concluir que a cidade e a festa – naquilo em que nelas se imbricam as socialidades estendidas por corpos em mobilidade a partir de outras regiões – se compõem também na contínua produção das agencialidades que as vão constituindo.⁶⁷

O mercado

Em uma sessão levada a cabo na Universidade Federal Fluminense em 2017 e após uma apresentação sobre o trance em Portugal, uma das alunas presentes questionou sobre se a festa não constituía em um empreendimento capitalista. A resposta, que tentava fugir a uma avaliação dicotômica – sim é, ou não, não é um empreendimento capitalista – que a pergunta me pareceu induzir, chamou a atenção para a complexidade em presença, fazendo-se para isso valer do importante conceito da heterotopia (Foucault 1984), no que ele releva da existência de lugares com várias camadas de significado e, nessa medida, intensos, contraditórios e, até, eventualmente, com características incompatíveis. A festa

o caso feita através de um “caldo”, quer dizer, da heroína diluída e pronta a ser passada de uma colher para uma “bomba”, ou seja, uma seringa, a fim de ser injetada.

⁶⁷ Considera-se aqui o uso fumado. Embora tenhamos ouvido algumas referências a bolos ou outra comida confeccionada com canábis, não encontramos no decorrer do trabalho de campo ninguém que mostrasse ou dissesse tê-la usado desta última forma. Pormenores etnográficos sobre tal forma de uso seriam passíveis de atribuir a esta análise uma dimensão ainda mais profunda, estendendo-a aos processos, nomeadamente sensoriais, através dos quais ela se transforma em alimento. Seja como for, estamos perante componentes da vida social que, nas palavras de Félix Guattari, e não obstante a sua importância, não necessitam de “recorrer a instâncias de representação para se exprimir” (1977: 49).

é um lugar heterotópico.⁶⁸ Ainda assim, a resposta não me agradou, já que, a outro tempo, ela me pareceu também uma fuga. Uma fuga a quê? Na verdade, ainda me encontrava encerrado na dicotomia que pretendia evitar: ao classificar o lugar como *locus* de práticas facilmente classificáveis como capitalistas, muita coisa poderia ser dita sobre aquelas que não cabiam em tal classificação, havendo pouco ou nada a dizer sobre as outras, organizadas na adoção e na integração de características específicas ao sistema económico capitalista. Está tudo dito quando se trata de capitalismo. Apesar de tudo, e mesmo com a preciosa ajuda da heterotopia, esta concepção de capitalismo continuava a parecer aqui um tipo ideal (Weber 2011).

É muito difícil ultrapassar este impasse sem levar em linha de conta a importância da história. Para o efeito, recuperamos uma aproximação de Bruce Alexander (2011), na qual este autor reflete sobre o conceito da adição, mais concretamente sobre o processo histórico através do qual as práticas que empiricamente o caracterizam vieram a constituir-se.⁶⁹ A região de Vancouver – nome da cidade onde mora e trabalha – vem a constituir o “protótipo” a partir do qual a análise se desdobra (id. *ibid.*: 11-26). O alcance da “deslocação” (id. *ibid.*: 3 e seguintes) a que os indígenas desta região foram submetidos e da consequente falta de “integração psicossocial” (id. *ibid.*: 35 e seguintes) – conceito tomado a Erik Erikson – passam a ser medidos a partir quer das consequências do contato e desenvolvimento da relação mercantil com os europeus, quer da posterior ocupação colonial a que aqueles coletivos vieram a estar sujeitos.⁷⁰ No ínterim, marcado pela destruição das dinâmicas culturais e sociais desses grupos, vêm a sobrevir adições a produtos como as bebidas alcoólicas. Aqui, Alexander é taxativo: apesar da existência e da ingestão, inclusive em grandes quantidades, de determinados psicoativos no período prévio ao contato e dominação colonial, tais produtos ou outros afins só vêm a tornar-se objeto de um uso aditivo quando a sua distribuição e consumo passam a ser levadas a cabo no contexto do desenvolvimento da economia de livre mercado.⁷¹ Os registros

⁶⁸ Michel Foucault cria o conceito usando o termo espaço. A sua substituição pelo termo lugar resulta da abundante reflexão antropológica sobre este conceito, nomeadamente do que nele resulta da crítica à influência cartesiana quer perpassa o conceito veiculado pelo primeiro termo.

⁶⁹ Em termos muito gerais, a adição é definida como um “envolvimento esmagador com um hábito” (Alexander 2011: 35). O conceito ‘hábito’ é bastante elusivo e tem sido objeto de reflexão, nomeadamente filosófica (Ravaisson 2008). Aqui, refere-se a uma caracterização muito geral que é, aliás, objeto de discussão em uma boa parte do texto (id. *ibid.*: 27-56). Deve ser entendida como uma forma de fazer avançar um resumo do argumento, não de o transformar desde logo em uma caricatura.

⁷⁰ Traduz-se a palavra inglesa “*dislocation*” pelo termo português “deslocação”. Naquele idioma, a palavra já veicula um conteúdo semântico que remete também para as ideias de desarticulação e desorganização.

⁷¹ Usamos aqui o termo consumo na medida em que o próprio Alexander o faz. Até aqui, e na medida em que o conceito a ele associado remete para uma genealogia inaugurada pela economia clássica, temos

históricos ou etnográficos disponíveis, diz, atestam a inexistência de tais comportamentos no período prévio ao contato com os europeus.⁷² O que se designa como adição não é mais que uma adaptação a condições sociais marcadas pelos processos de deslocação e pela decorrente destruição das condições que sustentam formas culturais de integração psicossocial.

Ora o que vale para os indígenas canadenses, vale para todos os povos e coletivos gradativamente colocados em uma situação de dependência da economia de livre mercado. Alexander estende a sua análise a um período histórico anterior, agora com ocorrência iniciada na Escócia do século XV: o processo que conduziu às Leis dos Cercamentos [*Enclosure Acts*], editadas por sucessivos monarcas ingleses a partir do século XVI. O contexto da expansão mercantil britânica vem a registrar uma crescente "procura" de lã dirigida ao trabalho e funcionamento das manufaturas têxteis inglesas e escocesas. Até aí, a detenção da terra por um grupo de senhores nas Terras Altas não constituía obstáculo à utilização que, para além dos pequenos lotes por si agricultados, os camponeses faziam de terras comunais, delas recolhendo madeira e carne proveniente da caça. Esta configuração integra uma sociedade guerreira organizada em clãs, com momentos, nomeadamente rituais, de intensa utilização de bebidas alcoólicas. Não há registros históricos de comportamentos passíveis de serem considerados como aditivos. É a "procura" da lã que determina o fim daquela configuração, quer dizer, da desativação das terras comunais agora adstritas à criação de ovelhas e, nessa medida, como as

conseguido evitá-lo, lançando a mão de outros menos classificatórios como são uso e utilização. Até há algum tempo atrás, a resistência ao termo remetia apenas para um mau estar teórico resultante do emprego cursivo de uma palavra que sabíamos cristalizar um conceito bem delimitado. As abordagens críticas levadas a cabo por Graeber (2011) e Ingold (2011: 5-6) a este conceito são um exemplo de como é possível desenvolver uma discussão antropológica mais fundamentada sobre o seu alcance. No caso do autor que aqui perseguimos e dada a ênfase por si colocada na economia de mercado, o uso do termo faz todo o sentido. Seguindo a proposta de Alexander, poder-se-ia até falar quer da passagem do uso de um psicoativo ao seu consumo, quer do inverso, ou seja, do consumo ao uso.

⁷² Realmente, não encontramos ainda nenhuma monografia sobre sociedades outras com a descrição de comportamentos passíveis de ser classificados como aditivos. A única exceção encontramos-la em Clifford Geertz quando este descreve e classifica as apostas levadas a cabo durante a ocorrência das lutas de galos em Bali (1973). Geertz desenvolve um argumento no qual defende que não é possível caracterizar e classificar as grandes quantidades de dinheiro apostado e perdido como dimensão de um processo económico estrito. As apostas dirigem-se a outros objetivos, especialmente o prestígio decorrente da capacidade para gastar muito dinheiro, eventualmente sem qualquer contrapartida. Exceto para o caso de "uns poucos jogadores adictos arruinados" (1973: 433). Como o autor nada esclarece sobre as condições históricas em que esse tipo de apostas veio a ocorrer, considera-se aqui que a observação de Alexander mantém a sua integridade.

A abordagem de Erving Goffman (1961) segue a de Geertz no que este manifesta um verdadeiro desprezo pelo jogo em slot machines, chegando a afirmar que ele não constitui uma entidade sociológica. O mesmo já fizera Roger Caillois a propósito dos *alea*, tipo de jogos nos quais, sem outra característica digna de realce, o jogador apenas se renderia ao princípio da sorte (1979 [1958]).

restantes, também agora delimitadas pelos cercamentos. A terra passa a ser mercadoria, aqueles que a detêm são transformados em “proprietários”, todos os outros, dela expulsos, em pessoas desesperadas se dirigindo às cidades e aí procurando, quais proletários, trabalho na indústria têxtil nascente. Dito de outra maneira, a partir do século XV, a sociedade escocesa das Terras Altas vem a ser objeto de um processo de deslocação. Só a partir de então o uso do álcool passa a reportar “consumos” hoje caracterizados como aditivos.

Sem prejuízo do escrutínio a que alguns elementos da aproximação de Alexander poderão vir a estar sujeitos, ela apresenta desde já duas grandes vantagens: na primeira, aqui relevada em razão de um texto, este, destinado a ser apresentado em uma universidade das Américas, o que está em causa já não se reduz à necessidade de se procurarem novos conceitos, passíveis de contornar as perspectivas europeias sobre configurações que resultam de processos que são americanos. Enquanto utensílio teórico, a deslocação alcança tal desiderato na perfeição. Numa notável reviravolta, essa categoria passa, também e agora, a ser central mas para a análise de um processo histórico desenvolvido na Europa. A segunda, imediatamente útil para o que aqui nos ocupa, é a que estabelece uma diferença entre livre mercado e capitalismo: ao revelar a existência do primeiro num período anterior ao século XV europeu – há muito que existiam, e não apenas na Europa, numerário e práticas comerciais –, o autor argumenta que tal século inicia um ciclo no qual o que fica a estar em causa é o alargamento progressivo da sua lógica, sem baías – livre exatamente por essa razão –, a todos os domínios da vida “biossocial” (Ingold 2013: 9). Então iniciado, tal processo – também chamado globalização – ainda se encontra em marcha.

Em uma reflexão sobre a história *événementiel*, cuja importância estendemos ao que aqui nos ocupa, Michel Foucault afirma, algo surpreendentemente, que “o importante é tentar evitar fazer com o evento [acontecimento] o que antes foi feito com o conceito de estrutura”. E a elocução prossegue: “Não se trata de localizar tudo em um nível, o do evento, mas compreender que existe toda uma ordem de níveis de diferentes tipos de eventos que diferem em amplitude, fôlego cronológico e capacidade para produzir efeitos” (2006: 146-147). Levando adiante este esforço, e tendo agora em atenção a festa trance, poder-se-ão encarar todas as componentes deste acontecimento como estando também sujeitas, cada uma delas, a diferentes amplitudes, fôlegos cronológicos e capacidades para produzir efeitos. Esta aproximação é mais facilmente extensível a uma

análise da parafernália tecnológica que permite o transporte quer dos materiais usados no primeiro momento da transformação do lugar – edificado e decoração –, quer das pessoas – camionetas, carrinhas e automóveis –, e que possibilita ainda a criação e amplificação de uma música passível de lhes induzir uma experiência de som bem determinada. Mas ela pode também ser alargada às características específicas de um tipo de mobilidade a que chamamos dança ou, até, ao exame de gestos e posturas corporais envolvidos no conjunto da participação. Aí incluída, e porque adquirida em um processo cumulativo de experiência incorporada, a aparentemente fácil disposição do chamon, pronto a ser fumado. Quando tomados discretamente, os diferentes fôlegos cronológicos de cada um destes elementos – nos quais é de incluir até o Estado que, através do poder autárquico, outorga a autorização para a venda de bebidas alcoólicas e para a produção de um som para além de uma hora determinada – apresentam formas diversas de produzir efeitos. Concatenados, argumentamos, constituem a festa e a experiência da trip. Por maioria de razão, tal pesquisa deve, ainda que breve, incluir o LSD.

Sintetizado em 1938 por um químico suíço da *Sandoz Pharmaceuticals*, Albert Hofmann, o ácido veio a ser o herdeiro das expectativas então colocadas no uso desta droga – antes havia-o sido no da mescalina – tida como capaz de trazer grandes avanços para a terapia das psicoses: tomando-a e assim experimentando os seus efeitos, que mimetizariam a experiência de uma psicose, o psiquiatra estaria desde logo em condições de melhor compreender, e ajudar, os respetivos pacientes. Não admira por isso que, ainda nos anos cinquenta do século passado, em um diálogo com Aldous Huxley, e a propósito do potencial terapêutico da mescalina e do LSD, fosse um psiquiatra inglês, que chegou a residir e trabalhar no Canadá, Humphry Osmond, a criar o termo “psicodélico”, destinado a caracterizar e nomear uma nova categoria de psicoativos tidos como capazes de “expandir” a consciência (Stevens 1988: 3-57). Esta classificação, que inclusivamente prolonga o debate entre Lamarck e Darwin sobre a espécie humana, também vem a estribar a concepção do filósofo francês Henri Bergson sobre a “mente”, ou seja, sobre uma perspectiva a partir da qual ela poderá ser analisada como instância de fechamento e até limitação face às possibilidades fornecidas pela experiência do mundo (id. *ibid.*: 31-43). Assim encarado, o termo designa o uso de psicoativos que possuiriam a capacidade para eliminar os filtros impostos pela consciência, expandindo-a.⁷³ Para o seu uso

⁷³ A designação deste tipo de substâncias, nas quais deve ser incluída a psilocibina, tem uma história na qual se digladiam posições abonatórias ou derogatórias, como são, para além da classificação acima, os

contemporâneo é necessário dar conta de um processo no qual a proposta de Osmond e Huxley vem a articular uma sucessão de elementos americanos como são os escritores da geração beat (Cf. Haining 1975: 20-73 e Stevens 1988: vii- xvii), o uso do LSD em experiências organizadas pelos serviços secretos do exército dos EUA (Cf. Lee e Shlain 1985), a sua utilização em experimentos levados a cabo em Palo Alto (id. *ibid.*) e a continuidade das propostas do uso do ácido e outros psicoativos como instrumento terapêutico (Carneiro 2005: 57-82). E, claro, já nos anos sessenta do século passado, a presença conjunta com a música, nomeadamente com o chamado rock psicodélico, posteriormente exportado por alguns freaks e feito tocar nas primeiras festas por si organizadas nas praias de Goa.

O cruzamento da proposta de Bruce Alexander com aquela que resulta da desenvolvida por, e a partir de, Michel Foucault permite aquilatar a penetração relativa da lógica do mercado nos eventos que, como a festa trance e ainda que com uma capacidade reduzida para produzir efeitos na sociedade global, vêm constituindo a história e o devir daqueles que nela participam. Como exemplo da coabitação de outras contradições e incompatibilidades bastaria referi-la como acontecimento que vem a integrar um lastro de características estendidas a partir da chamada rebelião juvenil ocorrida na década de sessenta do século XX e quase cinco séculos de expansão da economia de livre mercado.⁷⁴

casos dos termos ‘psicotomiméticos’, ‘alucinogénios’ ou, até, ‘enteogénios’. Para uma breve discussão sobre uso contemporâneo dos termos, e ainda que por referência à ayahuasca, cf. Shanon 2002: 28-29.

⁷⁴ Quanto tomado discretamente, qualquer dos elementos acima referidos tem a sua própria história. Encadeados em um evento com características muito particulares, nunca deixam de trazer consigo algum lastro que vem a manter-se em sua configuração atual. A título de exemplo: não são poucos os utilizadores de LSD, particularmente os mais experientes, que – por oposição às bebidas alcoólicas e aos opiáceos – afirmam que o ácido “limpa a cabeça”. Tal formulação, que, por outros meios, prolonga a dimensão terapêutica do uso do LSD, pode ser melhor entendida quando parte de uma classificação que distribui e arruma os produtos em presença em duas categorias: “drogas para a cabeça” e “drogas para o corpo”. As contradições analisadas por Foucault, que estendemos à configuração actual do capitalismo, podem ainda ser compreendidas se encarmos a toma do ácido como “linha de fuga” (Deleuze e Guattari 1995, Zourabichvili 2004: 29-33, Stivale 2005) à ordem sensorial do quotidiano – prática bem afastada de uma hipotética razão cartesiana – e, em simultâneo, uma maneira de fazer persistir o dualismo entre o corpo e a mente.

CAPÍTULO 4 - EPÍLOGO

No jogo compulsivo levado a cabo em máquinas, o dinheiro adquire uma posição dianteira. Paradoxalmente, adquire-a pela ausência: ele passa a ser um objeto puro de desejo. Por mais que um jogador deste tipo jogue, nunca vem a ganhar o dinheiro que lhe permita repor as quantias perdidas ou pagar as dívidas de forma a tornar desnecessária a reiteração continuada no jogo.⁷⁵ Algures no percurso, o único objetivo passível de ser alcançado por quem joga é continuar a jogar. E o que é continuar a jogar?

No decurso do seu itinerário, o jogador vem a estabelecer com a máquina uma relação. A este propósito, Joana, mulher com quase cinquenta anos e casada com outro jogador, explica: “A mim seduzem-me as máquinas em si”. E desenvolve, descrevendo o tipo de sintonia que estabelece com esses engenhos:

O rolar, o abrir aquilo tudo, dar muitas borboletas, dar muitos gatos [representações que aparecem no écran da máquina] E depois os nervos que a pessoa sente... suponha que dá duas coisas [figuras] iguais.: ela faz tac, tac! Porque aquilo faz, bate precisamente tac, tac. E fazer assim, estar ali a noite toda à espera da terceira. A terceira batidela! [sinal sonoro indicativo de prémio]

⁷⁵ Ao contrário dos jogadores profissionais com atividade em casinos, que abandonam ou continuam cada período de jogo ou cada mão de acordo com uma avaliação das probabilidades em presença, não existem a circular entre jogadores compulsivos histórias sobre um ganho de uma grande quantidade de dinheiro. Ainda assim, muito raramente os jogadores profissionais abandonam um postura de precaução: em termos de uma contabilidade geral, mesmo não havendo grandes ganhos, também não há lugar a perdas. Não há jogadores profissionais em jogos de máquinas.

Chegava a certa altura já com uma tensão, porque ela só bate duas e vou sempre à terceira.

A entrevista na qual esta fala é realizada também esboça uma memória sinestésica: “Uma sensação! Só de falar nisto, estou a viver”. A dimensão propriocetiva desta memória está presente na repetição de uma ligeira, mas – e para usar a mesma palavra utilizada por Joana – tensa flexão para a frente da parte superior do corpo, assim acompanhando cada uma das onomatopaicas que referem o som e a ligeira trepidação emitidas pela máquina. Certas noites, dado o fim a uma sessão de jogo levada a cabo no casino e após chegada a casa com o marido, Joana procura o seu computador pessoal que, apesar das grandes diferenças entre elas, equipara a uma slot machine:

Para [...] para continuar a jogar. Que era a mesma coisa. O ritmo... o sistema é o mesmo. O sistema é o mesmo! As máquinas são muito parecidas, pronto. Não iguais, mas mesmo parecidas.

O medo de afixar os números de seus cartões eletrônicos na rede faz com que este uso do computador tenha como único objetivo, na simulação de uma slot machine, o acesso ao encadeamento de sons e imagens – o ritmo – por ela produzido. Ou seja, os jogadores usam o dinheiro como plataforma de acesso ao estado proporcionado pelo ato de jogar, ou melhor, pelo estado que vem a emergir da sua relação com a máquina. A perda da importância comumente atribuída ao dinheiro resulta, portanto, de um processo durante o qual o descentramento no seu valor resulta da passagem à centralidade das performances que vão constituindo essa mesma relação.

Não é uma relação unívoca. Hoje com mais de setenta anos e divorciado, António teve um longo itinerário de jogo, prolongado inclusive por alguns dos anos da sua aposentação. Neste último período dava como hora de início de cada sessão – a reiteração diária e a pontualidade aqui colocadas fazem-no referir-se ironicamente a isso como o “emprego” – as quinze horas, momento correspondente à abertura do casino que frequentava. Conta que quase invariavelmente, como outros jogadores como ele, se postava junto à porta com a antecedência necessária para, e porque mais perto dela quando da sua abertura, poder correr em direção à sala onde, até de madrugada e à hora do fecho,

as três, havia jogado no dia anterior e, assim, ser dos primeiros a aí chegar: a pressa destinava-se a garantir o regresso à máquina em que havia jogado anteriormente. A razão desta urgência decorre do raciocínio de que uma máquina que durante dias lhe nega um ganho substancial – que lhe permita continuar a jogar nos dias imediatamente subsequentes e, eventualmente, pagar algumas dívidas – acabará, mais cedo que tarde, por deixar de o fazer. Nas palavras de António, o desespero face à ausência continuada de um ganho do tipo acima descrito levou-o por duas vezes, já no fim de uma sessão, mais uma vez perto das três horas da madrugada, a agarrar a máquina e a gritar-lhe: “só comes, só comes e não dás nada!”. Marcado pela ausência de outra dimensão relacional – repete que o jogo marcou o seu divórcio, que mora sozinho e sem contato com o filho, limitando-se assim “a comer, dormir e ir ao casino” –, as exigências morais da reciprocidade são transferidas para o artefato com o qual se relaciona todos os dias. Dito de outra maneira, também António acabou por se ver seduzido pela máquina em si.

Existem entre o jogo e a festa trance uma semelhança. A este propósito, refira-se que a máquina é construída para que o jogador permaneça jogando a maior quantidade de tempo possível. Os seus construtores – no que a isso se junta a arquitetura do casino, concebida para criar em cada visitante uma experiência de recolhimento e bem-estar – referem explicitamente que se trata de aumentar aquilo que designam como “*the time on device*” (Schüll 2012). Cada jogador desenvolve por, e para, si próprio uma relação com a máquina. Ainda que de forma bem diferenciada da festa, também aqui estamos em presença da conjugação de um desenho e de uma intenção. A fim de ser habitada – um DJ confienciava que o objetivo último de um set deveria ser o desenvolvimento do que ele chamava “uma música tridimensional” –, também a festa exige o tempo necessário a que todos encontrem na dança e, eventualmente, na toma do ácido, um ápice no qual o fluxo da participação se desenvolva sem que a percepção do tempo constitua uma variável relevante: em uma festa em Goa, sem disso ter consciência e só depois disso ter sentido um enorme cansaço, Joana diz ter dançado catorze horas seguidas. Aqui chegados, a relação entre os festivaleiros é pautada pela envolvimento comum com a decoração, pela fruição conjunta da música e pelo movimento sincronizado dos corpos que dançam. O prazer que resulta de tal conjugação vem mesmo a constituir uma espécie de ecologia do sorriso: todos sorriem para todos. Dito de outra maneira: é como construção coletiva que a festa atinge o seu *apex*.

O final de uma festa e o final de uma sessão de jogo não poderiam ser mais contrastados. No caso da primeira é visível um grande cansaço nos corpos dos participantes – dando início à viagem de volta aos lugares de morada, a maioria dos festivaleiros adormece assim que se senta no carro –, na última, o fim de uma sessão dá lugar a uma outra performance: o desespero pela perda de mais dinheiro, que é como quem diz, uma maior dificuldade de um quotidiano no qual se vai cavando uma maior distância com as pessoas com as quais que o próprio jogador considera ter uma relação significativa. Não será por acaso que todos os jogadores silenciam, escondem ou negam na sua relação com os outros a forma reiterada como jogam, ao passo que os festivaleiros procuram no lugar de morada aqueles que sejam melhores interlocutores nos comentários sobre a qualidade das festas em que participam.

Ao contrário da participação na festa, a solidão de cada sessão de jogo – e o chamado jogador compulsivo tende a jogar todos os dias – estende-se aos momentos que a antecedem e se lhe sucedem. Por estranho que pareça, os Anónimos estendem a necessidade desta solidão à abstinência e à recuperação. Embora valorize a minha presença nas reuniões do grupo de Famílias Anónimas e me sinta solidário com todos os que nelas participam, nunca consegui de deixar de sentir que, para ser ajudado a deixar o jogo, cada jogador era empurrado pelos seus familiares para uma forma diversa de solidão: preferencialmente deixado com a dificuldade em, sozinho, pagar suas dívidas e obrigado a obedecer a um conjunto de novas regras na organização do grupo doméstico – alguns homens e mulheres, em um processo de inversão de poder, têm mesmo de entregar a gestão do seu dinheiro a outros familiares, filhos inclusive –, tudo se desenvolve como se apenas estivesse em causa um diferente processo de individuação extrema. Enquanto joga e quando deixa de jogar, aquele que o faz transforma-se, e ainda que de formas diferentes, em um indivíduo perfeito. Ora não é desse tipo a transformação induzida pela festa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

As traduções de obras citadas em línguas estrangeiras são da responsabilidade do autor

Adey, Peter (2010). *Mobility*. Londres, Routledge.

Alexander, Bruce K. (2011). *The Globalization of Addiction. A Study in Poverty of the Spirit*. Oxford, Oxford University Press.

Almeida Vasconcelos, Luís (2003). *Heroína. Lisboa Como Território Psicotrópico nos Anos Noventa*. Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.

Almeida Vasconcelos, Luís (2006). *Etnográfica*, Número Especial, 71-72.

Almeida Vasconcelos, Luís (2007). Setting, Transformation & Mobilities. In *Boom Book*, Lisboa, Good Mood, 110-119.

Almeida Vasconcelos, Luís (2013). A Produção do Efêmero. Mobilidades e Fixidez na Festa Trance. In *A Globalização no Divã*. Coordenado por Renato M. Carmo, Daniel Melo e Ruy L. Blanes, Lisboa, Tinta da China, 89-105.

Antze, Paul (2003). Symbolic Action in Alcoholics Anonymous. In *Constructive Drinking. Perspectives on Drink from Anthropology*. Mary Douglas Collected Works, Vol. X, London and New York, Routledge, 149-181.

Bateson, Gregory (1971). The Cybernetics of “Self”: a Theory of Alcoholism. In *Steps to an Ecology of Mind*. Jason Aronson, Northvale (NJ) and London, 225-243.

Benjamin, Walter (2008 [1936]). *The Work of Art in the Age of Mechanical Reproduction*. London, Penguin.

Bezerra, Clarissa M. F. (2002). *A Festa Como Ritual e a Constituição da Cena Eletrônica de Brasília*. Universidade de Brasília, Dissertação de Graduação.

Biehl, João, and Peter Locke (2010). Deleuze and the Anthropology of Becoming. *Current Anthropology*, 51(3), 317-351.

Brandt, Allan (1997). Behavior, Disease, and Health in the Twentieth-Century United States. The Moral Valence of Individual Risk. In *Morality + Health*, Allan Brandt and Paul Rozin, eds., New York, Routledge, 53-77.

Bregman, Albert (1994). *Auditory Scene Analysis*. Cambridge, MA, MIT Press.

Caillois, Roger (1979 [1958]). *Man, Play, and Games*. New York, Free Press.

Calado, Vasco G. (2006). *Drogas Sintéticas. Mundos Culturais, Música Trance e Ciberespaço*. Lisboa, Instituto da Droga e Toxicodependência.

Campos, Edmilson Antunes de (2010). *'Nosso Remédio É a Palavra': uma etnografia sobre o modelo terapêutico de Alcoólicos Anônimos*. Rio de Janeiro, Fiocruz.

Carneiro, Henrique (2005). A Odisséia Psiconáutica: A História de um Século e Meio de Pesquisas sobre Plantas de Substâncias Psicoativas. In *O Uso Ritual das Plantas de Poder*. Beatriz Caiuby Labate, e Sandra Lucia Goulart, eds., Campinas, Mercado das Letras, 57-82.

Conrad, Peter, and Joseph Schneider (1992). *Deviance and Medicalization. From Badness to Sickness*. Philadelphia, Temple University Press.

Côrtes, Mariana M. P. (2012). *Diabo e Fluoxetina. Formas de Gestão da Diferença*. Campinas, UNICAMP, tese de doutoramento.

Cresswell, Tim (2006). *On the Move. Mobility in the Modern Western World*. Nova Iorque e Londres, Routledge.

Cresswell, Tim (2011). Mobility. In *The Sage Handbook of Geographical Knowledge*. Editado por John A. Agnew e David N. Livingstone, Londres, Sage, 572-580.

Deleuze, Gilles (2016a). Dois Regimes de Loucos. In *Dois Regimes de Loucos. Textos e Entrevistas (1975-1995)*. São Paulo, Editora 34, 15-21.

Deleuze, Gilles (2016b). Duas Questões Sobre a Droga. In *Dois Regimes de Loucos. Textos e Entrevistas (1975-1995)*. São Paulo, Editora 34, 158-162.

Deleuze, Gilles (2016c). Oito Anos Depois: Entrevista de 80. In *Dois Regimes de Loucos*, São Paulo, Editora 34, 184-188.

Deleuze, Gilles e Félix Guattari (1995). *Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Editora 34.

Dewsbury, J.D. (2011). Dancing. The Secret Slowness of the Fast. In *Geographies of Mobilities. Practices, Spaces, Subjects*, Tim Cresswell e Peter Merriman, eds., Farnham, Ashgate, 51-67.

Dickerson, Mark (1996). Why 'Slots' Equals 'Grind' in Any Language. The cross-cultural popularity of the slot machine. In *Gambling Cultures. Studies in history and interpretation*. London and New York, Routledge, 152-166.

Elliot, Luther C. (2006). *Mobile Consciousness, Flexible Culture. Notes on the Rise and Fall of Goa Trance*. Universidade de Nova Iorque, Dissertação de Doutorado.

Fales, Cornelia (2002). The Paradox of Timbre. *Ethnomusicology*, Vol. 46 (1), 56-95.

Fainzang, Sylvie (1996). *Ethnologie des Anciens Alcooliques. La Liberté ou la Mort*. Paris, Presses Universitaires de France.

Feld, Steven (1996). Waterfalls of Song: An Acoustemology of Place Resounding in Bosavi, Papua New Guinea. In *Senses of Place*. Steven Feld & Keith Basso, eds., Santa Fé, School of American Research Press, 91-135.

Ferentzy, Peter, and Nigel Turner (2013). *The History of Problem Gambling*. New York, Springer.

Foucault, Michel (1984). Des Espaces Autres. *Architecture, Mouvement, Continuité*, Vol. 5, 46-49.

Foucault, Michel (2006). Truth and Power. In *The Chomsky-Foucault Debate on Human Nature*, introduzido por John Rajchaman, Nova Iorque, The New Press, 140-171.

Fróis, Catarina (2009). *Dependência, Estigma e Anonimato nas Associações de 12 Passos*. Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.

Geertz, Clifford (1973). Deep Play: Notes on the Balinese Cockfight. In *The Interpretation of Cultures*, Londres, Fontana Press, 412-453.

Gell, Alfred (1996 [1992]). *The Anthropology of Time. Cultural Constructions of Temporal Maps and Images*. Oxford, Berg.

Goffman, Erving (1961). Fun in Games. In *Encounters. Two Studies in the Sociology of Interaction*, E. Goffman, ed., Indianapolis, Bobbs-Merril.

Graeber, David (2001). *Toward an Anthropological Theory of Value. The False Coin of our Own Dreams*. New York, Palgrave.

Graeber, David (2011a). *Debt. The First Five Thousand Years*. Brooklyn, Melville Publishing House.

Graeber, David (2011b). Consumption. *Current Anthropology*, (52) 4, 489-511.

Guattari, Félix (1977). *La Révolution Moléculaire*. Fontenay-sous-Bois, Recherches.

Guyer, Jane (2012). Obligation, Binding, Debt and Responsibility: Provocations about Temporality from Two New Sources. *Social Anthropology*, 20(4), 491-501.

Hacking, Ian (1999). *The Social Construction of What?*. Cambridge (Mass.), Harvard University Press.

Haining, Peter (1975). *The Hashish Club. An Anthology of Drug Literature*. Vol. II: The Psychedelic Era. From Huxley to Lennon. Londres, Peter Owen.

Handelman, Don (1998). *Models and Mirrors. Towards an Anthropology of Public Events*. Nova Iorque e Oxford, Berghahn Books.

Helman, Cecil (2003). Cuidado e Cura: Os Setores de Assistência à Saúde. In *Cultura, Saúde e Doença*. São Paulo, Artmed, 71-107.

Howes, David (2006). *Sensual Relations. Engaging the Senses in Culture & Social Theory*. Ann Arbor, The University of Michigan Press.

Husserl, Edmund (1973). *Experience and Judgment. Investigations in a Genealogy of Logic*. Trans. J. S. Churchill e K. Ameriks, Evanston, Ill., Northwestern University Press.

Ingold, Tim (2011). *Being Alive. Essays on Movement, Knowledge and Description*. Londres, Routledge.

Ingold, Tim (2013). Prospect. In *Biosocial Becomings*, Tim Ingold e Gisli Palsson, eds., Cambridge, Cambridge University Press, 1- 21.

Ingold, Rodolphe, e Mahamed Toussirt (1998). *Le Cannabis en France*. Paris, Anthropos.

Jackson, Phil (2004). *Inside Clubbing. Sensual Experiments in the Art of Being Human*. Oxford e Nova Iorque, Berg.

Jog-Anon - Famílias em Acção (s.d.). *Orientações Gerais*. Edição brasileira.

Keil, Charles (2005). Participatory Discrepancies and the Power of Music. In *Music Grooves*, Charles Keil e Steven Feld, eds., Tucson, Fenestra Books, 96-108.

Kleinman, Arthur (1988). *The Illness Narratives. Suffering, Healing, and the Human Condition*. New York, Basic Books.

Kleinman, Arthur (1997). *Writing at the Margin. Discourse Between Anthropology and Medicine*. Berkeley, University of California Press.

Latour, Bruno (1991). *Nous n'Avons Jamais Été Modernes. Essai d'Anthropologie Symetrique*. Paris, Éditions de la Découverte.

Lee, Martin A., e Bruce Shlain (1985). *The Complete Social History of LSD. The CIA, the Sixties, and Beyond*. Nova Iorque, Grove Press.

Lynch, K. (1981). *A Theory of Good City Form*. Cambridge, MA, MIT Press.

Malbon, Ben (1999). *Clubbing. Dancing, Ecstasy and Vitality*. Londres e Nova Iorque, Routledge.

Maurer, Bill (2006). The Anthropology of Money. *Annual Review of Anthropology*, 35, 15-36.

- McAtter, Michael B. (2002). *Redefining the Ancient Tribal Ritual for the 21st Century. Goa Gil and the Trance Dance Experience*. Londres, Real College, Dissertação de Bacharelato.
- Miller, Daniel (2001). Driven Societies. In *Car Cultures*, Daniel Miller, ed., Oxford, Berg, 1-33.
- Munn, Nancy (1992). The Cultural Anthropology of Time. *Annual Review of Anthropology*, 21, 93-123.
- Nielsen, Svea, e Constance Bettencourt (2008). KosmiCare. Creating Safe Spaces for Difficult Psychedelic Experiences. *MAPS*, Vol. 18 (3), 39-44.
- Panasitti, Mike, and Natasha Schüll (1994). *Re-articulating the Moral Economy of Gambling*. Kroeber Anthropological Society Papers, 77, 65-102.
- Parry, Jonathan, and Maurice Bloch (1989). Introduction. In *Money and the Morality of Exchange*. Jonathan Parry e Maurice Bloch, eds., Cambridge, Cambridge University Press, 64-93.
- Prendergast, Mark (2003). *The Ambient Century. From Mahler to Moby – The Evolution of Sound in the Electronic Age*. Londres, Bloomsbury.
- Pladott, Udi (2002). *Meaning, Motion and Gesture in Psychedelic Trance Music*. Universidade de Tel Aviv, Departamento de Musicologia, policopiado.
- Ravaissom, Félix (2008). *Of Habit*. Tradução, introdução e comentário de Clare Carlisle e Mark Sinclair, New York, Continuum.
- Reith, Gerda (1999). *The Age of Chance. Gambling and Western Culture*. London and New York, Routledge.
- Reynolds, Simon (1998). *Energy Flash. A Journey Through Rave Music and Dance Culture*. Londres, Picador.
- Sahlins, Marshall (2002). *Waiting for Foucault, Still*. Chicago, Prickly Paradigm Press.
- Saldanha, Arun (2004). Gora Trance and Trance in Goa. Smooth Striations. In *Rave Culture and Religion*. Graham St John, ed., Londres, Routledge, 273-286.
- Saldanha, Arun (2007). *Psychedelic White. Goa Trance and the Viscosity of Race*. Minneapolis, University of Minnesota Press.
- Salazar, Noel B. (2018). Theorizing Mobility Through Concepts and Figures. *Tempo Social*, 30(2), 153-168.

Saris, Jamie E. (2013). Committed to Will. What's at Stake for Anthropology in Addiction. In *Addiction Trajectories*, Eugene Raikhel and William Garriott, eds., Durham, Duke University Press, 263-283.

Schüll, Natasha Dow (2012). *Addiction by Design. Machine Gambling in Las Vegas*. Princeton, Princeton University Press.

Schüll, Natasha Dow (2013). Balancing Acts. Gambling-Machine Addiction and the Double Bind of Therapeutics. In *Addiction Trajectories*, Durham, Duke University Press, 61-87.

Shanon, Benny (2002). *The Antipodes of the Mind. Charting the Phenomenology of the Ayahuasca Experience*. Oxford, Oxford University Press.

Shapiro, Harry (1999). Dances With Drugs. Pop Music, Drugs and Youth Culture. In *Drugs. Cultures, Controls and Everyday Life*, Nigel South ed., Londres, Sage, 17-35.

Singh, Bhargupati (2014). How Concepts Make the World Look Different. Affirmative and Negative Genealogies of Thought. In *The Ground Between. Anthropologists Engage Philosophy*. Veena Das, Michael Jackson, Arthur Kleinman e Bhargupati Singh, eds., Durham, Duke University Press, 159-187.

South, Nigel (1999). Debating Drugs and Everyday Life. Normalisation, Prohibition and 'Otherness'. In *Drugs. Cultures, Controls and Everyday Life*, Nigel South, ed., Londres, Sage, 1-15.

Stevens, Jay (1988). *Storming Heaven. LSD and the American Dream*. Nova Iorque, Harper & Row.

Stivale, Charles J., ed. (2005). *Gilles Deleuze. Key Concepts*. Montreal, McGill-Queen's University Press.

St John, Graham, ed. (2001). *Free NRG. Notes at the Edge of the Dance Floor*. Altona, Common Ground.

St John, Graham (2004). Introduction. In *Rave Culture and Religion*, Graham St John, ed., Nova Iorque, Routledge, 1-15.

Strathern, Marilyn (2014a). Os Limites da Autoantropologia. In *O Efeito Etnográfico*. São Paulo, Cosac Naify, 133-157.

Strathern, Marilyn (2014b). Cortando a Rede. In *O Efeito Etnográfico*. São Paulo, Cosac Naify, 295-319.

Takahashi, Melanie (2004). The 'Natural High'. Altered States, Flashbacks and Neural Tuning at Raves. In *Rave Culture and Religion*, Graham St John, ed., Nova Iorque, Routledge, pp. 145-164.

Taussig, Michael (1991). Tactility and Distraction. *Cultural Anthropology*, 6(2), 147-153.

Turner, Victor (1957). *Schism and Continuity in an African Society. A Study of Ndembu Village Life*. Manchester, Manchester University Press.

Turner, Victor (1969). *Ritual Process. Structure and Anti-Structure*. New York, Routledge.

Turner, Victor (1986). Dewey, Dilthey, and Drama. An Essay in the Anthropology of Experience. In *The Anthropology of Experience*, Victor Tuner and Edward M. Bruner, eds., Urbana and Chicago, The University of Illinois Press, 33-44.

Viveiros de Castro, Eduardo (2004). Perspectival Anthropology and the Method of Controlled Equivocation. *Tipiti*, 2(1), 3-22.

Viveiros de Castro, Eduardo (2015). *Metafísicas Canibais*. São Paulo, Cosac Naify.

Weber, Max (2011). *A “Objetividade” do Conhecimento nas Ciências Sociais*. Tradução, Apresentação e Comentários de Gabriel Cohn, São Paulo, Ática.

Wilf, Eitan (2010). Swinging Withith the Iron Cage. Modernity, Creativity, and Embodied Practice in American Postsecondary Jazz Education. *American Ethnologist*, 37(3), 563-582.

Zourabichvili, François (2004). *O Vocabulário de Deleuze*. Centro Interdisciplinar de Estudo em Novas Tecnologias da Informação, Rio de Janeiro.

Anexos – Anexo 1

Perfil Sócio demográfico: Participantes na Festa Trance

N total = 1146

1 – Sexo

SEXO					
		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	1 Masculino	814	71,0	71,0	71,0
	2 Feminino	332	29,0	29,0	100,0
	Total	1146	100,0	100,0	

Verifica-se uma percentagem de inquiridos do sexo masculino maior do que do sexo feminino, nomeadamente 71% para 29%

2 – Idade

IDADE Idade do inquirido no dia da festa					
Mean	Median	Mode	Standard Deviation	Minimum	Maximum
23.39	22	22	5.200	13	57

A média das idades dos frequentadores das festas inquiridos é de 23,39 anos. A distribuição das idades dos frequentadores das festas encontra-se entre os 13 (indivíduo mais novo inquirido) e os 57 anos (indivíduo mais velho inquirido).

Vejamos os escalões etários

IDADE2 Escalões etários					
		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	1 Até 17 anos	65	5,7	5,7	5,7
	2 18 - 20 anos	298	26,0	26,0	31,7
	3 21 - 24 anos	416	36,3	36,3	68,0
	4 25 - 30 anos	268	23,4	23,4	91,4
	5 mais de 30 anos	99	8,6	8,6	100,0
	Total	1146	100,0	100,0

2.2 Idade * sexo

Os resultados mostram que a média das idades dos inquiridos do sexo masculino (M=23,7) é ligeiramente superior à média das idades dos inquiridos do sexo feminino (M=22,7).

IDADE Idade do inquirido no dia da festa

95% Confidence Interval for Mean								
	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error	Lower Bound	Upper Bound	Minimum	Maximum
1 Masculino	814	23,66	5,284	,185	23,30	24,03	13	57
2 Feminino	332	22,73	4,933	,271	22,19	23,26	14	44
Total	1146	23,39	5,200	,154	23,09	23,69	13	57

3 – Profissão

CLASSPROF Classificação das profissões

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	1 Quadros dirigentes da administração pública, dirigentes e quadros superiores de empresas	8	,7	,7	,7
	2 Pessoal de profissões intelectuais, científicas e artísticas	40	3,5	3,6	4,3
	3 Técnicos e profissionais de nível Intermediário	41	3,6	3,7	8,0
	4 Pessoal administrativo e similares	105	9,2	9,5	17,5
	5 Pessoal do comércio e vendedores	101	8,8	9,1	26,6
	6 Pessoal dos serviços de protecção e segurança	13	1,1	1,2	27,8
	7 Agricultores, criadores de animais, trabalhadores agrícolas	19	1,7	1,7	29,5
	8 Trabalhadores da produção das indústrias extractiva e transformadora	239	20,9	21,6	51,0
	9 Membros das forças armadas	8	,7	,7	51,8
	10 Estudantes do ensino não superior	172	15,0	15,5	67,3
	11 Estudantes do ensino superior	186	16,2	16,8	84,0
	12 Desempregados	159	13,9	14,3	98,4
	13 Profissionais do trade (produtores, decoradores, lojistas)	17	1,5	1,5	99,9
	14 Reformado	1	,1	,1	100,0
	Total	1109	96,8	100,0	
Missing	0 NR	37	3,2		
Total		1146	100,0		

Relativamente ao grupo socioprofissional, os indivíduos inquiridos exercem diversas profissões, salientando-se a presença de Trabalhadores da produção das indústrias extractiva e transformadora (21,6%) e de estudantes, a frequentar ou não o ensino superior (32,3%). A fim de que não fosse um quadro longo, foram adaptadas as categorias referentes à Classificação Nacional de Profissões portuguesa, criada pelo Instituto Nacional de Estatística.

Ainda que referentes à situação na profissão, foram agregados os dados correspondentes ao número de desempregados. Foi igualmente criada uma profissão: Profissionais do trade (produtores, decoradores, lojistas).

Anexo 2 – Mobilidade

Mobilidade

Distância percorrida

Estatística descritiva					
	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
DIST_KM Distância entre o Concelho de residência e o Concelho da festa de inquérito	1102	0	598	131,59	104,521
Valid N (listwise)	1102				

A média de distância percorrida pelos inquiridos é de 131,59 km. A média varia entre 0 (nenhuma distância percorrida) e 598 km (máximo de distância percorrida).

O cálculo da distância percorrida é feita a partir da distância em km do concelho (município) de residência do inquirido e o concelho (município) de realização da festa.

Distancias * sexo

Os resultados mostram que não existem diferenças significativas na média de distâncias percorridas por homens e mulheres. Isto é, a média de distância percorrida pelos homens é ligeiramente diferente daquela percorrida pelas mulheres.

Descriptives								
DIST_KM Distância entre o Concelho de residência e o Concelho da festa de inquérito								
					95% Confidence Interval for Mean			
	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error	Lower Bound	Upper Bound	Minimum	Maximum
1 Masculino	787	128,52	102,661	3,659	121,34	135,70	0	562
2 Feminino	315	139,25	108,820	6,131	127,19	151,32	0	598
Total	1102	131,59	104,521	3,149	125,41	137,77	0	598

Meio de transporte

TRANSP Meio de transporte para a festa

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	1 Público	78	6,8	6,8	6,8
	2 Alugado	6	,5	,5	7,4
	3 Privado próprio	397	34,6	34,9	42,2
	4 Privado amigo	629	54,9	55,2	97,5
	5 Privado outro	29	2,5	2,5	100,0
	Total	1139	99,4	100,0	
Missing	0 NA/NR	7	,6		
Total		1146	100,0

Os meios de transporte mais utilizados na deslocação para as festas são o veículo privado de um amigo (55,2%) e o veículo privado próprio (34,9%).

Meio de transporte* Sexo

Os resultados mostram que existem diferenças em termos do meio de transporte utilizado por homens e mulheres.

TRANSP_r * SEXO					
			SEXO		Total
			1 Masculino	2 Feminino	
Transporte	1 Público	Count	55	23	78
		% within SEXO Sexo	6,8%	7,0%	6,8%
		Residual	-,6	,6	
	3 Privado próprio	Count	313	84	397
		% within SEXO Sexo	38,5%	25,7%	34,9%
		Residual	30,0	-30,0	
	4 Privado amigo	Count	424	205	629
		% within SEXO Sexo	52,2%	62,7%	55,2%
		Residual	-24,4	24,4	
	5 Privado outro	Count	20	15	35
		% within SEXO Sexo	2,5%	4,6%	3,1%
		Residual	-5,0	5,0	
Total	Count		812	327	1139
	% within SEXO Sexo		100,0%	100,0%	100,0%
	Residual				

Analisando as categorias de meio de transporte mais utilizadas pelos inquiridos, vemos que a percentagem de homens que percorre o trajecto para a festa utilizando um veículo privado próprio é superior à percentagem de mulheres (38,5% para 25,7%), verificando-se a tendência inversa no que diz respeito à opção de um veículo privado amigo, onde a percentagem de mulheres é maior comparativamente com a dos homens (62,7% para 52,2%).

Meio de transporte* Idade

Os resultados mostram que existem diferenças significativas.

Estes revelam que a média das idades dos inquiridos que recorrem ao meio de transporte “privado próprio” (M=25) e “privado outro” (M=24,2) é mais elevada do que os que recorrem a um transporte “público” (M=20,8) ou a um veículo “privado de um amigo” (M=22,6). Isto é, são os inquiridos mais novos que viajam em transportes públicos ou “de carona”.

Descriptives

IDADE Idade do inquirido no dia da festa

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error	95% Confidence Interval for Mean		Minimum	Maximum
					Lower Bound	Upper Bound		
1 Público	78	20,78	3,840	,435	19,92	21,65	15	37
3 Privado próprio	397	25,03	5,537	,278	24,48	25,57	16	55
4 Privado amigo	629	22,63	4,689	,187	22,26	23,00	13	57
5 Privado outro	35	24,23	7,369	1,246	21,70	26,76	16	48
Total	1139	23,39	5,212	,154	23,08	23,69	13	57

Anexo 3 – Mapas

Festa 1

Festa 2

Projeção de Hayford Gauss - Datum 73

Festa 4

Festa 5

Projeção de Hayford Gauss - Datum 73

Festa 7